

Anna Carolina de Paiva Leal

EJA NA TELA: **Uma análise da série *Segunda Chamada***

Belo Horizonte

2022

Anna Carolina de Paiva Leal

EJA NA TELA: **Uma análise da série *Segunda Chamada***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas

Orientador: Professor Doutor Leôncio José Gomes Soares

Belo Horizonte

2022

L435e
T

Leal, Anna Carolina de Paiva, 1994-
EJA na tela [manuscrito] : uma análise da série Segunda chamada / Ana Carolina de Paiva Leal. -- Belo Horizonte, 2022.
130 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientador: Leôncio José Gomes Soares.
Bibliografia: f. 114-125.
Anexos: f. 126-130.

1. Segunda chamada (Programa de televisão) -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Educação de adultos -- Teses. 4. Educadores de adultos -- Formação -- Teses. 5. Pluralismo cultural -- Teses. 6. Televisão na educação -- Teses.
I. Título. II. Soares, Leôncio José Gomes. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374

Catalogação da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecária: Raissa Michalsky Martins CRB6 3155/O

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

EJA na Tela: um estudo sobre a Série Segunda Chamada

ANNA CAROLINA DE PAIVA LEAL

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 20 de dezembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Leôncio José Gomes Soares - Orientador
UFMG
Prof(a). Natalino Neves da Silva
UFMG
Prof(a). Ana Karina Brenner
UERJ

Belo Horizonte, 4 de novembro de 2024.

Prof(a). Jaima Pinheiro de Oliveira
Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação
em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

Documento assinado eletronicamente por **Jáima Pinheiro de Oliveira**, **Subcoordenador(a)**, em 06/11/2024, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3701244** e o código CRC **0A931777**.

Referência: Processo nº 23072.264217/2024-83 SEI nº 3701244

Dedico esse trabalho a todos que batalham diariamente em busca de uma educação emancipatória, para assim alcançar o fim do capitalismo e construir uma sociedade nunca antes vista.

AGRADECIMENTOS

“Tudo que nóis tem é nóis!” Começar com esse trecho da música do Emicida é a melhor forma de expressar minha gratidão a cada pessoa que fez parte dessa conquista.

Agradeço a toda a comunidade da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG) e ao Ocupa FaE por me formar uma cidadã crítica e me incentivar a esperançar a educação.

Aos professores da FaE e da UFMG pelos compartilhamentos de aulas, lutas, conquistas que fizeram parte da minha formação.

Ao meu orientador e amigo Leôncio Soares, Léo, com quem tive a oportunidade de aprender cotidianamente desde a graduação, por entender que sou militante, além de pesquisadora em formação. Léo é inspiração na construção de uma educação freiriana. É fascinante vê-lo lecionando sempre atento, ouvindo, observando, partindo da realidade dos sujeitos envolvidos no processo de escolarização. Meu muito obrigada por tanto!

Ao professor Natalino da Silva e à professora Ana Karina Brenner, por terem aceitado compor esta banca. Agradeço o olhar atento ao trabalho e as contribuições.

À Meiriele Cruz por ter um coração gigante e por ajudar cada uma de nós a nos formarmos pesquisadoras. Você foi fundamental Meire! Obrigada pelas leituras e comentários que teceu ao meu trabalho e por ser tão atenciosa com nossa saúde mental.

À Trinidad Vaccarezza minha amiga argentina querida, por compartilhar os desafios da pesquisa de mestrado, pelas leituras no meu trabalho e por sempre ser tão generosa e acolhedora.

À Thays Hellena por me acompanhar desde a graduação e demonstrar que os desafios de se fazer pesquisa existem, mas que é possível superar. Thata é uma das pessoas mais organizadas que conheço e agora começa um novo ciclo da vida. Seja muito feliz Thata!

À Clarice Wilken, a nossa mais nova doutora, por demonstrar, com atitudes seu coração generoso que mesmo com a ressaca de ter acabado de defender sua tese, se dispôs a ler e comentar parte do meu trabalho.

Ao Jerry Adriani por ser alto astral, contribui com conversas e reflexões sobre a EJA. Eu aprendo muito com você, obrigada por tudo!

À Fernanda Silva, a pessoa mais doce que já conheci! Fê, você é inspiração de como levar a vida com leveza.

À Rafaela Soares, por contribuir com o início do meu envolvimento com pesquisa, ainda na graduação. Por ser autêntica, determinada e humana.

À Geovania dos Santos, por lutar pela manutenção e avanço de nosso grupo de pesquisa.

À Evely Aquino, minha companheira de ingresso, pelos nossos papos das angústias compartilhadas.

Aos demais amigos do GRUPEJA, Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação de Jovens e Adultos, por compartilhar essa rede de afeto e estudos em busca de uma sociedade mais justa e consequentemente, uma EJA de qualidade: Adenilson, Isamara, Angelita, Maria Victoria, Julio, Ana Rosa, Suellen, Anna, Ana Paula, Luciana, Laura e Thayná.

À minha namorada e companheira de vida, Luanna Ramalho, minha linda. Sorte a minha encontrar uma mulher tão atenciosa, interessada e disposta a compartilhar a vida comigo. Essa conquista seria muito mais difícil sem sua paciência em reassistir à série dezenas de vezes comigo, assim como me ouvir falando sobre a pesquisa e no estresse da escrita. Te amo muito!

À Val, minha amiga desde a graduação, por ser uma grande incentivadora e por ser sempre disposta a me ajudar em tudo.

Ao Movimento Estudantil, em especial ao Afronte!, por me demonstrar que outra sociedade só é possível de ser alcançada com luta cotidiana. Só a luta muda a vida.

À Resistência/PSOL por compartilhar um projeto revolucionário. É necessário se mudar estruturalmente essa sociedade e isso só será feito por nós mesmos.

Aos meus amigos da militância, em especial a Carol Laurentino, por ter ficado até altas horas comigo na reta final, sempre disposta a ajudar.

Aos meus amigos do intercâmbio por seguirem sendo ponto de apoio.

Aos meus amidos da FaE Raquel, Érica, Rafa Marciano, Laura, Andressa, João, Lucas, Rafa Arcanjo por transformarem a Faculdade em um lugar melhor!

À Luana Resende por ser uma grande amiga, me ajudando no início da minha docência e por ser uma das professoras mais dedicadas que conheço.

Ao meu amigo querido Tatá, que foi fundamental durante o processo de ingresso e nunca deixou de me incentivar. Você é incrível e é uma sorte grande te ter comigo Tatá. Aproveite essa nova fase e nunca esqueça que sou sua fã. O mundo precisa de mais pessoas como você.

À minha família por contribuir com que chegasse até aqui.

Aos professores e estudantes da EJA que lutam cotidianamente em defesa da educação e por uma sociedade mais justa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e à luta estudantil, pela concessão da bolsa de pesquisa, fundamental para minha permanência.

[...] que a transformação radical de tal sistema – e não sua pura reforma – deve ser um objetivo que se persiga de maneira cada vez mais clara e mais rápidas. (Freire, 1978, p. 17)

Pra que amanhã não seja só um ontem com um novo nome
[...] Levanta essa cabeça, enxuga essas lágrimas, certo? Respira fundo e volta pro ringue.
[...] Com a fúria da beleza do sol, entendeu?
Faz isso por nóiz
(Emicida, 2019)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a série televisiva *Segunda Chamada*, uma obra fictícia, baseada em fatos reais, que aborda a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública de São Paulo. A série foi ao ar em duas temporadas pela Rede Globo, sendo a primeira em 2019, com 11 episódios, e a segunda em 2021, com seis episódios. Para cumprir com os objetivos da pesquisa, analisaram-se, além dos 17 episódios exibidos, entrevistas semiestruturadas realizadas com uma das autoras da série e dois atores do elenco. Entrevistou-se, ainda, um diretor de uma das escolas de EJA que serviu de referência para a produção da série. Como resultado, a série *Segunda Chamada* evidenciou, dentre outros aspectos, a diversidade existente entre os estudantes da EJA, a realidade dos professores e a estrutura precarizada das escolas que ofertam a EJA. Espera-se que a pesquisa contribua para a compreensão das especificidades dos sujeitos desse campo da educação e para a reflexão sobre a formação de educadores dessa modalidade de ensino, bem como para subsidiar a formulação de políticas públicas para a área.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; *Segunda Chamada*; Série televisiva; Especificidades da EJA.

ABSTRACT

This study aims to analyze the television series *Segunda Chamada*, a fictional work based on real facts which addresses the Education of Youth and Adults (EJA) in a public school in São Paulo. The series aired in two seasons on Rede Globo, the first in 2019, with eleven episodes, and the second in 2021, with six episodes. To meet the research objectives, we analyzed, in addition to the seventeen episodes aired, semi-structured interviews with one of the authors of the series and two actors from the cast. We also interviewed a director of one of the EJA schools that served as reference to produce the series. As a result, the *Segunda Chamada* series showed, among other aspects, the diversity among EJA students, the reality of the teachers, and the precarious structure of the schools that offer EJA. It is expected that the research will contribute to the understanding of the specificities of the subjects of this field of education and to the reflection on the training of educators in this modality of education, as well as to subsidize the formulation of public policies for the area.

Keywords: Youth and Adult Education; *Segunda Chamada*; TV series; specificities of EJA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Diagrama das especificidades nas propostas de EJA..... 20
Figura 2 – Jaci assistindo a notícia de cortes de 30% na educação..... 24
Figura 3 – Sala de aula alagada durante a aula de Sônia.....37
Figura 4 – professores observando a pichação que diz “Enquanto houver repressão, haverá resistência”..... 39
Figura 5 – Gislaine abraçando seu filho..... 46
Figura 6 – Solange tampa a boca de sua filha ao roubar da cantina..... 47
Figura 7 – Manifestação espontânea das estudantes em defesa da amamentação..... 50
Figura 8 – Evelyn mostrando roupa manchada de menstruação..... 56
Figura 9 – Sônia convence Natasha a seguir na apresentação..... 58
Figura 10 – Maycon relatando sua situação de vida na aula de Marco André.....60
Figura 11 – mensagem deixada no quadro por outros estudantes que comercializavam na escola..... 63
Figura 12 – Valquíria sendo negada de vaga de emprego por conta de sua tornozeleira eletrônica..... 66
Figura 13 – Depoimento de Carlos Alberto..... 68
Figura 14 – Wallace em seu local de trabalho.....68
Figura 15 – Wallace sendo carregado pelo colega..... 70
Figura 16 – Silvio tomando banho na torneira da escola..... 72
Figura 17 – Néia chora ao assumir que não é alfabetizada..... 73
Figura 18 – Chegada de Marco André à Escola Carolina Maria de Jesus.....77
Figura 19 – Aula interdisciplinar sobre censura.....81
Figura 20 – Exercício de concentração e imaginação coletiva.....82
Figura 21 – Jaci na sala da direção.....88
Figura 22 – Sônia fica constrangida ao deixar, acidentalmente, o hematoma aparecer enquanto leciona..... 95
Figura 23 – Eliete canta a música de Tom Jobim Aula de Matemática em sala.....100
Figura 24 – Lúcia alfabetizando Néia debaixo do viaduto..... 105
Figura 25 – Lucia com bebê abandonado pela aluna.....108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revisão bibliográfica.....25
Quadro 2 – Personagens de Segunda Chamada.....35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE/CEB	Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESPM-SP	Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo
FESPSP	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD Contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RVCC	Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)

UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas (United Nations Population Fund)
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância (United Nations International Children's Emergency Fund)
UNIP	Universidade Paulista
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNISAGRADO	Centro Universitário Sagrado Coração
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A TEMÁTICA PESQUISADA E OS CAMINHOS PERCORRIDOS. 15
2 O "PATINHO FEIO" DA EDUCAÇÃO E A LUTA POR UMA EJA DE QUALIDADE.17
2.1 A EJA em contextos..... 17
2.2 As especificidades da Educação de Jovens e Adultos..... 19
2.3 Importância de Segunda Chamada.....21
2.4 O que já foi pesquisado e publicado sobre a série?..... 24
3 PROCEDIMIENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS..... 29
4 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA SÉRIE..... 30
4.1 Aqui é curto-circuito todo dia – A Escola Carolina Maria de Jesus.....37
5 "ESTUDAR É UM DIREITO DE TODO MUNDO": A EJA COMO DIREITO.....43
5.1 "Lugar de mulher é onde ela quiser": mulheres estudantes da EJA..... 46
5.2 "Geral aqui trabalhou o dia todo": trabalhadores/as na EJA..... 59
5.3 "As pessoas até olham, mas não veem não": pessoas em situação de rua na EJA..... 71
6 EDUCAR É RESISTIR!..... 77
6.1 Marco André: "eu sou professor de arte"..... 77
6.1.1 "No teatro a gente pode tudo".....77
6.1.2 Taquei o apagador no quadro..... 84
6.2 Jaci, o diretor de EJA..... 87
6.2.1 A responsabilidade é minha.....87
6.2.2 Evasão no noturno é normal (?)..... 90
6.3 Sônia – "No fundo só a vida sabe pra onde a gente tá indo"..... 95
6.3.1 "Eu dei aula em duas escolas, cuidei de casa, de filhos…".....95
6.3.2 "Dar uma aula sobre história do mundo sem nunca ter conseguido sair do seu próprio país"..... 98
6.4 Eliete – "por isso é que eu prefiro matemática".....100
6.4.1 "A gente vai calcular com o que você tem"..... 100
6.4 Lúcia – "ser professora está no meu sangue"..... 103
6.4.1 "Eles podem desistir da escola, mas eu não desisto deles."..... 104
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS… até uma Segunda (ou outras) chamadas.....111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 114
APÊNDICES..... 125
APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.. 126
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AUTORA.....128
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ATRIZ/ ATOR.....129
APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM DIRETOR DA EJA.....130

1 INTRODUÇÃO: A TEMÁTICA PESQUISADA E OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Esta pesquisa objetiva analisar a série **Segunda Chamada**, tomando como base o acúmulo das especificidades da Educação de Jovens e Adultos (Soares, 2005, 2008, 2011; Silva, 2013; Soares; Soares, 2014). A série, baseada em fatos reais, foi transmitida na maior rede televisiva do Brasil e teve a participação de artistas renomados. Levando em consideração sua abrangência, busca-se entender como a série aborda a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e qual foi seu processo de produção.

O interesse pela modalidade se desenhou ao longo de minha trajetória. Desde criança, convivi com uma adulta que não teve oportunidade de estudar, devido à sua inserção precoce no mundo do trabalho, e que, tempos depois, retomou seu processo de escolarização na EJA. No cotidiano, ela demonstrava sofrimento com a dificuldade e insegurança para tarefas como escrever uma lista de compras de supermercado, fazer contas básicas e pegar o ônibus. A história de vida dessa e de outras estudantes da EJA não está descolada dos desafios que muitas outras pessoas vivenciaram e ainda vivenciam no Brasil, como a negação do direito à educação.

Levando em consideração que não existe neutralidade na produção acadêmica, é importante contextualizar ao leitor que a autora desta pesquisa é uma mulher branca, antirracista, bissexual, oriunda da classe trabalhadora, militante organizada, que dedica a sua vida à transformação social e atua desde 2016 no Movimento Estudantil.

Em 2015, após ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), participei, durante três anos, de uma pesquisa com o objetivo de entender de que modo e sob quais as especificidades a EJA estava presente nas escolas públicas. Em 2016, fiz parte do movimento de ocupação da Universidade contra a Emenda Constitucional nº 95, aprovada em 2016 (Brasil, 2016), que instituiu um teto nos investimentos em saúde e educação. Essa emenda precarizou ainda mais a educação pública brasileira e afetou diretamente a EJA, a qual abrange majoritariamente a parcela mais vulnerabilizada da sociedade.

Em 2017, realizei intercâmbio em Portugal e tive a oportunidade de conhecer a Educação de Adultos do país, através de uma pesquisa em que participei com a professora Rosana Barros. Essa pesquisa tinha como objeto o processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) que acontecem no Centro Qualifica. Tal experiência contribuiu para identificar outras formas de ofertar

a Educação de Adultos – em âmbito internacional – e refletir sobre as características brasileiras.

Nos anos de 2018 a 2021, experienciei – inicialmente como monitora e depois como estudante de estágio em docência – duas disciplinas de formação complementar em EJA: **Organização da Educação de Jovens e Adultos e Práticas da Educação de Jovens e Adultos**, ofertadas no âmbito do curso de Pedagogia da UFMG. Em 2019, uma estudante do curso de Pedagogia apresentou a demanda de discutirmos a série *Segunda Chamada,* transmitida em canal aberto, em uma das aulas. Acolhemos a demanda da estudante e assistimos juntos a um dos episódios, refletindo sobre os elementos da série que nos ajudavam a entender as características da Educação de Jovens e Adultos e quais os apontamentos pertinentes para formação docente. Entre os elementos estão a estrutura precarizada da escola, a diversidade dos sujeitos e suas realidades, a atuação de professores em sala de aula e a postura do diretor da escola e sua relação com a EJA. Em um dos encontros, ao comentar um episódio, a estudante conta que seu marido, que assistia à série com ela, indagou: “É nisso que você vai trabalhar?”.

Contudo, é importante ressaltar que o modelo apresentado na série não corresponde à totalidade das escolas de EJA. De modo geral, as escolas têm a EJA à noite e outros tipos de atendimento pela manhã. Pelo enredo da série, não é possível afirmar se a escola tem atendimentos nos outros turnos.

A presente pesquisa foi desenvolvida no contexto da pandemia da covid--19 e foi se reconfigurando a cada impossibilidade encontrada por esse contexto. A pandemia não apresentou desafios relacionados apenas aos cuidados com relação à doença, mas também a toda dinâmica de vida, desde o aspecto físico até o emocional. Para atender a um dos objetivos iniciais da pesquisa, tínhamos a intenção de realizar conversas com professores de EJA, a fim de identificar suas percepções, o que não foi possível devido às circunstâncias gerais do momento que vivenciávamos.

2 O “PATINHO FEIO” DA EDUCAÇÃO E A LUTA POR UMA EJA DE QUALIDADE

2.1 A EJA em contextos

A Educação de Jovens e Adultos é um campo com diferentes aspectos, que abrange desde o atendimento a um público com características específicas, a formação

de educadores e as pesquisas acadêmicas até a participação política e social, que tem como um dos seus principais focos a efetivação do direito à educação ao longo da vida. As especificidades da EJA seguem sendo reconfiguradas de acordo com seu tempo histórico.

O cenário político brasileiro nos anos 2019–2022 foi marcado pela tentativa constante de retirada de direitos sociais. A Emenda Constitucional nº 95 (Brasil, 2016), instituiu um limite no investimento em educação e saúde no país por vinte anos. A reforma trabalhista (Brasil, 2017) buscou um padrão de regulação do trabalho menos protetivo, propiciando maior liberdade de determinação pelo empregador das condições de contratação, uso e remuneração da força de trabalho (Krein; Oliveira; Filgueiras, 2019). Sendo assim, ela individualiza a relação empregado/empregador, fazendo com que o trabalhador tenha que se submeter a relações de exploração para que não seja demitido, fragilizando também o direito a férias, licença maternidade e outros. A Reforma da Previdência (Brasil, 2019), também foi um importante retrocesso, aumentando o tempo de contribuição e a idade mínima para aposentadoria. As pesquisadoras Lenaura de Vasconcelos Costa Lobato, Ana Maria Costa e Maria Lucia Frizon Rizzotto (2019, p. 7) alegam que “a reforma é mais radical e perversa com os trabalhadores do setor privado, trabalhadores rurais, mulheres e pobres”. Nesse contexto, reafirmar o direito à educação é um ato de resistência.

Todos os fatores supracitados afetam diretamente os estudantes da EJA, pois nesse grupo encontramos jovens entrando em atividades trabalhistas, adultos trabalhadores e idosos que trabalharam durante toda a vida e deveriam ter o direito de viver com dignidade a sua velhice. O público atendido pela EJA são os mais vulnerabilizados pela sociedade e a luta em defesa da Educação deve ser articulada com a luta pelo fim do capitalismo, um sistema baseado na exploração (Marx, 2013).

Miguel Arroyo (2017) enuncia que os sujeitos da EJA têm o trabalho como central em suas trajetórias, ainda que os conhecimentos relacionados à prática profissional nem sempre sejam considerados nos currículos da EJA. É necessário reconhecer os jovens e adultos como *passageiros* que vão de seus empregos precarizados, com poucos direitos e sem condições dignas de trabalho, à escola.

Junto a essa realidade, vivenciamos, da parte do Governo Federal, atentados à memória do patrono da educação brasileira, o educador Paulo Freire, uma das principais referências para a EJA. Em um vídeo postado em suas redes sociais, o ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirma:

> Vejo o Paulo Freire sendo muito mais uma bandeira do que realmente uma referência tão importante assim. Vejo, nesse caso, como um bom adversário. Porque o sistema que ele montou **é ruim**, as **falas dele são super confusas**, o **resultado é péssimo** e ele é **muito feio**, então é fácil de bater (Weintraub, 2020, 06:24, transcrição e grifos nossos).

Os ataques ao educador também partiram do próprio presidente, Jair Bolsonaro, ao afirmar que Paulo Freire era um "energúmeno"[1], além de sinalizar sua intenção de retirar o título de patrono da educação (Mazui, 2019).

Uma pesquisa conduzida por Elliot Green (2016), pesquisador especialista em estudos sobre desenvolvimento e aprendizagem da London School of Economics, afirmava que Paulo Freire era o terceiro autor mais citado no mundo e que vários países referenciavam sua contribuição como uma das mais importantes para educação. Freire desenvolveu uma metodologia de alfabetização de adultos que tinha como ponto de partida o conhecimento trazido pelos educandos, baseando-se no contexto da comunidade. Em 1963, Paulo Freire efetivou um processo educacional que alfabetizou 300 trabalhadores em 40 horas. Esses elementos evidenciam a relevância de Paulo Freire para o Brasil e para o mundo. A concepção de educação apresentada por Paulo Freire tem como fundamentação o diálogo e uma abordagem contra opressões, por isso ele é difamado por um governo de extrema-direita.

É importante destacar que o último episódio da primeira temporada da série abordou a importância de Paulo Freire para a educação libertadora, quando na solenidade de conclusão do curso a professora Lúcia cita: "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Segunda Chamada, 2019, Episódio 11).

2.2 As especificidades da Educação de Jovens e Adultos

Em meio a esse cenário de disputa política e ideológica na sociedade sobre a educação, a maior emissora televisiva do país exibiu a série *Segunda Chamada,* uma obra ficcional, baseada em fatos reais, que apresenta parte da realidade vivenciada na EJA. A nossa pesquisa se propõe a analisar *se* e *como* a série *Segunda Chamada* aborda as especificidades da EJA, com intuito de contribuir na efetivação do direito à educação desses sujeitos que são marginalizados pela sociedade.

---

[1] BAND JORNALISMO. **Bolsonaro critica TV Escola e chama Paulo Freire de "energúmeno"**. Youtube, 17 dez. 2019. Disponível em: https://youtu.be/4o4YONa9byg?si=XMGLLoOn2_rZ8gvd. Acesso em 4 dez. 2022.

Por especificidades da EJA consideramos as características próprias da modalidade de ensino (Soares, L., 2005, 2008, 2011; Silva, 2013; Soares, L.; Soares, R., 2014). As pesquisas já desenvolvidas anteriormente consideraram aspectos presentes nas legislações, documentos oficiais e experiências em diversos panoramas onde a EJA é atendida. Leôncio Soares e Rafaela Soares (2014, p. 8) conceituam especificidade como "[...] a convergência de aspectos que nos capacita a agir de modo próprio, produzindo algo peculiar, particular. Deste modo, a especificidade é um dos fatores que constituem a qualidade".

Os autores mapearam e aprofundaram, a partir das pesquisas realizadas, as características próprias da EJA. Os eixos específicos encontrados foram: o legado da Educação Popular, as políticas públicas, a diversidade dos sujeitos, os recursos didáticos, a proposta curricular, a formação de educadores e as políticas públicas. Em cada um desses eixos, os autores agruparam características identificadas nas propostas pesquisadas, contidas no organograma da Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Diagrama das especificidades nas propostas de EJA



Fonte: Silva, L. Soares e R. Soares (2012)

Outros estudos também contribuíram para a constatação de um conjunto de aspectos importantes para a permanência dos educandos na escola. Soares e

Venâncio (2007), ao pesquisar uma escola de EJA em Belo Horizonte, apontaram a importância de considerar a pluralidade dos sujeitos da EJA, contemplando conteúdos e tempos condizentes com a realidade desses estudantes. Ainda sobre a diversidade dos sujeitos, Thompson (2002, p. 13), afirma:

> O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e do currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo.

O pesquisador Jerry Silva (2010) aponta que as diversidades na EJA, não só etárias, mas também de gênero, étnico-raciais, de sexualidade e religiosas, interferem nas relações educacionais. Essa discussão é fundamental quando tratamos do processo de formação desses educandos. O professor Miguel Arroyo (2007) afirma que a diversidade se converteu em desigualdades e, com isso, os movimentos sociais vêm demarcando a existência e a importância de reconhecermos e defendermos a diversidade na direção de uma sociedade mais justa.

As pesquisas apontam quais características fazem com que a EJA seja um campo específico de atuação que, para ter qualidade, exige formação apropriada. Baseadas nessas considerações, as perguntas que norteiam nosso trabalho são: em que medida essas características foram abordadas na série *Segunda Chamada*? De que forma esses aspectos foram trabalhados? Quem são os sujeitos da EJA que a série aborda? Quais percepções as autoras e parte do elenco têm sobre a EJA?

2.3 Importância de *Segunda Chamada*

Em um contexto de desmonte da Educação de Jovens e Adultos, que contraria a demanda existente apontada pelas pesquisas (IBGE, 2019), a Rede Globo de Televisão exibiu a série *Segunda Chamada*, que foi levada ao ar em 2 temporadas, sendo a primeira com 11 episódios, exibida na TV aberta no período de 8 de outubro a 17 de dezembro de 2019, e a segunda temporada com seis episódios, transmitida na plataforma de *streaming Globoplay* a partir de 10 de setembro de 2021.

Segunda Chamada é a primeira série a abordar a Educação de Jovens e Adultos em nosso país e foi escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini com a produção da 02 filmes, colaboração de Giovana Moraes, Jô Bilac, Jô Abdu, Maíra Motta e Victor

Atherino, sob direção de Breno Moreira, João Gomez e Ricardo Spencer e direção geral e artística de Joana Jabace. O elenco conta com Débora Bloch, Paulo Gorgulho, Thalita Carauta, Moacyr Franco, dentre outros grandes nomes da TV brasileira. Além dos artistas renomados, a série também selecionou atores de diversas partes do Brasil:

> E eles fizeram uma coisa muito legal, porque os alunos dessa escola vieram de todo o Brasil, eles fizeram teste. Ali entre os alunos tem gente do Amazonas, do Pará, de Florianópolis, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, de Minas, de Brasília [...] e a Globo fez teste no Brasil todo e chamou as pessoas. Foi muito incrível, muito fácil de lidar (Trecho da entrevista pessoal de Leandro, ator da série, em 24 de março de 2022).

A série foi indicada para quinze premiações, das quais ganhou três. Uma dessas premiações é a premiação da Associação Paulista dos Críticos de Arte, que elege anualmente os melhores nas áreas de artes visuais, cinema, dança, literatura, teatro, televisão, dentre outras. Segunda Chamada ganhou, em 2019, duas categorias: melhor série e melhor atriz.

Essa exibição se reveste de importância para a EJA pelo fato de ser um grupo da área da comunicação que atinge grande parte da população e é referenciado no país. A emissora televisiva é a segunda maior do mundo e a maior do Brasil, apresentando a audiência mais alta dentre os canais brasileiros, alcance em todos os estados e na grande maioria das cidades[2]. Para Peter Loizos, “[...] o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais” (2008, p. 138).

Jane Paiva (2001) reflete que, ainda que exista a negação de muitas pessoas em relação aos recursos audiovisuais enquanto educativos, é inegável que a televisão se tornou presente no cotidiano das pessoas. Apesar de haver programas que detêm enorme alcance e apresentam o potencial educativo, não é comum a utilização de tais programas nas práticas pedagógicas. A autora define:

> Como *educativos,* entendo os programas que se valem de todos os recursos possíveis da técnica e da tecnologia, dos acervos de imagens, de situações imprevistas e de criatividade, para tratar um tema, ou uma questão de modo a provocar questões (outras) no espectador (Paiva, 2001, P. 69).

A pandemia da covid-19 nos exigiu distanciamento social e, com isso, impôs o fechamento das escolas e demais espaços educativos das cidades, até que a crise sanitária fosse resolvida. A impossibilidade de encontros presenciais fez com que buscássemos alternativas educativas que perpassassem a utilização de recursos como

[2] Ver abrangência em https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx.

televisão, redes sociais, jogos *on-line*, *lives* e reuniões em plataformas digitais, evidenciando, também, a potencialidade da incorporação desses recursos nos processos educativos. Camila Santana e Kathia Sales (2020, p. 86) alertam sobre a importância dos professores no processo educativo, mesmo que mediado por tecnologias:

> Em um contexto de cibercultura como a que o mundo vive, as redes sociais digitais, as plataformas de conteúdos estão abarrotadas de informação, de recursos audiovisuais produzidos, de livros digitais e espaços de ensino informal e não formal. A escola precisa apresentar o diferencial nesses processos de ensino que são remotos e emergenciais.

A série, que começou a ser exibida às 23 h 15 min, às terças-feiras, recebeu muitos elogios pelo conteúdo, mas críticas em relação ao horário de exibição e, com isso, passou a ser exibida após a novela das nove. Com a mudança de horário, *Segunda Chamada* apresentou um alto índice de audiência, chamando atenção da mídia[3]. Exibida em horário nobre[4], a série busca relatar aspectos da realidade da EJA, atendida no turno da noite, de uma escola na periferia de São Paulo. Carla Faour, uma das autoras, afirma:

> Muito já foi falado sobre educação, séries foram feitas, filmes, peças de teatro. O que não se falou sobre educação? Esse recorte talvez seja o patinho feio da educação. É a ponta mais esquecida, é onde tem menos verba, é um lugar onde o próprio professor não é tão valorizado. Então a série joga luz sobre essas pessoas invisíveis (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022).

A opinião de Carla Faour é corroborada com a de uma das atrizes da série, que foi entrevistada pela nossa pesquisa e reflete que, ao ser convidada a compor o elenco:

> Ela [a série] estava vindo em um momento muito importante também, quando a gente, enfim, com a educação sendo desmontada, com todas as instituições de educação, de apoio à educação, o próprio ministério sendo muito desmontado, desfacelado. Então, me parecia também um assunto muito importante em um momento importante. [...] Acho que é um assunto importante e acho que ainda não tinha sido representado na televisão, ou pelo menos não dessa maneira (Trecho da entrevista pessoal de Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022).

Esse panorama é apresentado também na Série, quando o diretor da escola, Jaci (interpretado por Paulo Gorgulho), está em um estabelecimento comercial

---

[3] O IBOPE não libera o índice de audiência gratuitamente. Por isso, utilizamos sites alternativos: https://www.otvfoco.com.br/globo-ve-serie-bater-recorde-de-audiencia-pela-2a-vez-apos-mudar-horario-confira-os-consolidados-de-terca-feira-05-11-19/; https://rd1.com.br/globo-ganha-audiencia-com-inversao-de-segunda-chamada-e-filhos-da-patria/.

[4] O artigo do blog da revista Veja Rio de 2017, aponta que no Brasil considera-se como horário nobre os programas exibidos entre as 18h e meia-noite.

tomando café e aparece no jornal a notícia de cortes de 30% das verbas para educação, o que, segundo a notícia, provocaria um caos na Educação, somando cerca de 4,2 bilhões de declínio no orçamento para o ano seguinte, como mostra a Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Jaci assistindo a notícia de cortes de 30% na educação



Fonte: Frame extraído da série Segunda Chamada, 2 temporada, 1 episódio.

Além disso, a audiência das plataformas de *streaming* tem crescido significativamente nos últimos anos (Oliveira, 2019), possibilitando que o acesso à série seja ainda maior[5]. Esses elementos, que simbolizam a possível abrangência da série, fazem com que parte da realidade da Educação de Jovens e Adultos seja conhecida pela população através da arte, no campo do cinema.

2.4 O que já foi pesquisado e publicado sobre a série?

Apesar da relevância, não localizamos pesquisas analisando a série à luz das especificidades da EJA. Segundo um levantamento realizado na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando como palavras-chave “Educação de Jovens e Adultos” e “*Segunda Chamada*”, simultaneamente, nenhuma pesquisa foi encontrada.

[5] Não foram localizadas pesquisas quantitativas sobre o acesso à série através da plataforma *Globoplay*, onde *Segunda Chamada* se encontra disponível.

Ampliamos a busca utilizando as palavras-chave “Educação de Jovens e Adultos” e “Mídia” no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e selecionamos três resultados que apresentam proximidade com o tema de pesquisa. Simoni Viezzer (2005) realizou uma pesquisa participante com o objetivo de analisar mensagens televisivas assistidas por educandos da EJA e, como resultado, reforçou a necessidade de qualificarmos o uso da TV como recurso pedagógico. Aldaci Lopes (2011) buscou compreender como as relações midiáticas, especificamente na televisão, impactam o comportamento dos educandos da EJA. O autor identificou a importância da televisão na vida dos educandos da EJA, não apenas incidindo sobre conteúdo, mas também vivências e relações. Ivonir Ayres (2009) analisa a representação do analfabeto no cinema brasileiro tomando como base os filmes *Jeca Tatu* (1959) e *Narradores de Javé* (2003) e aponta que a concepção sobre o analfabetismo varia entre as duas obras, já que foram feitas em tempos históricos diferentes e abordam o tema de forma diferenciada. Em *Jeca Tatu*, o personagem é tratado como o sujeito ignorante, desprovido de senso estético e de força de vontade, enquanto o filme *Narradores de Javé* aponta uma compreensão social sobre o analfabetismo, refletindo sobre o direito à educação.

Na plataforma Google Acadêmico, optamos pela utilização da palavra-chave “Série *Segunda Chamada*” e encontramos 31 trabalhos organizados na tabela a seguir:

Quadro 1 – Revisão bibliográfica

	Título do trabalho que contém a palavra-chave "série *Segunda Chamada*"	**Tipo de produção**	**Ligação com Instituição**	**Ano**	**Autor/a**	**Área/Tema**
1	O retrato da educação de jovens e adultos na série *Segunda Chamada*	Capítulo de Livro	UFAM	2022	Felipe Negrão	Conceitos e desafios da série
2	*Segunda Chamada*: a representação do professor de arte na educação de jovens e adultos	Revista	UFG	2021	Judivan Alves Ferreira	Professorado de Artes
3	A escola em *Segunda Chamada*: uma análise da narrativa ficcional	Congresso	USP	2020	Gabriela Torres	Comunicação
4	A representação midiática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil a partir da série ‘*Segunda Chamada*’	Revista	PUC-Rio	2021	Carolina Gomes	Comunicação
5	A Desmistificação e a Humanização do Transexual: uma análise audiovisual holística da série “*Segunda Chamada*”	Simpósio	UEMG	2020	Daniel Ribeiro Santos e Plinio Marcos	Transexualidade

					Volponi Leal	
6	“*Segunda Chamada*”: entre ficção e realidade nas políticas do censo da educação básica 2018 na educação de jovens e adultos	Colóquio	UFRB	2020	Franklin Kaic Dutra Pereira e Saimonton Tinôco	Censo Educacional de 2018
7	Precarização do trabalho docente: uma breve reflexão contemporânea	Trabalho disciplina graduação	UFAL	2021	Maria Paula Alves Araújo et al.	Trabalho para graduação
8	"Meu nome é Natasha": Novas narrativas sobre transgeneridade na ficção Seriada brasileira a partir da conquista de direitos	Revista	PUC-Rio	2020	Diego Gouveia Moreira	Transexualidade
9	Estilo ficcional televisivo em séries brasileiras: um estudo de “*Segunda Chamada*”, da Rede Globo	TCC	UFSC	2021	Vanessa Miranda Silva	Comunicação
10	Proposta de legenda para surdos e ensurdecidos do 1º episódio da série “*Segunda Chamada*”	TCC	UNISAGRADO	2021	Ryan Felippe de Brito Correia	Acessibilidade
11	Perspectivas do profissional de arquivo sob o olhar das obras audiovisuais	Revista	UFSC	2021	Iuri Ianiski de Moura e Eliana Maria dos Santos Bahia	Arquivologia
12	Bolsonaro é denunciado por genocídio em Haia	Reportagem	El País	2021	Naiara Galarraga Gortázar	Termo não localizado no arquivo
13	A representação de identidades dissidentes na série de TV Pose: o socioleto queer nas legendas para o português	TCC	UFU	2022	Gustavo Matheus Pires	Cita a série
14	Discursos sobre transexualidade e direitos a partir de Britney em A Dona do Pedaço e Michelly em Bom Sucesso	Congresso	UFPE	2020	Diego Gouveia	Cita a série
15	Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo	Dossiê	Reino Unido	2020	Stephanie Dennison	Cita a série
16	O Remix como Aposta Subjetiva, Sexual e Política em Linn da	Congresso	ESPM-SP	2020	Thiago Tavares	Cita a série

	Quebrada1				das Neves e Pedro de Assis Pereira Scudeller	
17	Autoria deslocada e audiovisualidades engajadas em "bixa travesty"	Revista	ESPM-SP	2021	Daniel Zacariotti e Rose de Melo Rocha	Cita a série
18	“QUEM SOUL EU”: a transitoriedade na performance de Linn da Quebrada por um viés interseccional	Dissertação	UNISINOS	2022	Jonara Cordova	Comenta sobre a série
19	O grito da quebrada – a potência interseccional como arma no mainstream	Revista	UFRN	2021	Thiago Tavares das Neves	Cita a série
20	Epistemologias dos armários: novas performances públicas e táticas evasivas na sociedade da informação	Revista	UFF	2021	Evandro Charles Piza Duarte	Só cita em nota de rodapé a série
21	“Se me calam é porque minha voz assusta”: política e performance musical a partir do cancelamento de linn da quebrada na parada lgbtq+ de joão pessoa (pb)	Dossiê	UFPE	2020	Lívia Maria Pereira et al.	Cita a série
22	Cruzando arte, resistência e dissidências Sexuais e de gênero: reflexões a partir da Produção musical de linn da quebrada1	Capítulo de livro	FESPSP	2018	Rafael Pinheiro Souza	Cita a série
23	O sagrado transgressor nos corpos incandescentes de Linn da Quebrada e Baco Exu do Blues	Revista	UFRJ	2021	Paola Lins de Oliveira	Cita a série
24	Adoração e aberração: retóricas em torno de candidaturas proporcionais transexuais e travestis nos portais uol e globo nas eleições municipais de 2020	TCC	UNIPAMPA	2022	Jonathan Karter	Cita a série
25	DO CÍLIO A NAVALHA: montação na cena carioca	Mestrado	UFRJ	2021	Maria Lucas Pereira Valentim	Cita a série
26	Fluxos musicais paulistanos alternativos entre ruas e redes: territorialidades, performatividades e negociações nos ativismos queer	Tese	UNIP	2020	Everton Vitor Pontes da Silva	Cita a série

27	Performances trans, noires et queer dans la musique populaire Approche intersectionnelle et spécificités du contexte brésilien	Tese	Université de Montréal	2021	Juliette Borges	Cita a série
28	QUE TERMINE EM NÓS E DESATE Epistemologia e fabulação a partir da (re)apresentação documental de uma “Bixa Travesty”	Mestrado	ESPM-SP	2022	Daniel Zacariotti	Cita a série
29	Identidades transviadas midiáticas em videoclipes e suas apropriações por pessoas trans	Mestrado	UFSM	2021	Rodrigo Quevedo Fagundes	Cita a série
30	ARTE IMIGRANTE: inclusão, identidades e sobrevivência	Seminário	UFS	2020	Patrícia Carvalho Padilha	Cita a série
31	Leitura, escrita e autoria em discurso na educação de jovens e adultos	Mestrado	USP	2022	Catia Fatima Nunes Santana Alves	Cita a série

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as produções encontradas, dezoito citam a série em outros estudos (marcados de vermelho); um não foi localizado (marcado de laranja); quatro são de áreas diferentes deste estudo (marcados de lilás) e oito apresentam relação com a nossa temática (marcados de verde). Vale ressaltar que em nenhum dos trabalhos que encontramos a análise da série toma como base as especificidades da Educação de Jovens e Adultos.

Negrão (2022) reforça a importância da série:

> [...] esta produção audiovisual pode ser utilizada para fins acadêmicos, pois retrata um contexto de práticas em defesa de uma educação emancipatória que visa a autonomia dos indivíduos, além de refletir diretamente a respeito das demandas sociais básicas.

Gabriela Torres (2020) aponta que a série apresenta uma mistura entre os modelos pedagógicos *Escola Tradicional* e *Escola Nova*, ainda que estes sejam divergentes em alguns aspectos. Além disso, tece críticas afirmando a ausência de conflitos entre professores e estudantes, apontando também que a saída encontrada pela série é meritocrática.

Observamos conflitos entre discentes e docentes, por exemplo, quando os estudantes negam a professora Eliete por ser evangélica; quando Giraia afronta a professora Sônia pela venda de remédios; e quando Marco André é questionado pelo

estudante por abordar a peça de teatro *Beijo no asfalto*. É verdade que a série não se propõe a refletir sobre as estruturas, especialmente a capitalista, que levam esses discentes a viver realidades dramáticas. Entretanto, em alguns momentos, a saída demonstrada pela série é coletiva, como a luta para que a escola fique aberta. Entendemos isso como uma contradição frente à limitação de veicular essa temática em um canal de comunicação com a abrangência que a Rede Globo possui.

Carolina Gomes (2020), por sua vez, faz uma análise tomando como base a área de comunicação e a representação midiática, argumentando que para um autor conseguir alcançar o entretenimento, ele busca uma identificação com o público que assiste. Nesse sentido, *Segunda Chamada* tenta romper com o distanciamento entre o que se transmite na televisão e o que se vive no cotidiano popular. Porém, por se tratar de um artigo na área de comunicação, a abordagem não contempla as especificidades da EJA.

Nossa pesquisa tem, portanto, como objetivo geral, analisar a série *Segunda Chamada*, relacionando-a com os estudos sobre as especificidades da Educação de Jovens e Adultos. Para isso, buscamos compreender o contexto de produção da série, identificar a concepção de EJA abordada, tomando como base elementos como diversidade de sujeitos, proposta curricular, recursos didáticos, princípios da Educação Popular, formação dos profissionais da EJA e políticas públicas.

3 PROCEDIMIENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa buscou analisar quais especificidades da EJA se fazem presentes na Série, buscando ampliar conhecimentos que colaborem na construção de indicadores de qualidade dessa modalidade educativa. A análise tomou como base a teoria crítica de Paulo Freire e as contribuições de Miguel Arroyo.

Como procedimentos metodológicos, partimos da análise documental. Segundo Cellard (2008, p. 296) “[...] tudo que é vestígio do passado, tudo que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’”. Fátima Neves (2009) afirma que é necessário analisar obras como representação e resultado do desejo de quem as produziu, intencionalmente ou não, de construir uma determinada imagem de si mesma ou de, no máximo, do seu grupo social. Nesse sentido, a análise da série como um documento que representa quem a produziu nos ajuda a compreender como a EJA é representada e se essa representação contempla as especificidades da EJA.

No decorrer da pesquisa, totalizamos 12 h 07 min de exibição e análise da série *Segunda Chamada*. Em um segundo momento, categorizamos os acontecimentos e abordamos suas características em eixos. Em um terceiro momento, fizemos o movimento de categorização dos depoimentos ao final de cada episódio. Por último, com o objetivo de compreender o contexto de produção da série, realizamos entrevistas com quatro sujeitos envolvidos: uma das autoras, Carla Faour[6], dois atores, nomeados aqui de Elza e Leandro[7], e um diretor, Chico[8], que teve a escola de EJA visitada por parte do elenco, a fim de construírem seus personagens e explorarem o universo real que a série adentrava.

Para isso, optamos por entrevistas individuais semi-estruturadas[9], que, segundo Gaskell (2002), são uma conversação com características importantes a se considerar. O autor aponta que o entrevistador deve estar sempre aberto e descontraído, sem perder o respeito com o trabalho desenvolvido, dialogando com o entrevistado sobre os acontecimentos relatados na entrevista. Essa técnica ajudou a compreender de forma mais aprofundada os desafios encontrados, as estratégias adotadas, as potencialidades da série, o olhar que a sociedade possui sobre a Educação de Jovens e Adultos e as contribuições da série a partir de tal olhar.

Utilizamos, portanto, quatro fontes para a presente pesquisa, sendo elas: referências bibliográficas, análises de cada episódio da série, depoimentos reais apresentados ao final dos episódios e entrevistas. Optamos por aprofundar a pesquisa em 3 eixos principais: análise geral da série, diversidade dos sujeitos e realidade docente.

4 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA SÉRIE

A série *Segunda Chamada* relata características da Educação, e, mais especificamente, da EJA, evidenciando uma representação social relativa à modalidade educativa. Consentimos, também, que “[...] a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos” (Fischer, 2001, p. 588). Ismail Xavier (2008, p. 17) diz que “o cinema que ‘educa’ é o cinema que faz pensar”, e a série provoca reflexões a cada episódio, possibilitando um processo educativo.

[6] Roteiro de entrevista no apêndice B.
[7] Roteiro de entrevista no apêndice C.
[8] Roteiro de entrevista no apêndice D.
[9] Para atender a questões referentes à ética de pesquisa, foi desenvolvido um termo de livre consentimento assinado por todos os entrevistados. Modelo de termo no apêndice A.

Analisar *Segunda Chamada* é uma possibilidade de reconhecer, estranhar e refletir, tomando como base as especificidades da EJA.

A série *Segunda Chamada* é produzida a partir de uma estrutura na qual cada episódio apresenta um grande desafio na escola. Ao assistir com educandos/as da formação em EJA, fomos indagados se “a EJA era sempre assim”. Esse questionamento fez com que buscássemos compreender qual era o contexto de produção da série, com o objetivo de melhor analisá-la. Em entrevista com Carla Faour, ela aponta:

> [...] ter essa sintonia, porque a gente tinha um tema, mas a gente não podia perder de vista que a série é entretenimento. Ela estava num canal aberto, no canal de maior audiência no Brasil. Então a gente tinha algumas demandas de tornar o produto vendável, o produto interessante, um produto palatável ao grande público. [...] a **dramaturgia vive de conflitos**, criar conflitos para discutir temas. Porque se você chega numa escola e está tudo às mil maravilhas, você não tem nem história para contar! Às vezes, claro, tinha que reunir três histórias; geralmente eram três histórias de alunos por episódio mais as histórias dos professores; mas isso dava uma dinâmica para os episódios, então muita coisa acontecia (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

A EJA apresentada na série é cheia de conflitos e tensionamentos entre os integrantes. A autora entrevistada reforça a importância de tal dinâmica para a dramaturgia funcionar e as pessoas se interessarem, mas aponta também que o objetivo era propor temáticas e levantar debates, e não apresentar soluções. A escrita da série foi solicitada às autoras com a temática educacional. Para se pensar na subtemática a ser abordada, houve pesquisas e estudos sobre o que já foi produzido:

> E a gente começou uma pesquisa: pesquisar, entender o que já tinha sido feito. E, no Brasil, a gente tinha uma vertente de documentário, muito forte, sobre educação; muita gente trabalhando essa parte documental. Mas a gente não achou nada para esse recorte de Educação para Jovens e Adultos. Então, essa escola noturna, a escola para jovens e adultos, nos dava a possibilidade de **falar sobre temas de uma forma mais profunda**. De sair um pouco dessa coisa meio *high school* que a gente está quase automatizado a falar, né? De educação, essa coisa juvenil. Então, a educação para jovens e adultos dava essa abertura para a gente. E **era uma coisa que não tinha ainda sido explorada na dramaturgia brasileira, então isso foi um fator determinante** (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

A autora também relata que esse processo de pesquisa exigiu tempo e uma grande equipe para se alcançar a subtemática e abordá-la da melhor maneira. A equipe conduzia trabalho de campo com visitas em escolas de EJA, conversas com professores e estudantes, além de um vasto estudo teórico, que contou com a

presença de pesquisadores e pedagogos como consultores. Foram quatro anos de dedicação e, ao estudar sobre a EJA, ela encontrou informações relevantes:

> [...] eu descobri que era o **patinho feio** da educação; era a parcela mais negligenciada; onde nem todos os professores gostavam de dar aulas; onde tem menos aporte de recursos; sempre que há um corte de investimentos é na educação para jovens e adultos que acontece. Então, é uma parcela, uma parte que é muito abandonada. Então, é quase como se o Estado não entendesse que valia a pena investir nessas pessoas. São pessoas que estavam à margem e que para o poder público já não interessava tanto esse investimento (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Essa afirmação se combina com uma declaração feita em 1991, no segundo ano de governo Collor[10], na qual o Ministro da Educação (1991-1992), José Goldemberg (1991, p. 4) diz:

> O adulto analfabeto já encontrou seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Vai ser pedreiro, vigia de prédio, lixeiro ou seguir outras profissões que não exigem alfabetização. Alfabetizar o adulto não vai mudar muito sua posição dentro da sociedade e pode até perturbar.

Com isso, a série conteve o “arco longo” com as histórias dos professores e o “arco mais curto”[11] com as históricas dos estudantes. A autora reforça, ainda, que *Segunda Chamada* é uma série baseada em fatos reais, mas não é um documentário e que as histórias não foram transcritas para a série. Em vez disso, a série, se utilizou de ideias, perfis, situações para a construção do enredo. O ator entrevistado, Leandro, ela nossa pesquisa afirma:

> Os depoimentos eram todos verdadeiros, todas as histórias são verdadeiras, foram colhidas [...] que a gente chama de ficção porque ele está dramatizado, apesar das histórias serem verdadeiras. Seria um documentário se não fosse feito por atores e cenário, se fossem as próprias pessoas entrevistadas (Trecho da entrevista pessoal de Leandro, ator da série, 24 de março de 2022).

O processo de estudo também foi feito pelos atores da série, que passaram a conhecer melhor a EJA para ter uma atuação mais apropriada. A atriz entrevistada, Elza, aponta:

> Na verdade, eu acho que a série não é só sobre o EJA, porque como a EJA nas escolas cada sala tem uma diversidade muito grande dos alunos, eu frequentei algumas escolas, algumas salas de aula, a gente teve oportunidade

[10] Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito de forma direta após o término do regime civil-militar (1964-1985), governou o Brasil de 1990 a 1992, quando renunciou em meio a um processo de impeachment.

[11] Os termos foram utilizados na entrevista com Carla Faour, uma das autoras, e informam sobre o caminho de uma história. Ou seja, o “arco longo” significa a apresentação de uma história mais extensa, enquanto o “arco mais curto” significa uma história narrada mais brevemente.

> de assistir aulas também, de conversar com os diretores e as diretoras e de conversar com os próprios alunos (Trecho da entrevista pessoal de Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022).

O diretor de uma das escolas visitadas nos relatou a experiência de receber uma das atrizes do elenco na instituição em que trabalha:

> Ela veio duas vezes aqui, foram duas visitas muito interessantes, porque na verdade eu fiquei muito tomado pelo interesse dela [...] a série é uma representação do que se passa na realidade. É um retrato que tem lá as suas aproximações, imagino que tem uma série de... enfim! A gente sabe que a Educação de Jovens e Adultos é pouco conhecida e é muito dada a processos, assim, de uma representação às vezes muito estereotipada, às vezes muito romantizada, apenas considerando as suas belezas. Eu acho que tem muito material que é produzido sobre a EJA que tem uma coisa do louvor, do exotismo do conhecimento popular muitas vezes (Trecho da entrevista pessoal de Chico, diretor entrevistado, 24 de abril de 2022).

Além disso, o ator entrevistado reflete sobre o personagem acerca de sua experiência desde o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização):

> [...] eu trabalho com a Educação de Jovens e Adultos há muito tempo pelo método do Paulo Freire. Há muito tempo eu alfabetizo adultos, há muitos anos mesmo, quando ainda era chamado Mobral. Começamos pelo pessoal de limpeza do hospital do servidor público em São Paulo, dávamos aula à noite, foi quando eu conheci o Paulo Freire e comecei a estudar o Paulo Freire, que é um sujeito reconhecido mundialmente [...] (Trecho da entrevista pessoal de Chico, diretor entrevistado, 24 de abril de 2022).

Nesse sentido, as pesquisas produzidas e as experiências das pessoas envolvidas contribuíram para que a série não apresentasse uma Educação de Jovens e Adultos estereotipada. *Segunda Chamada* apresenta, com centralidade, as trajetórias e experiências dos educandos e professores, os obstáculos de se manter a EJA funcionando e a complexidade de cada desafio encontrado no cotidiano.

A execução da série também foi uma oportunidade das autoras, do elenco e de toda equipe para conhecer mais sobre um campo ainda invisibilizado em nossa sociedade. O diretor afirma que a atriz, visitante da escola, não conhecia muito sobre a EJA, especialmente no que concerne às trajetórias dos educandos e as motivações que os levam a voltar:

> [...] eu percebi que ela trazia, eu acho que ela tinha muito a ideia de que o trabalho na EJA, embora fosse com um público de perfil etário diferente dos cursos regulares, fosse como **um supletivo, de um trabalho de reposição**, da experiência de um trabalho que só conversasse com as carências, com aquilo que os sujeitos não têm, não trazem no seu repertório, nas suas práticas (Trecho da entrevista pessoal de Chico, diretor entrevistado, 24 de abril de 2022, grifos nossos).

Essa percepção trazida pelo diretor entrevistado pode ter alguma relação com uma concepção mais aprofundada sobre a EJA em nossa sociedade e, consequentemente, na série. Uma das constatações ao se analisar a série foi a ausência do termo “EJA” no decorrer da trama. Nos 17 episódios analisados, na parte que se refere à dramaturgia, o termo EJA só aparece em um deles. A ausência do termo foi uma das indagações feitas a uma das autoras, que nos afirmou que:

> [...] isso foi uma indicação de um dos nossos consultores. A EJA, essas siglas mudam, de vez em quando elas mudam. E ensino para jovens e adultos e o ensino noturno de jovens e adultos seria uma coisa que não mudaria de um governo para governo, seria uma coisa... E seria mais palatável para o grande público. Quando você fala “EJA”, nem todo mundo sabe o que significa essa sigla. Então, foi, basicamente, pensando nisso: para um maior entendimento (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022).

No decorrer da trama, o termo utilizado foi “ensino noturno”, o que nos fez indagar: Por que a visão sobre a Educação de Jovens e Adultos está sempre associada à oferta no turno da noite? Por muito tempo se denominou de “ensino noturno” a educação direcionada às pessoas que ainda não tinham estudado ou que haviam interrompido seus estudos. Há uma vasta produção teórica[12] utilizando essa nomenclatura; contudo, estudos mais recentes avançaram nessa concepção, abordando a importância da Educação de Jovens e Adultos sendo pensada a partir das demandas dos sujeitos. Esse perfil é composto por uma grande diversidade, como: idosos, pessoas com deficiência, jovens, adolescentes, mães, tutores solos, trabalhadores de turnos alternados, dentre outros perfis que demandam o atendimento no turno diurno. Podemos afirmar que hoje temos esse atendimento contemplado em vários lugares, mas com a certeza de que é necessário avançar.

Como a série abordou uma EJA com atendimento noturno, o processo de gravação foi à noite, o que os atores entrevistados relataram ser muito cansativo. O período de gravação chegava a completar 12 h de trabalho e, para se alcançar um nível de realismo, gravavam-se apenas três cenas por dia. O ator entrevistado apresenta uma leitura sobre esse trabalho:

> Para você ter uma ideia, uma novela que é uma novela com 180 capítulos, que vai para o ar todo dia, você faz entre 36 e 40 cenas por dia. Ali no *Segunda Chamada* a gente fazia três para ter tempo de buscar essa verdade [...] quando você vai fazer um filme ou uma série com esse nível de exigência, esse nível de realismo, esse nível de verdade, é um trabalho muito legal porque é um

[12] (Carvalho, 1984) e (Pucci; Oliveira; Sguissardi, 1994).

> ofício, um artesão ou quase. Dá trabalho, mas o resultado é muito bacana. (Trecho da entrevista pessoal de Leandro, ator da série, 24 de março de 2022).

Além da narrativa da série, elaborada pelas autoras, contamos com depoimentos de estudantes reais da EJA ao final de cada episódio da primeira temporada. Esses relatos contribuíram com o contraste de apresentar uma EJA positiva e ilustrar[13] sobre a importância da educação na vida desses sujeitos que por muitas vezes reforçavam:

> Depois que eu voltei a estudar assim, dentro de um ambiente escolar assim, eu comecei a entender o quanto eu cresci como mulher, como ser humano, o quanto eu vi que é possível coisas que há muito tempo me pareciam impossíveis, porque as pessoas me diziam que era impossível, entende? (Julia Katharine, 42 anos, atriz e roteirista, Segunda Chamada, 2019, episódio 1)

A série foi impactada pela pandemia que, devido ao isolamento social, acabou fazendo com que os episódios diminuíssem de doze para seis na segunda temporada. O ator entrevistado nos relata que o protocolo para prevenção da covid-19 era muito rígido:

> [...] cada um era pego na sua casa com um carro envelopado de plástico, uso de máscaras constantes, a gente só ensaiava por computador, não comia juntos, não tinha mais jantar, não tinha mais nada, tinha que trazer quentinha para cada um, não ficavam juntos no camarim, não tinha camareiro para trocar a nossa roupa, o figurinista deixava a sua roupa e você mesmo que trocava, a gente só se encontrava na hora de gravar, fisicamente só na hora de gravar. Era muito solitário, muito violento, muito chato. Você não via ninguém, só ensaiamos assim, como a gente está fazendo, só se encontrava na hora de gravar (Trecho da entrevista pessoal de Leandro, ator da série, 24 de março de 2022).

A segunda temporada apresentou mais elementos específicos da EJA como outros perfis de educandos, não abordados na primeira temporada, a questão das matrículas e a luta por manter as turmas abertas. Essas temáticas serão abordadas nos próximos capítulos. Para uma melhor leitura deste trabalho, apresentamos um quadro com os personagens, atores e narrativas analisadas por nós no decorrer desse trabalho.

Quadro 2 – Personagens *de Segunda Chamada*

Temporada	Personagem – Ator/Atriz	Narrativa
1 e 2	Lucia – Debora Bloch	Professora de Língua Portuguesa
1 e 2	Jaci – Paulo Gorgulho	Diretor
1 e 2	Sônia – Hermila Guedes	Professora de História e Geografia
1 e 2	Eliete – Thalita Carauta	Professora de Matemática

[13] Os estudantes fazem parte do SESI – Serviço Social da Indústria, que faz parte do sistema “S”.

1 e 2	Marco André – Silvio Guindane	Professor de Artes
1	Solange – Carol Duarte	Mãe que abandona o bebê
1	Maicon Douglas – Felipe Simas	Motoboy
1	Rita – Nanda Costa	Mulher que realiza um aborto
1	Leonardo (*Léo*) – Leonardo Bittencourt	Filho do diretor
1	Gislaine – Mariana Nunes	Garota de Programa
1	Gedivan (*Giraia*) – José Trassi	Vende remédio sem receita
1	Natasha – Linn da Quebrada	Mulher Trans trocadora de ônibus
1	Jurema – Teca Pereira	Mulher idosa que foi proibida de estudar pelo marido
1	Sílvio – José Dumont	Pessoa em situação de rua, trabalhador de reciclagem
1	Pedro – Vinicius de Oliveira	Evangélico
1	Márcia – Sara Antunes	Evangélica
1	Cleiton – Willian da Costa	Jovem, irmão de traficante
1	Javier – Gabriel Diaz	Imigrante venezuelano
1	Alejandra – Rosalva Vanessa	Imigrante venezuelana
1	Aline – Ingrid Gaigher	Vive uma Relação abusiva com ex
1	Valquíria – Georgette Fadel	Egressa do sistema prisional
1	Joelma – Ariane Souza	Vendedora de salgado
2	Gilson (*Gilsinho*) – Moacyr Franco	Idoso com Alzheimer
2	Hélio – Ângelo Antônio	Desenhista em situação de rua
2	Valdinei – Pedro Wagner	Pai do Tatu
2	Wander – Rui Ricardo	Estudante machista, homofóbico, trabalhador da área de segurança
1 e 2	Maria Expedita – Vilma Melo	Dona Maria – mãe de Cleiton
2	Néia – Rejane Faria	Pessoa em situação de rua e analfabetismo, amante dos livros
2	Evelyn – Nataly Rocha	Mulher em situação de pobreza menstrual
2	Leandra – Tamirys O'hanna	Pessoa em situação de rua que escondia ser mulher por medo
2	Sandro – Flávio Bauraqui	Morava longe e por trabalhar dia todo vivia em situação de rua
2	Palito – Gustavo Luz	Jovem situação de rua
2	Antonia – Jeniffer Dias	Entregadora que luta contra opressões
2	Anuiá – Adalino Reis	Indígena
2	Jackson – Ariclenes Barroso	Nordestino preconceituoso com indígena e quer estudar contra vontade do pai, porteiro.
2	Dona Carmem – Nena Inoue	Viveu cuidando de crianças que não eram seus filhos e hoje vive em situação de rua

2	Chico– Dinho Lima Flor	Estudioso. Trabalha em uma fábrica, mas não consegue ser gerente porque não tem diploma
2	Jociane – Fabiana Pimenta	“Aspirante a blogueira”, amiga da Antônia
1 e 2	Wallace – Elzio Vieira	Trabalhador da Construção Civil e, posteriormente, cadeirante
1 e 2	Russo – Rodolfo Mesquita	Zelador da escola

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1 Aqui é curto-circuito todo dia – A Escola Carolina Maria de Jesus

A série acontece na Escola Carolina Maria de Jesus, com atendimento de estudantes da EJA no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Abordando as vivências dos passageiros da noite (Arroyo, 2017) – estudantes e professores – a escola contempla parte da diversidade dos sujeitos presente na Educação de Jovens e Adultos em nosso país.

A escola apresenta uma estrutura precarizada, com janelas quebradas, falta de espaço no refeitório, ventilador entrando em curto-circuito, armários deteriorados, goteiras e inundação nas salas, como é ilustrado na Figura 3 a seguir. Além disso, faltam recursos para que outras iniciativas sejam construídas como banheiros adaptados para pessoas com deficiências ou unissex, além da iluminação precária:

> Lúcia: Essa luz deu curto-circuito mês passado.
>
> Marco André: E ainda não consertaram?
>
> Lúcia: Nunca deu aula em escola pública né?
>
> Marco André: Primeira vez.
>
> Lúcia: **Então se prepara, que aqui é curto-circuito todo dia.** (Segunda Chamada, 2019, episódio 1, grifos nossos).

Figura 3 – Sala de aula alagada durante a aula de Sônia



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 3 (2019)

A escola, localizada na periferia de São Paulo, apresenta problemas em relação à segurança pública, como roubo na porta da escola, assassinatos, ameaças e uso de drogas. A relação da comunidade com o espaço escolar também é algo que merece atenção. A comunidade reivindica a escola, os moradores, estudam na mesma e quando um carro é roubado o diretor afirma “a bandidagem não respeita muita coisa, mas a escola é sagrada” (2019, episódio 1). Em um dos fragmentos da série, um estudante, em um ato de desespero, rouba na escola e é assassinado na porta: “[Cleiton]: Aí professora. Esse daí já estava jurado de morte desde a hora que ele quis pagar de rato lá na sala. Aqui ninguém perdoa isso não. Era mais jogo ele estar preso” (Segunda Chamada, 2019, episódio 6). Com isso, a alternativa apresentada pela gestão é a de colocar grades, o que gera uma discussão entre os professores:

> Marco André: Acho essas grades um absurdo, a escola foi feita para as pessoas aprenderem liberdade de expressão de pensamento.
>
> Sônia: E vão continuar aprender, só que agora com segurança.
>
> Marco André: Segurança Sonia? Essa grade só aumenta a sensação de violência.
>
> Sônia: Marco André, um aluno nosso acabou de morrer por isso.
>
> Marco André: Tá bom, e por isso a gente começa a enjaular as pessoas feito bicho?
>
> Sônia: Por mim, coloca grade em tudo.
>
> Eliete: Esse assunto é polêmico gente, mas as grades teriam salvado o Maicon, né?

> Sônia: Salvar é relativo né? Porque se esse menino vai para a cadeia ele vai voltar pior do que entrou.
>
> Marco André: Sônia, tem muita gente que é preso e se reintegra a sociedade, tá?
>
> Lúcia: **Se a gente precisa de grade na escola, tem alguma coisa errada**. (Segunda Chamada, 2019, episódio 7, grifos nossos).

O trecho acima apresenta a diversidade de opiniões presentes entre os professores, e também na nossa sociedade, sobre um tema tão complexo. A instalação de grades é a melhor alternativa para contribuir com a segurança pública? Marilena Ristum (2010) aponta que é comum os profissionais das escolas identificarem como solução mais cabível aquela ligada à política comum de segurança, mas que é possível se pensar em outras saídas, incluindo o diálogo e abertura da escola com a comunidade. A fala de Lúcia expõe uma reflexão essencial para os educadores: a necessidade de grades expõe uma fragilidade do sistema escolar e da nossa sociedade.

Os espaços da escola também apresentam um pouco da história do que se passou ali. Desde o teatro que foi abandonado até as pichações com dizeres de resistência mostrado na Figura 4:

Figura 4 – professores observando a pichação que diz "Enquanto houver repressão, haverá resistência"



Fonte: Frame extraído de *Segunda Chamada,* temporada 1, episódio 1 (2019)

A escola apresentada na dramaturgia tem como objetivo proporcionar uma segunda chamada aos estudantes. Silvio, estudante em situação de rua, apresenta na primeira temporada sua concepção do que é o espaço escolar: “Olhando assim parece um ninho abandonado, mas é aqui que os livros chocam suas letrinhas” (Segunda Chamada, 2019, episódio 1). Por vezes, a escola é apresentada como a alternativa para se ter outro futuro, mas ao ser questionado sobre isso, o professor Marco André, aponta que “[...] a escola não garante o futuro de ninguém, mas dá a oportunidade de escolha” (Segunda Chamada, 2019, episódio 11).

É necessário pensar a educação para além de uma lógica mercadológica. A escola pode fornecer as condições para se ter um trabalho digno, e pode, além disso, dar oportunidades aos sujeitos de se emanciparem e, a partir disso, lutar por uma mudança estrutural de nossa sociedade.

Sabemos que os desafios são muitos e o trecho que nomeia este capítulo expressa uma síntese da escola de EJA abordada pela série: “Aqui é curto-circuito todo dia”. Todavia, ao nos indagarmos se toda escola de EJA é assim, a resposta seria “sim e não”. “Sim”, porque os eventos abordados na série correspondem à realidade dramática dos estudantes e professores. “Não”, porque a EJA não se reduz a isso, e o cotidiano escolar não chega a ser tão trágico quanto é apresentado pela série. A autora corrobora com nossa afirmação e aponta que, apesar de o enredo se inspirar em fatos reais, isso não significa que é possível pressupor que todas as escolas de EJA sejam assim:

> É claro, têm escolas que não são tão mal iluminadas, não são todas quebradas, não são tão na periferia. Como eu disse, são várias escolas. A nossa escola era uma escola extremamente precária; numa periferia perigosa; com uma diversidade enorme. Então esses conflitos realmente apareciam. E, volto a dizer, num documentário quando você precisa retratar fielmente a realidade como ela é, não é mais dramaturgia, aí é documentário. Aí você vai, vai num dia numa escola, vai acontecer uma coisa; aí você passa uma semana e de repente acontece outro caso. Aí você está documentando a realidade. Eu não estou fazendo um documentário sobre a realidade na escola, eu estou produzindo uma obra ficcional sobre educação, sobre a EJA. **Então a minha função é retratar da melhor maneira, ser fiel, mas prender o espectador. Jogar o espectador para o próximo episódio; levantar temas de debate**. (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

A título de ilustração, Sergio Haddad (2007) apresenta em seu livro *Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos* iniciativas da rede pública que têm outra configuração. Mais recentemente, Silva e Soares (2021), também publicaram um artigo

com os resultados de pesquisas que trazem experiências da EJA em escolas municipais em cidades mineiras.

A EJA necessita de políticas públicas complementares que atendam às demandas e necessidades de seus estudantes. Dentre as necessidades, encontramos demandas como alimentação reforçada, considerando que são sujeitos que majoritariamente trabalham ou vivem uma situação de vulnerabilidade social; recursos didáticos adequados ao público; boa iluminação, levando em conta que a maioria das turmas funcionam no período da noite; dentre outras.

Contudo, a escola apresentada pela série não atende às necessidades dos educandos. No que se refere à iluminação, a escola demonstra precariedade com a luz piscando e a baixa luminosidade da escola. O quadro de giz é o instrumento de trabalho dos professores, demonstrando uma precarização dos recursos didáticos.

A refeição no noturno foi uma das grandes conquistas do campo da EJA. Contudo, no caso da Escola Carolina Maria de Jesus, a alimentação é sempre insuficiente para que os sujeitos consigam se manter na escola após um dia de trabalho. Por vezes, a refeição era um pão com pouco queijo que não satisfazia os estudantes, deixando de corresponder às suas demandas.

A solidariedade e a resistência são as respostas para grande parte dos desafios. Na falta de lugares suficientes para se sentar durante a refeição, os estudantes revezam e afirmam “aqui tem espaço para todo mundo” (Segunda Chamada, 2019, episódio 1); na desistência de Wallace, estudante com deficiência, por falta de estrutura adequada, os estudantes decidem ter aulas no pátio da escola; e quando a escola é ameaçada a fechar por problemas estruturais, a resposta é ocupá-la. A série rompe com uma visão de romantização da escola e muitos desafios acontecem no cotidiano. Natasha, estudante trans, por exemplo, é impedida de utilizar o banheiro e cogita desistir de estudar[14]. Lúcia, por sua vez, evidencia a importância do nome da Escola Carolina Maria de Jesus:

> Lúcia: Quem foi Carolina Maria de Jesus?
>
> Vitor: Foi uma escritora negra.
>
> Lúcia: Isso, Vitor!
>
> Lúcia: É a autora do livro que nós vamos estudar esse semestre, “Quarto de despejo”. A Carolina Maria foi a primeira mulher negra[15] a publicar um livro no

[14] A situação será abordada em detalhe no Capítulo 5.

[15] Aqui vale uma correção: a primeira mulher negra a publicar um livro foi Maria Firmina dos Reis, um romance nomeado *Úrsula*.

> Brasil. Criou quatro filhos trabalhando como catadora de papel. Vocês podem imaginar quanto preconceito ela sofreu? Imagina se ela tivesse desistido diante das dificuldades. A gente teria perdido uma das maiores autoras brasileiras. Eu vou ler aqui um trechinho da entrevista dela. Quando perguntaram pra ela o motivo pra ela escrever um livro, ela respondeu: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia”. Não é à toa que nossa escola chama Carolina Maria de Jesus. Porque todo mundo que tá aqui já levou muito “não” na vida, todo mundo que tá aqui já levou muita porta fechada na cara. Essa escola pode ser nossa segunda chance, gente. Quem já foi perseguido por um segurança? - estudantes levantam as mãos - Quem já levou dura da polícia sem motivo nenhum? - estudantes levantam as mãos - Quem já se sentiu constrangido por entrar em um elevador social? - estudantes levantam as mãos - Quem já foi agredida só por entrar em um banheiro? - Natasha levanta a mão - A gente já tem uma batalha todo dia lá fora, **aqui dentro dessa escola todo mundo veste a mesma camisa** (Segunda Chamada, 2019, episódio 1, grifos nossos).

Natasha, na ocasião citada acima, decide ficar, mas com a certeza de que “tem muito muro para quebrar dentro dessa escola” (Segunda Chamada, 2019, episódio 1). A educação e o atendimento às especificidades da EJA não devem ser vistos como algo imutável, concluído. Eles devem se adequar às necessidades dos educandos de acordo também com o contexto social e desenvolvimento histórico. Miguel Arroyo (2014) reforça que reconhecer os sujeitos e suas demandas também exige o desenvolvimento de outras pedagogias.

O trecho apresentado anteriormente levanta a concepção da EJA como uma “segunda chance” para aqueles que não concluíram seu processo de escolarização. Contudo, reforçamos a concepção da educação como direito, o que altera a lógica de “chance”. Abordaremos esse tema de forma mais aprofundada no Capítulo 6.

O retorno dos professores foi algo relatado por uma das autoras entrevistada por nossa pesquisa: “[...] os professores realmente abraçam, eles passam a série em sala de aula, eles levam a série para debates, idem episódios. É motivo de muita alegria para mim” (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022).

Mariangela Machado (2020), argumenta que a série apresenta um resultado positivo por traçar um retrato fiel das dificuldades de um serviço público que é sucateado pelo poder público. Ela reforça, ainda, a importância da dedicação daqueles que ocupam esse espaço. Carolina Gomes (2021), ao realizar a pesquisa na área de comunicação, entrevista alguns estudantes e professores da EJA e, ao questionar Daiana Jardim, professora da EJA, ela afirma que se sentiu vista e ouvida. A estudante Maria Isabela também se sentiu representada e afirmou que a série, a partir do entretenimento, conseguiu falar pelas pessoas que não podem falar por si.

A série, transmitida na maior rede televisiva do país, evidencia os desafios, as potencialidades, as belezas, a diversidade e a pluralidade presentes na Educação de Jovens e Adultos em um momento de ataques e sucateamento da educação pública de nosso país. A sensibilidade apresentada pelas autoras, não isentas de críticas, é demonstrada em 17 episódios trazendo temas pertinentes de discussão em nossa sociedade. Vale ressaltar que a série apresenta um imaginário de uma escola de EJA. Apesar de ser baseada em fatos reais, não podemos generalizar que toda escola de EJA apresente as mesmas características.

5 “ESTUDAR É UM DIREITO DE TODO MUNDO”: A EJA COMO DIREITO

Você deve estampar sempre um ar de alegria
E dizer: tudo tem melhorado
Você deve rezar pelo bem do patrão
E esquecer que está desempregado
Elza Soares[16]

O atendimento a adultos sem escolarização existe desde o período colonial, por meio da catequização realizada, a uma parcela da população, pelos jesuítas, e vem sendo afirmada de várias formas no decorrer da história (Galvão; Soares, 2006).

No âmbito internacional, a educação é reconhecida como um direito humano, desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (Unicef, 2022), de 1948, a qual em seu artigo 26, afirma que a educação é fundamental para o “desenvolvimento pleno da personalidade humana” e, também, “uma necessidade para fortalecer o respeito aos direitos e liberdades fundamentais” (Gadotti, 2013).

Em que pese esse reconhecimento internacional, no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 (LDB 5692/71), por exemplo, estabelecia o direito à educação àqueles com idade entre 7 e 14 anos. Para as pessoas acima de 15 anos, a educação tinha um caráter voluntário e o Estado não se responsabilizava em assegurar seu atendimento (Haddad; Di Pierro, 2000).

Com a aprovação da Constituição Federal de 1988, conhecida como constituição cidadã, ficou estabelecida a educação como direito de todos, inclusive de pessoas que a ela não tiveram acesso na idade considerada apropriada. Uma vez reconhecido o direito de todos à educação, independentemente da idade, passou a ser responsabilidade do Estado garantir sua oferta pública, gratuita e universal. Entretanto, conforme afirmam Haddad e Di Pierro (2000, p. 119), a história da educação de jovens e adultos após a promulgação da Constituição de 1988 é “[...] marcada pela contradição entre a afirmação no plano jurídico do direito formal da população jovem e adulta à educação básica, de um lado, e sua negação pelas políticas públicas concretas, de outro”.

Além da Constituição Federal de 1988, outro ordenamento legal que preconiza o direito de todos à educação é a mais recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB 9394/96), a qual fez com que a EJA se constituísse como modalidade da Educação Básica, e se configurasse de forma diferenciada, superando

[16] COMPORTAMENTO Geral. Intérprete: Elza Soares. Compositor: Gonzaguinha. In: Planeta fome. Intérprete: Elza Soares. Local: Deckdisc, 2019. Digital (3:39).

o Ensino Supletivo. Os pesquisadores Sérgio Haddad e Maria Clara Di Pierro (2000, p.117) definem que “o Ensino Supletivo se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando uma mão-de-obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola”.

A mudança de paradigma para a Educação de Jovens e Adultos aconteceu no período de redemocratização do Brasil[17] e representou um avanço de concepção que buscou ultrapassar o entendimento anterior. Contudo, para Sérgio Haddad (2007), na década de 2000, a EJA passou por um período de avanços, visto que a sociedade passava por um processo de repensar a educação e a forma de fazê-la. Além disso, o autor destaca a importância de não se privar dos conhecimentos acumulados historicamente. Esses apontamentos reforçam a importância de se garantir o direito à EJA aos diferentes sujeitos que recorram a essa modalidade educacional.

Nos anos 2000, foi elaborado o Parecer nº 11/2000 da Câmara de Educação Básica – CEB, do Conselho Nacional de Educação – CNE, que regulamenta a modalidade EJA. Nesse documento, de acordo com Silva (2010, p. 32),

> a escola para jovens e adultos precisa cumprir, ao mesmo tempo, a função reparadora, pelo esforço de superar a injustiça praticada historicamente contra amplos setores da sociedade brasileira, privando-os do direito de frequentar a escola e a equalizadora, decorrente da necessidade de se oferecer oportunidades diferenciadas de aprendizagem, dando-se maiores oportunidades a quem mais precisa, possibilitando-se estratégias diferenciadas de ensino-aprendizagem. Isso porque os estudantes não são iguais, nem nos seus níveis de escolarização, nem nas suas estratégias de compreensão/assimilação de conteúdos; e, por último, a função qualificadora que envolve todos os aspectos da ação educativa. Nesse sentido, os conteúdos difundidos em sala de aula, as situações criadas em função do ensino e da aprendizagem, as concepções teórico-conceituais e a forma como a escola se administra fazem parte da sua função qualificadora.

Entender que a educação é um direito de todo cidadão, e que não está limitada à faixa etária ou período da vida, ainda é um desafio da nossa sociedade. Essa disputa de concepções também é abordada na série *Segunda Chamada*, exemplificada em uma das cenas: ao refletirem sobre as pessoas em situação de rua, Lúcia e Jaci têm uma discussão:

> Lúcia: Parece que você ficou aliviado deles desistirem.
>
> Jaci: Você queria que eu implorasse pra eles ficarem? Eles que jogaram fora uma oportunidade que a gente deu pra eles. Preferiram voltar pra rua, pra dormir ao relento, pedir esmola e fazer sabe-se lá mais o que.

[17] O período da redemocratização compreende a desarticulação do regime civil militar que governou ditatorialmente o Brasil de 1964 a 1985.

> Lúcia: A gente não deu nada pra eles, Jaci. Estudar é um direito, um direito de todo mundo, até de quem não tem um teto [...] (Segunda Chamada, 2021, episódio 3).

A história de vida dessa e de outras estudantes da EJA não está descolada dos desafios que muitas outras pessoas vivenciaram e ainda vivenciam no Brasil, como a negação do direito à educação. Sabemos que a efetivação de tal direito ainda é uma luta social e não está isolada de outras negações vivenciadas por essas pessoas. Soares (2019) reflete sobre trajetórias entrelaçadas aos contextos social, econômico, político e cultural do país.

Nesse sentido, Silva (2018, p. 202) nos leva a considerar que “o campo da EJA possui como uma de suas características fundamentais não somente o recorte socioeconômico e geracional, mas, também, o racial”. Sendo assim, “quando se discute a EJA como um direito, não se pode esquecer de que esse direito também se articula à luta pelo direito à diferença” (Silva, 2018, p. 202).

O professor Miguel Arroyo (2017), por sua vez, aponta que a essas pessoas, estudantes da EJA, ocorre a negação mais radical do reconhecimento como humanos, isto é, sua humanidade é roubada, e propõe ampliar a concepção de educação abordando a dimensão do conhecimento e da cultura. A EJA como “um processo de formação humana que visa contribuir para o processo de mudança social” (Giovanetti, 2005, p. 244). Entretanto, a concepção de EJA como uma modalidade educativa para “recuperar o tempo perdido” ou “a oportunidade de se ter uma segunda chance” ainda está enraizada na nossa sociedade.

Afirmando a EJA como direito, neste capítulo, nos dedicaremos a aprofundar a realidade dos/as educandos/as presentes série em *Segunda Chamada*. A série apresentou trinta e quatro perfis diferenciados de estudantes da Educação de Jovens e Adultos, identificados nas primeira e segunda temporadas, que, a partir de nossa percepção, correspondem à diversidade do público da EJA. Dado o número elevado e a complexidade desses perfis e dos temas trazidos na série, selecionamos alguns perfis, os quais foram organizados em três eixos temáticos a serem abordados no presente capítulo. Os eixos temáticos são: mulheres na EJA; trabalhadores/as na EJA e pessoas em situação de rua na EJA.

5.1 “Lugar de mulher é onde ela quiser”: mulheres estudantes da EJA

> “Que lugar de mulher é em casa… Lugar de mulher é onde ela quiser ficar! Você tem que aprender a respeitar ela” (Eliete, professora de matemática, Segunda Chamada, 2019, episódio 5)

Na série, há a predominância de mulheres na EJA, com singularidades em suas trajetórias e diferentes demandas para garantia ao direito à educação. Apresentaremos, a seguir, 11 estudantes da série e quatro depoimentos[18] em seus respectivos contextos.

Figura 5 – Gislaine abraçando seu filho



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 1 (2019).

A personagem apresentada na Figura 5 é Gislaine, uma jovem mãe que, para sobreviver, precisa trabalhar como garota de programa. Silva (2016, p. 255) afirma que, “essa vulnerabilidade gerada pela baixa renda é uma das características constituintes dos sujeitos da modalidade EJA” e que “muitas vezes, eles/as, simplesmente, não têm para onde ir e são ‘forçados/as’ a se prostituírem na luta pela sobrevivência”. A falta de emprego digno para sustentar sua família fez com que Gislaine só tivesse como forma de sustento a prostituição. Tal realidade acarreta outros problemas, como o preconceito vivenciado por essas mulheres e a negação do direito à educação.

Em um dos episódios, ao seu colega descobrir seu trabalho, Gislaine aponta o motivo que a levara a evadir novamente da escola: “Ficar aqui, professora? Ninguém

[18] Como será apresentado no Capítulo 6, ao final de cada episódio, estudantes da EJA apresentam suas experiências.

respeita puta. Se eu ficar, eu que vou estar me desrespeitando" (Segunda Chamada, 2019, episódio 3).

Outra personagem da série que representa as mulheres da EJA é Solange, mãe solo que enfrenta muitos desafios, como a falta de rede de apoio para cuidar do bebê enquanto estuda, além da locomoção precária com um recém-nascido no colo para ir até a escola e a experiência de frequentar as aulas com a criança chorando. Solange, assim como Gislaine, cuja história foi apresentada acima, é uma mãe solo jovem que vive uma situação extrema de pobreza, chegando a passar fome.

A Figura 6 a seguir representa uma cena da série, na qual Solange, em um ato de desespero, rouba leite da cantina da escola. Na continuação da narrativa, ela se esbarra em outro estudante e o leite estoura. A professora Eliete, ao ver a mãe desesperada, se propõe a acalmá-la orientando que ela vá até o banheiro lavar o rosto e se recuperar para o próximo momento da aula. Solange foge e deixa o bebê com a professora. Posteriormente, no desenrolar da trama, descobre-se que o pai da criança era "matador"[19] e que Solange não tinha família, nem moradia.

Figura 6 – Solange tampa a boca de sua filha ao roubar da cantina



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 1 (2019).

Outra mulher, personagem da série, que representa a dificuldade que é ser mãe solo e a secundarização do processo de escolarização por priorizar seus filhos é Dona Maria. Ela é mãe de dois filhos, um que se formou na escola[20] e outro que evadiu e se envolveu com o tráfico de drogas. Dona Maria assim se apresenta:

[19] Termo utilizado pela personagem Natasha para se referir ao que o homem, pai da filha da personagem Solange, faz.

[20] O personagem Cleiton é o filho de Maria que se forma na escola no decorrer da primeira temporada.

> Meu nome é Maria, eu trabalho como doméstica. Faz um tempão que eu não estudo. Eu tenho dois filhos, o Cleiton que se formou aqui no ano passado, que é o mais novo. E o outro é o Geraldo. [...] Eu dei um duro danado para criar meus filhos sozinha (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

Ser mãe e ter a responsabilidade de se criar uma criança sem o pai, sem rede de apoio e sem políticas públicas adequadas impossibilita que muitas mulheres prossigam seus estudos na EJA. Alguns depoimentos exibidos no final dos episódios, como o que apresentamos a seguir, contribuem para expressar essa problemática:

> [...] aquela depressão escondida que tu não conta e que ninguém vê e um dia eu tomei uma cartela de remédios e eu olhava para o meu filho na minha frente e não conseguia falar nada. Aquilo ali dependia de mim, eu coloquei ali, eu acho que eu entendi o que era ser mãe ali [...] Então, a educação ela te dá a base pra tudo, pra tudo. Eu não consigo enxergar um mundo melhor sem isso (Jussara de Oliveira da Cruz, 31 anos, confeiteira, Segunda Chamada, 2019, episódio 7)

Identificar na educação uma base, uma possibilidade, para recomeçar uma vida fragilizada, como relatado por Jussara no depoimento acima, contribui para reforçar a concepção transformadora da educação. Emediato (1978, p. 207) apresenta que

> [...] a educação é vulgarmente considerada um importante instrumento impulsionador da transformação social. Segundo a teoria liberal, a educação foi sempre considerada uma via para a mobilidade social e a chave de progresso individual e social.

Entretanto, como defendido por Paulo Freire (1996, p. 126),

> Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.

Nesse sentido, os processos educativos são transformadores quando se materializam em mudanças de conduta das pessoas, atrelando a formação individual e a transformação social. Ademais, a partir dessa concepção, a educação deve ser entendida como formação de indivíduos críticos e conscientes de suas possibilidades como agentes da mudança social (Freire,1996).

Outro desafio enfrentado cotidianamente pelas mulheres mães é o constrangimento por amamentar seus filhos em público. Na série, quem enfrenta esse obstáculo é Márcia, uma estudante evangélica cujo parto, por não ser socorrida por uma ambulância, ocorre escola. Dias depois, Márcia vai à escola realizar uma prova e, ao amamentar a criança em público, é constrangida por parte dos colegas, que fazem

comentários de cunho sexual. Seu marido, Pedro, a proíbe de amamentar na frente das pessoas; com isso a estudante vai ao banheiro para amamentar seu filho sempre que ele chora. A professora Lúcia questiona a situação, e o caso é levado até a sala do diretor Jaci:

> Pedro: A Márcia estava dando de mamar no banheiro e a professora Lúcia disse que ela podia dar na sala de aula…
>
> Lúcia: Não, não, não… Ela estava amamentando sentada na privada. Fala Márcia, fala o que está acontecendo.
>
> Jaci: Ela é mãe, ela amamenta onde ela quiser.
>
> Lúcia: Mas não foi uma escolha dela, Jaci...
>
> Jaci: Primeiro, que isso aqui é uma escola, não é lugar para recém-nascido.
>
> Lúcia: A Márcia só veio para a escola, porque ela não recebeu a prova em casa.
>
> Jaci: Imagina se eu for enviar a prova para todo mundo que não puder fazer...
>
> Lúcia: Não, para todo mundo que tem direito.
>
> Jaci: Eu não estou proibindo nenhuma mãe de alimentar o seu bebê, mas eu também não posso impedir que fiquem olhando pro, pro…
>
> Lúcia: Peito, chama peito, Jaci.
>
> Jaci: Vamos facilitar para todo mundo: por favor, quando você quiser amamentar você procura um lugar reservado. Tá bem?
>
> Lúcia: Quer dizer que ela tem que se esconder toda vez que o bebê tiver fome, é isso?
>
> Jaci: É. Ou então vai para casa.
>
> Márcia: Eu só vim com ela [a criança] aqui para fazer uma prova.
>
> Pedro: *Vão* embora, Márcia (Segunda Chamada, 2019, episódio 4).

Nesse diálogo da série, percebemos a contradição vivenciada por parte das educandas da EJA. A garantia do atendimento às mães precisa ser pensada pela escola. No caso apresentado pela série, a estudante estava com um recém-nascido e o direito, de acordo com a Lei nº 6.202/75 (Brasil, 1975), era que ela realizasse o exame a partir do regime de exercícios domiciliares às gestantes estudantes. O direito dela de realizar a prova em casa não se efetivou.

No desenrolar da situação, a professora leva para a sala de aula o tensionamento vivenciado e a possibilidade de evasão da estudante a partir disso:

> Lúcia: Ei, vocês estão satisfeitos? A Márcia pegou duas conduções com bebê no colo para vir estudar e passar por esse constrangimento, ser agredida, desrespeitada enquanto amamenta. Estou envergonhada por vocês. Gente, amamentação é uma coisa natural, importantíssima, vocês deviam ter acolhido a Márcia.
>
> Aline: É gente, o problema é peito? Então, toma aqui ó! (mostrando os seios)

> [Nesse momento, todas as mulheres sobem na cadeira e em um gesto coletivo também mostram os seios] (Segunda Chamada, 2019, episódio 5).

Lúcia, por sua vez, apoia o ato das estudantes subindo também em uma das cadeiras como apresentado na figura 7 a seguir:

Figura 7 – Manifestação espontânea das estudantes em defesa da amamentação



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 5 (2019).

É necessário fugir da lógica simplista de responsabilização individual dos problemas complexos do ambiente escolar. Poderíamos encontrar diferentes alternativas para responder à demanda da estudante mãe que precisa amamentar seu filho enquanto estuda. Uma delas seria o atendimento diurno para a Educação de Jovens e Adultos, iniciativa que acontece atualmente em parte das escolas públicas de nosso país, ainda que de forma minoritária.

Hoje, mais de 500 mulheres abortam diariamente no Brasil (Lichotti; Mazza; Buono, 2020). A personagem Rita representa essa realidade na série. Mãe de três filhos e com muita dificuldade de sustentá-los, ela se arrisca a interromper de forma insegura uma gestação e, com isso, passa mal e precisa ser levada para o hospital pela professora Sônia e pelo professor Marco André. Durante o ocorrido, os professores tecem o seguinte diálogo:

> Sônia: Meu Deus, eu fico arrasada quando eu vejo isso: uma menina tão nova correndo risco de vida porque fez um aborto por conta própria.
>
> Marco André: Ela podia ter evitado, né Sônia? Se ela tivesse decidido ter o filho…
>
> Sônia: Você viu o que essa menina tava passando para fazer o que fez.
>
> Marco André: Então, você é a favor?

> Sônia: A questão não é ser a favor ou ser contra. O aborto existe, só que é gente como a Rita quem morre por falta de assistência médica.
>
> Marco André: Sim Sônia, mas a Rita quase, realmente, morreu na nossa frente. (Segunda Chamada, 2019, episódio 5).

Rita, como muitas mulheres que precisam abortar de forma insegura, não resistiu e acabou falecendo. O aborto no Brasil é uma questão de saúde pública que afeta, também, estudantes da EJA. É importante ressaltar que as mulheres que perdem a vida devido ao aborto hoje, no Brasil, são aquelas que não têm condições de pagar para realizar o procedimento de forma segura, como a personagem da série, e que isso ocorre majoritariamente com mulheres negras (Criola, 2021).

Jurema é uma mulher idosa e representa na série muitas outras mulheres que tiveram e ainda têm o direito à educação impedido por seus maridos. Essa concepção machista também se estende a pais que impediram suas filhas de concluírem seus estudos, como citado por Clarice Gonçalves, diarista, estudante da EJA:

> Meu pai falava assim: mulher não precisa de estudo, quem precisa de estudo é homem que vai trabalhar para cuidar da família. Eu passei muita dificuldade depois com quatro filhos, sem marido, então eu precisava desse estudo. O meu pai não me deu esse direito assim. (Segunda Chamada, 2019, episódio 5).

A estratégia de Jurema para conseguir estudar era dizer ao marido que estava indo para a igreja. Em um dos episódios, seu esposo vai à escola, entra na sala de aula e, em ato autoritário, a obriga a voltar à casa: “Vamo para casa, Jurema, agora!”. Nesse instante, a professora Eliete intervém:

> Eliete: Não… A Dona Jurema vai embora se ela quiser, hein?
>
> Marido da Jurema: Não se mete professora, a mulher é minha.
>
> Eliete: É sua o quê? Ela é algum objeto para ser posse sua? Porque até onde eu sei ela tem liberdade, inclusive para estudar se ela quiser.
>
> Marido da Jurema: Ela mentiu esse tempo todo dizendo que ela estava indo para a igreja…
>
> Eliete: Já se perguntou o porquê?
>
> Marido da Jurema: Não quero saber… Você está velha, com filho criado.
>
> Eliete: Meu amor, não tem idade certa para estudar, para sair da ignorância. Inclusive o senhor devia seguir o exemplo da sua mulher.
>
> Marido da Jurema: Vamo para casa agora Jurema. [pegando-a pelo braço] Lugar de mulher é em casa, junto do marido.
>
> Eliete: Que lugar de mulher é em casa… **Lugar de mulher é onde ela quiser ficar**! Você tem que aprender a respeitar ela.
>
> Marido: Respeito, respeito sim, mas, se ela ficar, acabou o casamento.
>
> Eliete: Aí com você é tudo ou nada, não tem o meio termo aí…

> Marido: Não senhora, estudar para quê? Para ser melhor que eu? Ela vai ter que escolher, ou eu, ou a escola. (Segunda Chamada, 2019, episódio 5).

Jurema, ao viver esse dilema entre a manutenção da família e o sonho de estudar, cogita, inicialmente, voltar à casa com o marido:

> D. Jurema: Para mim não vai dar professora, o meu tempo passou.
>
> Eliete: Que passou o quê, D. Jurema, eu olho para a senhora e vejo vontade de aprender, vejo paixão pela vida. Fica lá em casa, não é papinho.
>
> Jurema: Obrigada professora, mas eu vou para casa.
>
> Eliete: A senhora que sabe o que faz da sua vida. (Segunda Chamada, 2019, episódio 5).

A fala de Jurema reflete algo comum de ouvirmos quando nos referimos à Educação de Jovens e Adultos: “meu tempo passou”, “burro velho não aprende”, “estou velha para isso”, são expressões que reforçam o estigma de que existe um tempo correto para vivenciar o processo de escolarização e que, se o sujeito não o vivenciou na idade considerada “correta”, o tempo passou e é melhor que ele não retorne. Romper com essa lógica é um ato de coragem. Jacyra, de 84 anos, estudante de EJA, aparece no final de um dos episódios para nos demonstrar ser possível:

> Eu comecei a estudar com… 80. Sempre com livro na mão, agora eu fiz uma cirurgia no olho, né, da catarata, o médico falou: “Pode ler, ler você consegue.” Fico lendo com a bisnetinha, ensinando ela as primeiras letrinhas, sabe? (Jacyra Magiolli de Morais, 84 anos, Segunda Chamada, 2019, episódio 1)

E, finalmente, ao refletir sobre o que a professora diz, Jurema decide ficar na escola:

> D. Jurema: Eu passei minha vida toda cuidando de você [marido], dos meus filhos. É aqui nessa escola, que pela primeira vez, eu estou fazendo alguma coisa pra mim. Você entende isso? Se você me ama, você tem que entender. (Segunda Chamada, 2019, episódio 5).

Estudos sobre os sujeitos da EJA apresentam situações semelhantes vividas por educandas. Na pesquisa Intitulada *O sujeito educando da EJA e a cidade: um estudo sobre as mudanças provocadas pela reinserção na escola*, de Alves (2017), uma das entrevistadas relata:

> [...] quando eu fui pro primeiro ano, meu pai me tirou, ele falou que mulher não precisava estudar, tinha que trabalhar e ter filho, só pra isso que mulher servia. Aí parei de estudar (Alves, 2017, p. 45)[21].

[21] Depoimento verbal de Rosária à Alves (2017).

As trajetórias de mulheres são afetadas pela questão de gênero. Por vezes, suas vidas são decididas por homens, seja pelo pai ou, posteriormente, pelo marido. O machismo é, sem dúvidas, algo que perpassa a história de muitas mulheres. Penha, entrevistada também por Alves (2017), declara semelhantemente que teve sua liberdade cerceada pelo esposo, somando-se às agressões verbais e chegando à agressão física pelo fato de querer dedicar-se aos estudos:

> [...] ele aposentado e tudo, ele não queria mais que eu estudasse. Falou que eu não ia mais estudar, eu falei que ia. [...] Ele falou que eu tava afrontando ele. Eu falei que não, que tava correndo atrás do meu sonho, que agora era a hora e eu não ia parar. Até que ele me deu um soco na cara, me bateu. Me pegou, me deu um tal de "sossega-leão", que eu nem sabia o que era isso. Me arrastou, me socou a cara, abriu o portão e me jogou na rua. Falou que meu lugar era lá, porque eu não tinha nada que estudar não, porque isso não era coisa de mulher direita. Que mulher que afrontava o marido pra estudar depois de velha… é uma mulher que tá querendo outras coisas, que não era o certo. (Alves, 2017, p. 66)[22].

Outra estudante da EJA representada na série é Aline, uma mulher que vive um relacionamento abusivo e, ao apanhar do namorado na porta da escola, decide denunciá-lo na delegacia: "Não vou mais apanhar de homem não. [...] Quem tem que se esconder é ele, quem tem que ter vergonha é ele, não eu, certo?" (Segunda Chamada, 2019, episódio 8). Situações como a da personagem Aline são uma realidade que já foi vivenciada por 27% das mulheres de 15 aos 49 anos de nosso país (Leight, 2022). A maioria dessas mulheres são negras, oriundas das camadas populares, e parte não tem a educação básica completa.

A violência de gênero se expressa de diferentes formas. Leandra[23] é a uma mulher que, após viver uma situação de violência sexual, decide se vestir de homem para conseguir sobreviver na dinâmica das ruas. Em uma discussão com um colega de turma que questiona o feminicídio de Sônia, fica exaltada. A discussão se aprofunda até que acontecem agressões físicas. Após se machucar, Leandra tem seu ferimento cuidado pela professora Lúcia e questiona:

> Leandra: A senhora já sentiu medo por ser mulher? Por que fazem isso com a gente professora?
>
> Lúcia: Quê que fizeram com você?
>
> [Mostra cenas simulando estupro]
>
> Leandra: Minha mãe não acreditou em mim, professora. Achou que eu tava de graça com meu padrasto, que a culpa era minha. Até minha mãe, professora. A

[22] Depoimento verbal de Penha à Alves (2017).

[23] Optamos por trabalhar com o nome real da personagem, já que ela só utiliza o nome masculino por uma necessidade de sobrevivência.

> rua é dos macho professora. **Todo mundo respeita mais o Leandro do que a Leandra**.
>
> Lúcia: Mas aqui na escola é seguro, você não precisa ter medo.
>
> Leandra: Uma professora foi morta aqui, na nossa cara. Não tem lugar seguro não, professora.
>
> Lúcia: Leandro, o que aconteceu com a Sônia foi uma fatalidade.
>
> Leandra: Um homem matar uma mulher? Isso acontece todo dia! Todo dia cai uma. (Segunda Chamada, 2021, episódio 6).

As vivências das personagens Aline, Leandra e Jurema, assim como as de Penha e Rosária, colaboradoras da pesquisa de Alves (2017), exemplificam algo enfrentado por muitas mulheres em nosso país. Santos (2001), ao realizar uma pesquisa com os sujeitos da EJA, concluiu que, além dos desafios de se retomar os estudos com a idade avançada, parte das mulheres tendem a encontrar dois caminhos para garantir que seu processo de escolarização aconteça: enfrentando as proibições e violências do marido e/ou garantindo os cuidados com os filhos para em um próximo momento realizar seu sonho de concluir o processo de educação básica.

Além da questão abordada anteriormente, a história da personagem Jurema contribui, também, para as reflexões acerca dos sujeitos idosos na EJA com expectativas sobre o processo de escolarização. Segundo Coura (2008), os educandos, ao se verem diante da oportunidade de frequentar uma escola, também se encontravam junto de seus sonhos e de expectativas iniciais quanto ao que encontrariam na escola, tendo ou não frequentado uma. Essa reflexão é exemplificada pela reação de Dona Jurema ao realizar uma prova escrita:

> Tô com uma tremedeira que não passa. Nervoso mesmo. Eu tenho um medo danado de na hora da prova dá um embaralhado na minha cabeça. [...] Eu vou fazer a prova, me preparei tanto para esse dia, enfrentei um monte de coisa pra continuar estudando, eu vou fazer a prova. A emoção do dia foi tão grande que esqueci de tomar remédio da pressão. (Segunda Chamada, 2019, episódio 11).

Em *Um sonho que não serve ao sonhador* (2005)*,* de Vera Barreto e José Carlos Barreto, discutem-se os imaginários de rituais escolares que fazem parte das expectativas criadas pelos educandos. Dona Jurema tinha um ideal do que significava a realização da prova escrita, um dos recursos utilizados pelos professores há anos, fruto de uma educação tradicional, onde o professor é a figura central desse conhecimento. Contudo, existem outras experiências na EJA que rompem com essa forma de se fazer a educação e ousam em construir uma educação mais participativa, a partir da Educação Popular.

Temos, ainda, na EJA, estudantes que trabalham como babás ou empregadas domésticas durante toda a vida. Em um dado momento, essas pessoas deixam esses empregos e se deparam com uma vida dedicada a uma realidade diferente da sua. Dona Carmem é a estudante que representa essa realidade, hoje em situação de rua. Ela reflete sobre a vida:

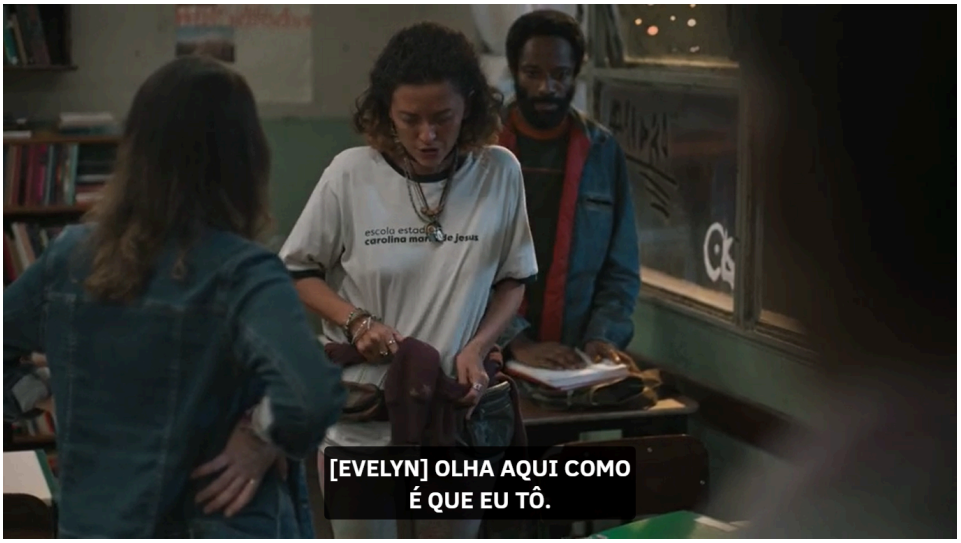
> D. Carmen: A verdade é que eu vivi uma vida que não era minha, e durante muito tempo. Aí eles cresceram, a patroa me mandou embora. Que ela… mudou, né? Outro país. **Aí eu percebi que eu não tinha feito nada pra mim**. Então hoje eu sou mais feliz quando eu finjo que esse aqui era o meu mundo, e que eu não moro na rua. Qual o problema? Me deixa viver no meu sonho.
>
> Marco: Às vezes é o melhor lugar para se viver Dona Carmen. (Segunda Chamada, 2021, episódio 4, grifos nossos).

A história de Dona Carmen apresenta proximidade com a história de Val, personagem da atriz Regina Casé, no filme *Que horas ela volta?* (2015). Val e Dona Carmen são mulheres que se dedicam por muitos anos aos cuidados com filhos de outras pessoas, para garantir seu sustento e, com isso, deixam de se dedicar às suas próprias vidas. Souza (2019, p. 2), inspirado na personagem de Regina Casé, analisa a trajetória de trabalhadoras terceirizadas no Instituto Federal do Rio Grande do Norte:

> Não é difícil encontrar pessoas com comportamento e pensamento semelhantes ao de Val, que deixaram algo para trás, pularam etapas, ou que interromperam estudos, buscando no emprego alternativa para manter o sustento. Não é preciso ir muito longe para encontrar representações da personagem “Val”. [...] é possível identificar situações semelhantes à da personagem de Regina Casé entre os prestadores de serviço terceirizado, que precisaram abandonar os estudos para trabalhar, para manter a família.

A pobreza menstrual é uma realidade vivida por muitas mulheres em situação de rua e foi, por muito tempo, um problema invisibilizado pelo Estado brasileiro, mas que hoje começa a ganhar destaque na mídia (POBREZA, 2021). Evelyn é a estudante que traz esse problema para ser refletido na série. Educanda em situação de rua, ela pega o papel higiênico da escola por não ter condições de comprar absorvente. Uma colega de sala, por sua vez, percebe que o papel acabou por conta da colega e denuncia a situação para a professora Sônia. Evelyn, ao ser acusada de roubo, apresenta que não tem acesso a absorventes higiênicos e que, por isso, estava com a roupa suja, como apresentado na Figura 8 a seguir:

Figura 8 – Evelyn mostrando roupa manchada de menstruação



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 2, episódio 2 (2021).

No relatório intitulado *Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos* (Pobreza Menstrual, 2022), realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em 2021, apresenta-se um panorama da realidade menstrual vivida por meninas brasileiras. As autoras afirmam que o fenômeno da pobreza menstrual[24] demonstra uma responsabilidade do poder público sobre condições mínimas para a garantia da dignidade da pessoa humana ignorando as necessidades fisiológicas de cerca de metade da humanidade, as pessoas que menstruam/pessoas com útero.

Ainda sobre a pobreza menstrual, Assad (2021, p. 143), afirma que,

> Ao não conseguirem controlar a menstruação, meninas deixam de ir à escola, o que evidentemente prejudica seu desempenho escolar. Segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU), 10% das meninas perdem aula quando estão menstruadas.

A situação vivida pela personagem Evelyn, então, nos convida a questionar o quanto a pobreza menstrual é grave para mulheres em situação de rua. Se já é complexo para meninas e mulheres pobres que frequentam nossas escolas, imagine para aquelas que não têm um teto para viver?

A professora, ao ver a situação da estudante, pede desculpas e se sensibiliza, mobilizando uma campanha para doação de absorventes. A colega de turma que

[24] É denominada pobreza menstrual a situação de precariedade e vulnerabilidade econômica e social à qual bilhões de pessoas menstruantes estão submetidas por não terem acesso adequado a saneamento básico, banheiros e itens de higiene pessoal, como os protetores menstruais (ASSAD, 2021).

questiona o roubo do papel higiênico resolve, envergonhada, entregar os absorventes doados, afirmando: “Eu sou mulher que nem tu, eu sei quando a barra pesa para o nosso lado” (Segunda Chamada, 2021, episódio 2).

Os ciclos menstruais afetam diretamente a permanência estudantil dessas pessoas, incluindo homens trans, já que elas vivenciam uma grave situação de vulnerabilidade social e as políticas públicas ainda são muito insuficientes para dar conta da demanda. A EJA precisa pensar no processo educativo, levando em consideração os limitadores sociais e buscando alternativas para solucionar os problemas.

Outra personagem muito marcante na série é Natasha, mulher trans que vivencia diversos desafios para ficar na escola. Tais desafios vão desde os momentos de tensão em seu emprego como trocadora de ônibus, onde ela se expõe a um público diverso com pessoas preconceituosas, até as situações constrangedoras ao fazer uso do banheiro na própria instituição escolar.

A série mostra situações de violência acerca do uso do banheiro para pessoas trans. Em uma das cenas, Natasha sofre agressão física de colegas ao ir ao banheiro masculino. Momentos depois, decide ir ao banheiro feminino, quando é impedida por uma senhora que alega que ela é um homem, por isso não poderia utilizá-lo. Em meio à discussão, uma das professoras tenta mediar a situação e a leva até o banheiro dos professores, o qual também é impedida de utilizar, desta vez por uma professora, ao alegar que o banheiro é destinado exclusivamente aos professores. Se vendo em uma situação desesperadora, Natasha termina por urinar no lixo de uma das salas. O difícil acesso a um direito básico, o de utilizar um banheiro, fez com que Natasha cogitasse desistir de estudar.

Além disso, a personagem é marcada por conflitos na vida pessoal, pois seu namorado não a assume. Com isso, Natasha fica desolada e desiste de participar da apresentação na peça de teatro da escola, alegando:

> Você sabe o que é, a pessoa que você ama ter vergonha do seu corpo, de quem você é? Mas eu devia saber que amor não é coisa para travesti. Você não sabe o que eu passo. Eu sou sozinha. (Segunda Chamada, 2019, episódio 6).

A professora tenta convencer a estudante a participar da peça, como apresentado na Figura 9, ouvindo a mesma e apresentando um pouco de sua trajetória.

Figura 9 – Sônia convence Natasha a seguir na apresentação



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 6 (2019).

Outra cena que expressa a vulnerabilidade vivida pela personagem é a cena na qual uma das professoras descobre que Natasha carrega consigo uma navalha, inclusive levando-a até a escola. A professora argumenta que não é possível aceitar que a estudante entre na escola portando a arma. Nessa situação, Natasha afirma que não pode sair sem ela, por ter medo do que pode acontecer no decorrer do seu dia: “eu tenho medo, eu saio de casa todos os dias e eu não sei se volto viva.” (Segunda Chamada, 2019, episódio 2).

Os desafios vivenciados pela personagem Natasha desencadearam muitas pesquisas que abordam a série. Uma delas é a de Santos e Leal (2020), que, ao se proporem a analisar como a personagem transexual Natasha foi representada em *Segunda Chamada*, concluíram que: “foi possível verificar que a série retratou de modo mais fiel o cotidiano de uma pessoa ‘transexual’, auxiliando na desmistificação e na humanização da transexualidade” (Santos; Leal, 2020, p. 5).

Em decorrência das realidades de vida dessas mulheres, marcadas pelo enfrentamento a inúmeras violações, como o caso da personagem Natasha descrito acima e do depoimento de Júlia, a seguir, a escola é vista como um lugar difícil:

> Com 8 anos de idade já me entendia como uma mulher transexual e com 12 anos sofri uma violência dentro da escola e não tive mais coragem de ir para a escola. Com quase 40 anos de idade eu tava retomando a minha vida e conseguindo conquistar as coisas que eu sempre sonhei. Eu tô vivendo aquilo que eu gostaria de viver lá fora, é um passo para a gente mudar a sociedade de como ela é agora. (Julia Katherine, 42 anos, atriz e roteirista, Segunda Chamada, 2019, episódio 1).

As histórias de mulheres na EJA apresentadas na série e abordadas nesta seção representam histórias de parte das mulheres de nosso país, estudantes reais da EJA, que foram estudadas em pesquisas qualitativas como as de Alves (2017) e Bastos (2011), e trazem reflexões sobre a ausência de mecanismos para a permanência dessas mulheres nas escolas com EJA, bem como condições para uma vida digna e segura. A garantia do direito à vida e à educação dessas mulheres ainda é um desafio de nosso país.

5.2 “Geral aqui trabalhou o dia todo”: trabalhadores/as na EJA

O segundo eixo temático que abordaremos nesse capítulo é “educandos/as trabalhadores/as”. Para isso, serão apresentadas as histórias de nove personagens da série e um depoimento.

Uma das principais características da modalidade educacional EJA é a condição de “não crianças” dos/as estudantes. São sujeitos que majoritariamente precisam trabalhar para garantir sua sobrevivência, sendo que muitos precisam se submeter a trabalhos informais e/ou precários, como os abordados na série *Segunda Chamada*. Sobre essa questão, um de nossos entrevistados relata que:

> Você tem muita dificuldade de levar o aluno para a sala, para matricular, mas a maior dificuldade é manter. Porque fica preso no trabalho, está cansado, está com sono, não tem dinheiro para o lanche ou para uma passagem, tem problema em casa, na família. Então, tudo contribui para tirar esse aluno da sala de aula. Então, a evasão escolar é muito grande! (Trecho da entrevista pessoal de Leandro, ator da série, 24 de março de 2022).

A realidade de Maicon Douglas, que trabalha como motoboy, é relatada em uma das aulas de teatro, como demonstrado na Figura 10.

Figura 10 – Maycon relatando sua situação de vida na aula de Marco André



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 4 (2019).

O personagem é pai de um recém-nascido e morador da periferia da cidade. Em um dos episódios da trama, o estudante perde o emprego após adoecer e relata:

> O médico tinha mandado eu ficar três dias em casa só que quando eu cheguei lá na empresa de novo, atestado e tudo na mão, já tinha outro no meu lugar. Minha história é essa aí, professor, desempregado, um filho pequeno para criar. Tem pra onde correr, não (Segunda Chamada, 2019, episódio 4).

Em um ato de desespero, com a criança chorando sem parar, a esposa de Maicon solta o bebê na água, e ao vê-lo afogando, Maicon salva a criança. Na cena, a esposa de Maicon afirma que não aguenta mais ver a criança sofrer e Maicon tenta acalmá-la afirmando que vai conseguir comprar o remédio de que seu filho necessita. Desempregado, a solução que Maicon encontra é a de assaltar os seus colegas de classe. Na ocasião, o discente é desvendado por dois de seus colegas e tenta justificar a ação para a professora Lúcia:

> Não tem remédio no SUS, a senhora não ia fazer qualquer coisa para salvar a vida do seu filho, não? Eu não sou bandido, não, eu sou pai. [...] Uma vez, a senhora disse que eu era bom aluno, que eu escrevia bem. Eu nunca esqueci disso, eu quero ser professor que nem a senhora. Um dia a senhora ainda vai ter orgulho de mim. (Segunda Chamada, 2019, episódio 6).

Lúcia, sensibilizada pela situação, decide deixar o estudante fugir e, na ação, ele acaba assassinado na porta da escola por membros da comunidade. O motoboy representa a realidade dramática vivida por milhares de brasileiros com trabalhos precarizados ou desempregados e responsáveis por garantir o sustento de suas famílias, onde, ao não ver alternativa, assaltam para sobreviver.

Além de Maicon Douglas, outro jovem estudante da EJA que a série apresenta é Cleiton, morador da comunidade onde a escola Carolina de Jesus está localizada. A mãe de Cleiton, apresentada na seção anterior, trabalha como empregada doméstica, é responsável pelo seu sustento e se dedica a manter Cleiton na escola. Por outro lado, seu irmão, Gero, interrompeu os estudos e trafica drogas. Em um diálogo com o professor Marco André, Cleiton demonstra estar desacreditado na educação como um caminho para conseguir trabalho e transformar sua realidade:

> Cleiton: Para que eu vou querer me formar? Quem é que vai querer me dar emprego? Cansei de brincar de escolinha. Isso aqui não vai me levar a lugar nenhum. Gero fez essa prova aí e tá em cana, sabe por quê? Porque isso aqui não garante o futuro de ninguém.
>
> Marco André: Você tá certo, **a escola não garante o futuro de ninguém. Mas ela te dá a oportunidade da opção**, da escolha. Seu irmão escolheu e você também pode escolher, Cleiton.
>
> Cleiton: Falar é fácil para quem tem grana, porque você não faz ideia do que é acordar e não ter comida no prato.
>
> Marco André: Você não é o Gero, dá essa chance para você mesmo e presta muita atenção porque essa pode ser sua última chance (Segunda Chamada, 2019, episódio 11, grifos nossos).

No trecho acima, Cleiton expressa parte de seu contexto social. Negro, morador de periferia e convivendo com o irmão traficante, ele identifica o tráfico como um dos caminhos possíveis para viver bem, acessando alimentação e lazer. Cleiton, como outros jovens, questiona a escolarização como o caminho para mudança de sua realidade, fenômeno que é observado por Dayrell:

> Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (Dayrell, 2007, p. 1106).

O questionamento sobre o papel da escola na vida, sobretudo da juventude que vivencia um momento de escolhas e que se vê na obrigação de ir até a escola com o anseio de se formar, é algo comum. Isso se soma ao fato de que a escola ainda possui um formato engessado e não garante um trabalho melhor. Contudo, ao refletir sobre a realidade de seu irmão, preso, Cleiton conclui que deve apostar na escola para uma mudança de vida. Vale lembrar que essa transformação não se restringe à lógica mercadológica de se conseguir um emprego digno, mas também deve significar a emancipação enquanto sujeito social.

Os desafios não terminam após a decisão de Cleiton de apostar na escola como um possível agente transformador da trajetória de sua família. No dia de sua formatura, Cleiton é abordado no caminho, sendo acusado, injustamente, de roubo pela polícia. Na cena, a mulher que o acusa, ao apresentar as características do assaltante, enfatiza a cor de pele e, ao observar o jovem correndo, os policiais rapidamente o culpabilizam. Ao argumentar com o policial, Cleiton afirma: “Você vê um preto correndo e acha que é bandido. Eu sou estudante, eu tava correndo porque é minha formatura” (Segunda Chamada, 2019, episódio 11). Gomes e Laborne, refletem acerca do imaginário social cruel sobre a juventude negra no nosso país:

> [...] os jovens negros trazem na corporeidade as características de uma raça ainda vista como inferior, violenta, perigosa. Se estiverem caminhando ou parados segurando o que quer que seja nas mãos, quer seja uma lata de óleo ou um cano para consertar um carro, se estiverem voltando da universidade ou de um baile funk, se estiverem conduzindo o seu próprio carro ou carregando o seu filho fruto de um casamento interracial em um supermercado, eles sempre serão considerados no imaginário social violento e racista como suspeitos número um. E serão vítimas de abordagem policial violenta, terão seus direitos como cidadãos negados, correm o risco de serem assassinados. Eles têm a cor do medo. (Gomes; Laborne, 2018, p. 21).

O Brasil se estruturou sob o racismo, através do processo de escravização, o que faz com que o preconceito racial seja reverberado em nossas relações. Vivemos isso em ações cotidianas, como comentários inferiorizando pessoas negras, ou em casos graves, como os de Amarildo Dias de Souza, Marcos Vinícius Couto, Matheus Siqueira[25] e tantos outros, em que homens e mulheres negras foram assassinados por policiais como parte do genocídio do povo negro. A realidade brasileira é cruel e a escola pode desempenhar um papel importante de mudança social, junto ao Movimento Negro Educador[26].

A personagem Alejandra é uma estudante da EJA cuja história de vida representa a de outros/as trabalhadores/as estudantes da modalidade. Ela tem como trabalho a venda, na escola, de alimentos típicos de seu país natal, a Venezuela.

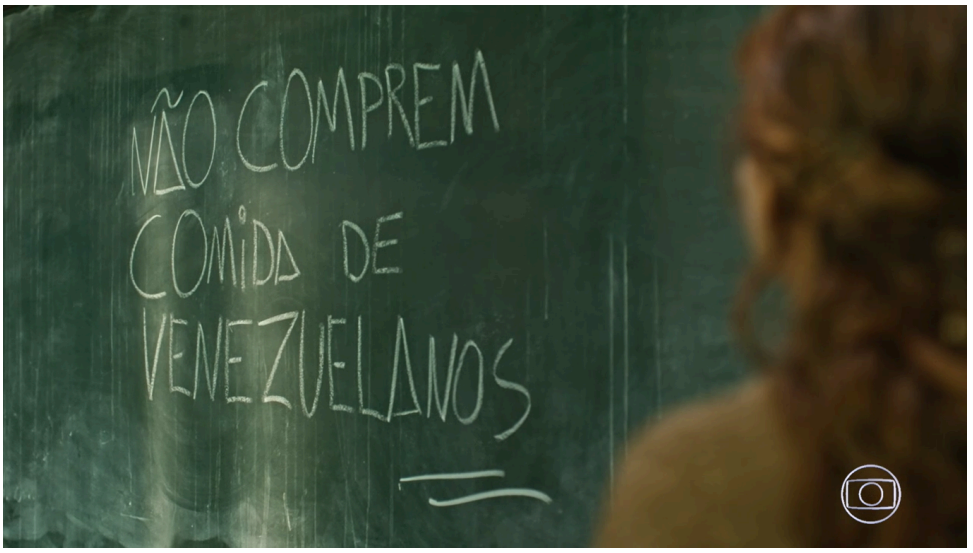
---

[25] Amarildo Dias de Souza, pedreiro morador da Comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro, desapareceu, em julho de 2013, depois de ser levado pela polícia para prestar esclarecimentos e teve sua morte presumida. Marcos Vinícius Vieira Couto foi executado em 2022, durante uma abordagem policial em comunidade na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Matheus Siqueira, homem negro, entregador de comida para um aplicativo, foi baleado na cabeça por um policial militar de folga, em 2022.

[26] A tese de que o Movimento Negro é educador, foi defendida por Nilma Lino Gomes, na obra “O Movimento Negro Educador”, publicado em 2017. Segundo essa autora, o Movimento Negro é um “produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil. Saberes transformados em reivindicações, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI” (Gomes, 2017, p. 14).

Alejandra e seu irmão migraram para o Brasil na tentativa de encontrar melhores condições de vida. Entretanto, outros estudantes também vendiam alimentos, e isso fez com que eles fossem xenofóbicos com os irmãos, escrevendo no quadro, como apresentado na Figura 11 a seguir.

Figura 11 – mensagem deixada no quadro por outros estudantes que comercializavam na escola



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 4 (2019).

A professora Lúcia, por sua vez, defende a permanência dos estudantes, e Alejandra explica: “A gente veio com quase nada, sem certeza nem de ter o que comer. Em busca de uma vida melhor, e, ainda assim, escolhemos o seu país” (Segunda Chamada, 2019, episódio 4). Essa é a história de parte dos imigrantes que buscam uma nova vida no Brasil e buscam a EJA para conseguir aprender português, por exemplo.

Devido às divergências com os colegas, o irmão de Alejandra, Javier, pensa em desistir de estudar e sua irmã reforça: “Pensa, meu irmão, a escola é a nossa chance. Nossa segunda oportunidade”. Pesquisas apontam para a importância da escola e das universidades no processo de acolhida desses imigrantes. Ana Karina Brenner e Márcia Alvarenga (2022, p. 7) ao realizarem uma pesquisa do estado da arte sobre a temática, anunciam:

> Por meio de seus textos, autoras e autores lançaram olhares distintos à questão migratória, indo ao encontro de sujeitos que buscam resistir à desumanização imposta pela migração e encontram em universidades, escolas, em redes de movimentos sociais referências de estabilidade, diante de sentimentos instáveis de ser e estar no mundo.

Neste contexto, a Educação de Jovens e Adultos se torna ainda mais importante como um instrumento de apoio aos imigrantes no país, especialmente, quando os estudantes não dominam a língua portuguesa, como é o caso dos irmãos venezuelanos. É importante ressaltar que a baixa escolaridade não é algo que deve ser entendido como condição de todo imigrante e refugiado no Brasil.

O personagem Anuiá é um estudante indígena que ingressa na Escola Estadual Carolina Maria de Jesus, escola da série *Segunda Chamada*, com o objetivo de melhorar sua condição de vida. Ele sobrevive da venda de artesanatos na rua, e tem como sonho cursar a faculdade de Direito para poder advogar em defesa das causas indígenas. Parte dos estudantes da escola questionam se ele é indígena, trazendo um imaginário social estereotipado dos povos originários:

> Wander: Ó lá, o índio virou ambulante agora.
>
> Jackson: Tu tá acreditando que esse cara é índio, né?
>
> Wander: Índio do Paraguai.
>
> Jackson: Ele é quase brasileiro, véi. Pô, índio anda pelado, carrega tronco, nem fala português.
>
> Anuiá: Deixa de ser ignorante, cara. Indígena não é tudo igual não, pô. Nós temos mais de 300 etnias aí, espalhada pelo país, falamos mais de 200 línguas.
>
> [Jackson joga o colar indígena no chão, que arrebenta, e diz]: Vai trabalhar, índio preguiçoso, vai! Vai pegar no pesado, seu vagabundo. Cata sua semente lá. (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

Essa cena representa o que parte da nossa sociedade reflete, por exemplo, quando no “dia do índio”, dia 19 de abril, as escolas organizam a comemoração vestindo as crianças com poucas vestimentas e um cocar, sem refletir sobre as mudanças que os povos indígenas vivenciaram nos últimos 522 anos. Milanez *et al.* (2019, p. 2175) afirmam que essa é uma das formas mais comuns de preconceito contra indígenas: “a fossilização da cultura indígena como algo imutável e parado no tempo.” Anuiá busca quebrar essa visão denunciando também a destruição em curso para a turma:

> Anuiá: Nossa guerra não é só com arco e flecha não, Jackson, a gente luta com papel e caneta também. Muita gente não sabe da nossa cultura, né? Não faz nem questão de saber. A voz do indígena não tá sendo ouvida professora, nunca foi. As terras do Xingu mermo… hoje, lá é uma ilha verde no meio de um monte de plantação de soja, criação de boi, encheram os rios de barragem, mataram os peixe tudo. Veneno. Pra gente, é sagrado tudo isso. A gente quer um futuro melhor para todo mundo, né? Será que vocês não vão entender isso não? (Segunda Chamada, 2021, episódio 1)

Em meio à discussão, Anuiá apresenta uma visão estereotipada sobre a origem de seu colega, Jackson, afirmando que o colega é baiano, que é como se chama, de forma pejorativa e discriminatória, todos os imigrantes nordestinos em São Paulo. Jackson é um estudante paraibano que, contra a vontade do pai, deixou de pegar mais horas de trabalho na portaria de um prédio para voltar a estudar. O pai reforça uma visão sobre o lugar social que é esperado que nordestinos ocupem na região onde passa a série: “Acorda Jackson, baiano aqui nessa imundiça de Sudeste só serve para três coisas viu? Porteiro, garçom e faxineiro” (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

Esse histórico de discursos reforça um olhar estigmatizado sobre as pessoas atendidas por essa modalidade educativa. É comum observar mães, pais e avós lutando pela escolarização de seus filhos; mas tais indivíduos não se identificam como sujeitos de direito, e essas falas reforçam a visão equivocada construída ao longo dos anos de existência do nosso país. A educação pode cumprir um papel importante a fim de superar os preconceitos presentes na sociedade. Na série, a professora Sônia, por exemplo, utiliza o momento para um debate educativo com a turma:

> Vocês reduziram um ao outro a uma ideia pré-concebida. Isso é preconceito, gente. Vamo entender aqui, que, primeiro: calça jeans e celular podem ser coisas de indígenas sim. Segundo, o Nordeste brasileiro é enorme, são nove estados e a Bahia é só um deles. No caso do Jackson, que nasceu na Paraíba, ele não é baiano, ele é paraibano. Eu também sou nordestina, eu nasci em Pernambuco, eu sou pernambucana com muito orgulho. Indígena não é só aquele que nasce na aldeia e passa a vida toda lá, não… Mas é também quem nasce na aldeia e vem para a cidade, os que nascem e vivem nas cidades, um não é melhor do que o outro. Eu aposto que você, Jackson, você, Anuiá, já sofreram com pessoas que acham que a gente deveria voltar para “nossa aldeia” [sinaliza com as mãos], que, por conta da nossa origem, a gente não tinha o direito de vir, de estar aqui, de sonhar. Lugar de indígena, nordestino, é onde a gente quiser, e se é aqui que a gente quer estar, esse é nosso lugar, como é o de cada um de vocês (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

As pessoas em liberdade condicional que não concluíram seus estudos também podem ser educandas da EJA. A série *Segunda Chamada* apresenta Valquíria, sobrevivente do cárcere[27] que começa a estudar na escola e enfrenta diversos desafios. Um deles é a relação com seus colegas, que tecem diversos comentários sobre sua condição, dentre eles acusando-a, injustamente, de roubo.

Valquíria também enfrenta dificuldades em conseguir emprego devido ao preconceito de estar em liberdade condicional, como demonstrado na Figura 12 a seguir, e, em um ato de desespero, cogita realizar vendas de medicamentos sem

[27] Termo utilizado pelos movimentos sociais que lutam pelo fim do encarceramento, como o “Desencarcera”.

receita médica afirmando que é capaz de fazer qualquer coisa para “botar comida em casa”. Eliete, professora de matemática na escola Carolina Maria de Jesus, ao conhecer a história da estudante, decide ajudá-la fazendo uma parceria de vendas de acessórios e de roupas para que Valquíria consiga sobreviver através desse emprego. A história dessa estudante incita a reflexão acerca das condições em que sujeitos em liberdade condicional e/ou sobreviventes do sistema prisional têm de se reestruturar de forma digna em nossa sociedade.

Figura 12 – Valquíria sendo negada de vaga de emprego por conta de sua tornozeleira eletrônica



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 9 (2019).

Outro trabalhador estudante representado na série é Wander, segurança em um *shopping,* que apresenta contradições ao ocupar esse cargo. Wander é subalterno, mas apresenta no trabalho um certo poder sob as pessoas denominando em “fazer ali uma cara de mau”. Ele é fruto de uma trajetória complexa, advinda, também, de seu trabalho, e demonstra seu machismo, por exemplo, ao refletir sobre a morte da professora Sônia. Além disso, exibe LGBTfobia quando o professor Marco André desejar trabalhar com a peça teatral *O beijo no asfalto*[28], de Nelson Rodrigues, e ele demonstra descontentamento. Seu cargo de segurança faz com que ele viva uma contradição em que, no cotidiano social, é oprimido pela sociedade, sendo um trabalhador comum; porém, ao exercer a função de segurança, exerce também o

[28] *O beijo no asfalto* é uma peça teatral, de 1960, escrita por Nelson Rodrigues e que aborda as repercussões provocadas na sociedade por um beijo entre dois homens (Quaresma, 2008). Abordaremos a passagem de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

opressor que o hospeda. Paulo Freire (1987, p. 32) reflete sobre o desafio de se trabalhar com essa contradição no ambiente escolar:

> O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.

Um dos motivadores para retomar o processo de escolarização é a busca pela certificação e, com ela, a possibilidade de promoção no trabalho. Na série, essa questão é representada pela história de vida do personagem Chico.

Chico é um estudante que trabalha em uma fábrica, se dedica ao emprego, mas não consegue ser promovido por não ter concluído seus estudos. Ao pedir para ser promovido, o chefe fala que para ser operador de máquina é necessário ter o ensino médio completo para fazer o curso destinado à função. Após se matricular na Educação de Jovens e Adultos, Chico vai até seu Chefe para apresentar a notícia:

> Chico: Então chefe, eu vim dizer pro senhor que eu me matriculei numa escola de noite, e já, já eu tiro meu diploma.
>
> Chefe: Hoje você tem diploma?
>
> Chico: Não.
>
> Chefe: Quando você tiver o canudo na mão, a gente conversa. Boa sorte nos estudos! (Segunda Chamada, 2021, episódio 2).

Ainda sobre a relação entre o retorno à escola, a continuidade aos estudos, e a possibilidade de uma melhor posição de trabalho, é apresentado o depoimento de Carlos Alberto Travassos, apresentado na Figura 13. Carlos é caldeireiro e encanador industrial, de 54 anos, e relata que “sempre tive vontade de estudar, mas eu tinha vergonha. Minha vida mudou depois que eu comecei a estudar. Primeiro que eu fui promovido na empresa” (Segunda Chamada, 2021, episódio 3).

Figura 13 – Depoimento de Carlos Alberto



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 3, (2019).

A demanda de escolarização para se conseguir um emprego ou para ser promovido é algo muito comum em nossa sociedade e, por isso, é um dos principais fatores para que as pessoas procurem a EJA para retomar seus estudos. A certificação se apresenta como possibilidade de sobrevivência à medida que amplia as possibilidades de se conseguir um emprego ou melhorar de vida.

Figura 14 – Wallace em seu local de trabalho



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 12 (2019).

Outro trabalhador estudante da EJA representado na série, é Wallace. Na primeira temporada, veiculada em 2019, Wallace trabalhava com construção civil, como apresentado na Figura 14, e tentava conciliar seu trabalho com estudo. Como muitos estudantes da EJA, chegava cansado após um dia de trabalho e tinha pouco tempo

livre para estudar. Em uma das cenas da trama, ao acabar de descarregar um dos caminhões com insumos para obra, Wallace diz para o colega que precisaria aproveitar o horário de almoço para estudar para uma prova e, logo em seguida, é interpelado pelo chefe:

> Chefe: Vocês dois aí, bora acelerar que chegou mais dois caminhões pra descarregar.
>
> Wallace: A gente não vai parar nem para o almoço pô?
>
> Chefe: Só estão liberados depois que vocês descarregarem tudo, a obra tá atrasada, aqui quem manda é o prazo.
>
> Wallace: Eu tenho prova final mais tarde, eu preciso estudar!
>
> Chefe: Quem nasceu para ser burro e é ignorante não chega a ser doutor não. Vai trabalhar, vai. (Segunda Chamada, 2019, episódio 12).

Nessas circunstâncias, Wallace realiza a prova sem preparo e decide copiar as respostas – colar – de seu colega. O diretor Jaci o pega colando, anula sua prova e afirma que ele deveria ter estudado.

Quais condições Wallace tinha para estudar? O correto seria aprová-lo sem aferir seu conhecimento? Ao se pensar nas estruturas escolares, é necessário responder a essas perguntas. A EJA precisa encontrar mecanismos para contribuir com a permanência de cada um desses sujeitos, ao mesmo tempo em que garante seu processo educacional.

Na segunda temporada, veiculada em 2021, Wallace não retorna à escola. A professora Lúcia, ao se lembrar que Wallace tinha se comprometido a retornar, junto ao risco de a escola fechar por falta de estudantes, vai até à casa dele e descobre que ele sofreu um acidente e ficou paraplégico:

> Wallace: Tava suave, trampando de boa aí fui subir para a laje do terceiro andar com saco de cimento, fiquei lá estirado em cima de umas viga de ferro mó cota. O Samu demorou horas pra chegar e o encarregado lá da obra não quis me colocar no carro dele porque achou que ia embaçar para ele chegar comigo arrebentado no hospital.
>
> Lúcia: nem imagino o que é, como você tá se sentindo [...] mas isso não muda o que eu vim fazer aqui. Vamos para a escola comigo?
>
> Wallace: Que que vai me servir estudar nessa condição aqui?
>
> Lúcia: Vai servir para tudo. Até para você conseguir um emprego melhor do que você tinha antes do acidente. (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

Após uns dias, Wallace decide retornar à escola para buscar melhores condições de vida para sua família. Entretanto, fica evidente a falta de estrutura na escola para atender estudantes com deficiência. Wallace passa por muitos

constrangimentos, desde a necessidade de ser carregado como apresentado na Figura 15, já que não existe elevador ou rampa na escola, até a impossibilidade de ir ao banheiro, já que a porta não é adaptada para se passar com a cadeira de rodas.

Figura 15 – Wallace sendo carregado pelo colega



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 2, episódio 4 (2021).

As realidades de vida marcadas pelo trabalho precarizado e por inúmeras violações dos trabalhadores estudantes da EJA, apresentados na série e nesta seção do capítulo, contribuem para reforçar a necessidade de as práticas educativas serem desenvolvidas com esses sujeitos, de forma a aprofundar e ampliar os conhecimentos de mundo que eles construíram ao longo de suas trajetórias. Conforme apontado por Cruz (2020, p. 90),

> Na condição de adultos trabalhadores e conhecedores da vida, conciliam as atividades e funções que exercem como estudantes com outras demandas. Por isso, não raro, são aqueles que tentam retornar e acabam interrompendo novamente os estudos. Os condicionantes, então, acabam influenciando mais na suspensão dos estudos do que o desejo de concluir a trajetória de escolarização.

Nesse sentido, considerar as realidades de trabalho dos/das estudantes da EJA e o desejo de, por meio do estudo, ocupar melhores posições de trabalho, contribuirá para que a escola se torne mais significativa e prazerosa para esses/essas estudantes. Essa é, sem dúvidas uma das especificidades mais marcantes dos educandos da EJA.

5.3 “As pessoas até olham, mas não veem não”: pessoas em situação de rua na EJA

O terceiro eixo que abordaremos neste capítulo é “pessoas em situação de rua na EJA”. A partir das histórias de cinco personagens da série, abordaremos, nesta seção, a questão desse público vulnerabilizado pelo Estado.

Na série, o personagem do Sr. Sílvio é um senhor em situação de rua que, durante o dia, trabalha com reciclagem, e, à noite, vai à escola. Ele demonstra encantamento pela escola, como uma segunda oportunidade, mas vive desafios para permanecer nesse espaço. Após um dia de trabalho, uma das estudantes reclama de seu cheiro e, após o constrangimento perante a turma, Sr. Sílvio explica:

> Avisa lá para os meus companheiros que eu estou me lavando, não quero incomodar ninguém. [...] É moleza falar aquelas coisas, né? Mas ninguém quer saber como é a minha vida. Acordo de madrugada, trabalho o dia todo e venho para cá sem reclamar. Eu tô sempre como diz os menino: ‘de boa.’ (Segunda Chamada, 2019, episódio 6).

A professora Eliete tenta contornar a situação e se disponibiliza a ajudá-lo, perguntando se a casa do estudante é próxima à escola, e o Sr. Sílvio responde:

> Sr. Sílvio: Que casa, professora? Eu moro na rua. Faltou água no chafariz da pracinha, por isso que eu não tô bem cheirável hoje. Mas eu já tive a minha casa, minhas coisas tudo direitinho, mas aí perdi meu emprego e sem estudo não consegui arrumar mais nada. Essa escolinha, cheia de goteira, que nós amamos, é minha única esperança de conseguir um emprego e tomar um rumo na vida.
>
> Eliete: Abrigo o senhor já pensou pelo menos para dormir?
>
> Sr Sílvio: O abrigo fecha cedo, se eu for dormir lá, como eu venho para a escola? (Segunda Chamada, 2019, episódio 6).

Sílvio apresenta o dilema vivido por muitas pessoas em situação de rua. Ao não ter uma moradia, ele precisa escolher entre acessar um abrigo, que tem horário limitado para fechar, ou ir à escola que faz atendimento noturno. A escolha entre dormir sob um teto e estudar expressa a ausência de políticas públicas, de habitação e educacional, para pessoas que vivem essa realidade.

Além disso, ao viver esse constrangimento em sala de aula, ele se lava em uma torneira na parte externa da escola, como apresentado na Figura 16 a seguir. Pensar as especificidades dos educandos também corresponde a garantir políticas complementares para sua permanência como, por exemplo, a garantia de um banho antes da aula.

Figura 16 – Silvio tomando banho na torneira da escola



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 6 (2019).

Na segunda temporada, veiculada em 2021, como relatado por Carla Faour na passagem a seguir, a temática é abordada com mais centralidade quando a Secretaria de Educação ameaça fechar a escola. Sobre essa questão, a autora da série relata que:

> A ideia da segunda temporada era: falamos sobre pessoas vulneráveis na primeira temporada; então na segunda a gente vai falar de uma camada ainda mais precarizada, ainda mais invisível. São pessoas que, além de não terem ensino, são pessoas que não têm casa, não têm moradia. E, assim, na pesquisa, mais uma vez, o que a gente encontrou é que essas pessoas em situação de rua não se sentem pertencentes à escola. Elas não se sentem nem com direito, não se sentem à vontade chegando à escola. É como se aquele espaço não pertencesse a eles. A escola de *Segunda Chamada*, mais do o lugar já na primeira temporada, **mais do que o lugar só de aprendizado e de ensino, é um lugar de acolhimento, de pertencimento, de tolerância.** E, na segunda temporada, é um lugar de resgate da cidadania. Porque essas pessoas em situação de rua não são cidadãos, não são vistas como cidadãos brasileiros, elas são a escória. Elas são invisibilizadas, elas são, de fato, invisibilizadas. Então, a gente traz esse grupo para dentro da escola. E, a partir daí, mais uma vez, os conflitos se deflagram entre esse grupo em situação de rua e entre os alunos matriculados; também com os professores e a direção. É uma temática também super importante de a gente falar. (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Para evitar que a escola seja fechada, uma das professoras da escola, Lúcia, vai até um viaduto da cidade convidar pessoas em situação de rua a ingressarem na Escola Carolina Maria de Jesus. Com isso, um grupo de pessoas em situação de rua entra na escola e expressam as dificuldades enfrentadas por parte dos estudantes da EJA.

Uma das personagens apresentada na série é Néia, uma adulta em situação de rua que nunca foi alfabetizada e que omite sua condição para a escola: “eu tenho vergonha, diretor, uma mulher da minha idade não saber ler e nem escrever. Não queria que ninguém soubesse da minha burrice não” (Segunda Chamada, 2021, episódio 2). Vivemos em uma sociedade letrada, na qual uma pessoa que não teve acesso ao processo de letramento experiencia constantes constrangimentos. A Figura 17 expressa parte do cotidiano de Néia, a partir de sua condição.

Figura 17 – Néia chora ao assumir que não é alfabetizada



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 2, episódio 2 (2021).

Edileusa Maria da Conceição dos Santos, doméstica, afirma em seu depoimento ao final de um dos episódios que:

> [...] só sabia assinar meu nome, tudo que eu queria tinha que perguntar para o meu marido ou para os meus filhos. É humilhante você querer ler uma mensagem, você pedir para os outros e ele falar: o quê? de novo? Então eu decidi estudar para não depender de ninguém (Segunda Chamada, 2021, episódio 5)

A personagem educanda Néia se emociona em sala de aula ao pensar em desistir de frequentar a escola quando o diretor, Jaci, afirma que ela não poderá seguir matriculada, pois a escola não tem turma de alfabetização. O diretor indica outras escolas que Néia poderia frequentar, mas ela afirma que sem seus companheiros ela não continuaria os estudos. Lúcia, então, se compromete a alfabetizá-la em outro turno do dia. Apesar de não saber ler nem escrever, Néia vende livros recolhidos no lixo e se

apaixona pelos enredos, decorando parte das histórias quando seu companheiro[29] realiza a leitura para ela.

O personagem Hélio é um estudante que sofreu uma tragédia familiar, perdendo a esposa e a filha com o desabamento da casa em que moravam. Em decorrência dessa tragédia, Hélio passou a viver em situação de rua. Esse educando chama a atenção por ser um excelente leitor e desenhista, além de se expressar como líder do grupo.

A série demonstra parte dos constrangimentos e preconceitos que as pessoas em situação de rua sofrem de seus colegas, mas também por parte dos professores e dos demais trabalhadores da escola. Isso se expressa quando as cantineiras marcam seus pratos com um esmalte, utilizando a justificativa de que seria uma prevenção caso algum deles tivesse alguma doença. Hélio se revolta com essa situação:

> Marcaram nossos pratos, só os nossos pratos. Estão com nojo da gente? Estão achando que a gente é bicho? [...] Prefiro passar frio do que passar humilhação. (Segunda Chamada, episódio 2, 2021).

Hélio é alcoólatra, o que também impacta sua permanência na escola. Por vezes, o estudante bebe na escola ou chega sem condições de frequentar a aula. Em uma dessas situações, a professora Lúcia decide questionar sobre a condição de Hélio para um de seus colegas:

> Valdinei: A senhora não deixou ele entornar aqui na escola, um dia frio desse, não guentou.
>
> Lúcia: O Hélio é alcoólatra, né?
>
> Valdinei: Na rua a gente não tem esses dizer aí bonito, igual ocês não. **Na rua, a gente aguenta, sobrevive só**. Mas acho que todo mundo faz isso na vida, né?
>
> Lúcia: Eu acho que é. (Segunda Chamada, 2021, episódio 3).

Valdinei é um adulto que encontra uma criança em situação de rua, adota-a e a chama de Tatu. Os professores, ao descobrirem que Tatu não era registrado como filho de Valdinei, reforçam a necessidade de levar Tatu para o Conselho Tutelar. Valdinei se reafirma como pai dele, já que cria Tatu desde que o encontrou na rua, quando tinha três anos de idade. O diretor e a professora acabam decidindo não intervir na situação. *Segunda Chamada* apresenta essa história de forma complexa, questionando o expectador quanto ao posicionamento correto: ignorar a relação estabelecida entre

[29] Expressão que Néia utiliza para se referir a Hélio.

Valdinei e Tatu ou ignorar a legislação que afirma que o Estado é o protetor de Tatu? A série se propõe a abrir esses temas para debate.

O personagem Sandro é um adulto trabalhador que mora com as demais pessoas em situação de rua durante a semana, por ser mais perto do seu local de trabalho. Sua esposa mora na região metropolitana e, assim que ele faz sua matrícula, afirma que não comparecerá às aulas às sextas-feiras, pois é nesse dia que ele vai para sua casa passar o final de semana com sua família.

Segunda Chamada apresentou estudantes em situação de rua e os desafios enfrentados para que eles sobrevivam e consigam frequentar uma escola. Eles são alvos de preconceitos e olhares estereotipados, também, durante a trama. Um exemplo dessa situação são falas de professores como Sônia:

> Sônia: Meu Deus, comecei o dia numa escola particular, e agora tô eu aqui, indo dar aula para mendigo.
>
> Eliete: Não é mendigo que fala não. São pessoas em situação de rua.
>
> Sônia: Ah, desculpa, como é que fala? Pessoas em situação de rua. Que ninguém sabe de onde veio, nem quem são.
>
> Eliete: Ué, e os outros alunos você sabe?
>
> Sônia: É diferente, Eliete.
>
> Eliete: Tamo todo mundo no fio da navalha, né? Hoje eles tão sem casa, amanhã somos nós. (Segunda Chamada, 2021, episódio 2).

A fala de Eliete expressa sensibilidade com os estudantes em situação de rua. Ela reforça a nomenclatura correta que reflete a possibilidade de uma posição temporária, bem como se coloca no lugar do outro.

As pessoas em situação de rua, por muitas vezes, não têm documentos ou comprovantes de residência, importantes para conseguir efetivar a matrícula e, assim, garantir o direito à educação formal. Isso também aparece na série como um elemento para reflexão:

> Jaci: Cês ja pensaram que talvez a gente não consiga nem fazer a matrícula deles? Não deve ter sequer documento. Comprovante de residência, então, nem pensar.
>
> Lúcia: Não tem documento, tira, Jaci.
>
> Eliete: Coloca, sei lá, o nome, e endereço de todo mundo, da associação de moradores. (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

Santos (2018) relata, em sua dissertação, a história da Escola Porto Alegre, na qual os estudantes poderiam se matricular sem apresentar documentação e a qualquer momento do ano, uma flexibilidade não abordada na série. Além disso, a pesquisa

também apresenta a experiência ligada à educação profissional, na qual os estudantes também passam pelas atividades de cerâmica e papel artesanal, mas que também já contou com informática, jardinagem e outros. A escola aberta é a novas iniciativas, tem oficinas promovidas por instituições e movimentos sociais parceiros no contraturno.

As soluções pensadas pelas professoras são formas de contornar a burocracia imposta pelo Estado. Quais as condições de se efetivar o direito à educação para aqueles que têm direitos mais básicos como o direito à moradia e a alimentação negados? Freire (1978, p. 32) traz claramente essa questão:

> [...] o oprimido é aquele que tem sua humanidade diminuída pelos opressores, e ter a humanidade diminuída implica em se reconhecer inacabado, inconcluso, reconhecendo assim sua desumanização. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade - a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca.

Como apontado por Arroyo (2007, p. 21),

> A visão reducionista com que, por décadas, foram olhando os alunos de EJA – trajetórias escolares truncadas, incompletas – precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural desses tempos da vida. As políticas de educação terão de se aproximar do novo equacionamento que se pretende para as políticas da juventude. A finalidade não poderá ser suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida. Garantir direitos dos sujeitos que os vivenciam.

Contudo, como afirmam Silva e Gomes (2018, p.14),

> A oferta da EJA como modalidade da Educação Básica se apresenta como um direito à educação para jovens, adultos e velhos que, por diversos motivos, não concluíram a sua trajetória escolar no período entendido como regular ou convencional. Porém, para que esse direito se efetive, de fato, é preciso que a EJA saiba acolher a diversidade presente nas trajetórias, experiências e biografias de seu público.

Nesse sentido, para se efetivar o direito à educação aos estudantes da EJA, precisamos reconhecê-los como sujeitos de direito, reconhecer e acolher a sua diversidade. Neste capítulo, apresentamos diferentes perfis de educandos da EJA e buscamos refletir sobre cada especificidade apresentada a partir de cada perfil.

A garantia do direito à educação de pessoas que vivem situações de extrema pobreza, trabalhos precarizados, machismo, abuso e feminicídio pressupõe políticas públicas complementares, não apenas advinda da escola, mas de todo o poder público. Além disso, é fundamental ter flexibilidade acerca das regras e uma maior sensibilidade por parte dos docentes, assunto que trabalharemos no próximo capítulo.

6 EDUCAR É RESISTIR!

“Educar não é sobre vencer, educar é sobre resistir e acreditar que as coisas podem mudar.”

Lúcia

Segunda Chamada também joga luz na realidade dos professores da EJA, apresentando a vida dos educadores além do espaço escolar. Neste capítulo, trataremos das diferentes dimensões do trabalho docente na Educação de Jovens e Adultos a partir da vivência dos educadores. Abordaremos a identidade do professor de EJA, condições de trabalho, (des)valorização docente, postura em sala de aula, formação e trabalho em equipe.

6.1 Marco André: “eu sou professor de arte”

6.1.1 “No teatro a gente pode tudo”

Marco André, apresentado na Figura 18, é um jovem negro, professor de arte, que chega à Escola Carolina Maria de Jesus motivado pelo desejo de se reconectar com a comunidade em que nasceu. Adotado quando criança por uma médica, conseguiu ter acesso a uma vida estável e com oportunidades ausentes na comunidade em que nasceu. Na série, o professor afirma que foi exatamente por querer se envolver com a vida dos estudantes que ele começou a trabalhar na escola.

Figura 18 – Chegada de Marco André à Escola Carolina Maria de Jesus



Fonte: Frame extraído da série Segunda Chamada, temporada 1, episódio 6 (2019).

Pertencer a uma família adotiva com recursos financeiros fez com que Marco André tivesse acesso a um capital cultural (Bourdieu; Passeroni, 2014) que contemplasse ocupações de espaços como exposições artísticas. Em uma das exposições, o professor observa ao seu redor quem ocupa o local e constata que, além dele, apenas os trabalhadores são pessoas negras. Essa percepção sobre sua história acompanha Marco André durante toda sua trajetória na escola.

Há um desentendimento entre a diretoria e a secretaria de educação, pois a vaga solicitada deveria ser preenchida por um professor de biologia, mas o professor indicado, Marco André, lecionava a disciplina de arte. O professor, por sua vez, insiste em ser aceito na escola:

> Marco André: Desculpa, mas vocês têm professor de arte aqui?
>
> Jaci: Ah, meu querido, no momento arte não está na nossa lista de prioridade.
>
> Lúcia: Ah, mas devia estar.
>
> Marco André: Eu tô disposto a ficar.
>
> Lúcia: Olha aí, você é dos meus.
>
> Jaci: Lúcia, você não tem uma aula pra dar?
>
> Lúcia: Foi um prazer te conhecer, viu, Marco André? O nosso diretor é muito sensível. Tenho certeza que ele sabe como é difícil encontrar um professor de arte. (Segunda Chamada, 2019, episódio 6).

A fala de Jaci expressa como a educação artística é tratada de forma secundária, mesmo compondo o currículo escolar desde a década de 70 (LDB 5692/71) e como disciplina obrigatória desde a LDB/9394/96. Sabemos que a legislação não garante, por si só, a efetivação do direito educacional; mesmo arte sendo uma disciplina curricular obrigatória muito importante na formação de sujeitos críticos em nossa sociedade, sobretudo através do contato e da valorização das diferentes culturas e expressões artísticas produzidas pela humanidade ao longo do tempo (Alvarenga; SILVA, 2018), essa disciplina não é garantida como direito a todos/todas os/as estudantes.

Essa concepção de arte como uma disciplina secundária também se expressa em outro momento da série, quando a Escola Carolina Maria de Jesus não suporta uma tempestade, devido à sua estrutura precarizada, e as salas se enchem de goteiras. Com isso, o diretor reforça que a prioridade são outras disciplinas:

> Jaci: A sala da Sônia está cheia de goteira, o chão tá todo alagado. Você não importaria de ceder sua sala para aula de história, né?
>
> Marco André: Sim, mas eu vou dar aula aonde?

> Jaci: Ela tem um conteúdo curricular para cumprir. Me parece mais flexível…
>
> Marco André: Você quer dizer menos importante, no caso, né?
>
> Sônia: Tá vendo, Jaci, eu falei que não achava isso certo.
>
> Jaci: Sônia, eu já falei que essa é a solução que vai causar menos prejuízo para todo mundo. Marco André, eu conto com a sua colaboração. [...]
>
> Marco André: Tudo bem, eu já entendi. arte não é prioridade. Não tem lugar nessa escola. (Segunda Chamada, 2019, episódio 1)

Na busca de uma solução para o problema, Sônia leva o professor de arte até o “depósito” da escola e, para a surpresa do professor, o espaço era um teatro. O professor se encanta e organiza um mutirão para limpeza, para reativar a sala. Jaci tenta impedir, mas acaba sendo contrariado por "nascer", metaforicamente, o teatro na escola e nele nasce, também, a filha de um casal de estudantes. Foi preciso uma chuva e a precariedade da infraestrutura da escola para o teatro ser reaberto, mesmo a contragosto do diretor (Alves; Ferreira, 2021, p. 17).

Os obstáculos enfrentados pelo professor de arte vão além dos tensionamentos com a gestão e com o lugar da disciplina na escola e no currículo. No desenvolvimento da série, um estudante também questiona a atuação do professor, que busca apresentar aos estudantes um dos dramaturgos mais consagrados do país, conhecido por apresentar a *realidade nua e crua*: Nelson Rodrigues. A turma se interessa em conhecer mais a história da peça *Beijo no asfalto*, em que um homem agonizando pede um beijo a outro homem, e um dos estudantes questiona a decisão do professor:

> Wander: Pô, professor, vim aqui para estudar, mano, não sou obrigado a ficar lendo peça gay. [...]
>
> Marco André: E se fosse uma peça gay, qual seria o problema?
>
> Wander: Isso aí não é normal, não, isso é uma doença, todo mundo sabe.
>
> Jociane: Mete o louco não, mano.
>
> Wander: Olha, eu vou falar, tanta coisa para fazer, se eu soubesse que hoje era aula de viadagem, eu não tinha nem aparecido aqui [...]
>
> Marco André: Wander, isso aqui é uma aula de arte e nós estamos lendo uma peça de teatro.
>
> Natan: Ah, ele que é muito chucrão mesmo, professor. (Segunda Chamada, 2021, episódio 3)

Wander, não satisfeito, vai até o diretor que, por sua vez, acata o posicionamento do estudante, que tenta impedir o professor de abordar a peça:

> Jaci: Mas precisava escolher justamente o clássico que vai criar problema?
>
> Marco André: Quem criou problema foi o aluno.
>
> Jaci: Por que que cê vai falar de beijo gay pra turma?

> Marco André: Não tem beijo gay, Jaci. Que beijo gay? Tô falando de Nelson Rodrigues.
>
> Jaci: Tá bem. Faz o seguinte? Troca de dramaturgo. (Segunda Chamada 2021, episódio 3)

Esse trecho da série apresenta uma discussão latente em nossa sociedade: a LGBTfobia. Segundo o relatório produzido pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ (2021), o Brasil é o país que mais mata essa população no mundo. Abramovay *et al*. (2015) apontam que a discriminação desse público é muito comum também nas escolas e, embora os jovens que participaram da pesquisa considerem importante o debate sobre discriminação, as respostas sobre assuntos relacionados à temática reproduziram o senso comum, sugerindo a ausência de formação sobre os conteúdos.

A educação tem o potencial de ampliar visões e concepções dos sujeitos sobre diversos assuntos, mas, para isso, a escola precisa se propor a enfrentar dilemas, desafios e encarar discussões. Essa não é uma função apenas do professor, mas do conjunto da comunidade escolar, como demonstra a série. Marco André, ao afirmar sua decisão de aderir à exigência do diretor, é questionado pela turma e, juntos, o grupo opta por seguir estudando a peça. Wander, indignado com a decisão do professor e da turma, tenta queimar a obra de arte:

> Wander: Obra de arte que nem essa aqui é para queimar mesmo, mano.
>
> Marco André: Por quê? Olha pra mim. Por que que é pra queimar? Por que você não concorda, não acha apropriado? O nome disso é estupidez, é ignorância. Isso que você tá fazendo, Wander, é autoritário. Olha só, cara, se você não concorda com a peça, cara, fica na tua. Agora, vai ter que aprender a respeitar e a conviver com quem pensa diferente de você. Nessa escola daqui, não tem lugar para censura. (Segunda Chamada, 2021, episódio 3)

As demais professoras se envolvem no caso e produzem uma aula interdisciplinar para os estudantes da escola como mostrado na Figura 19 a seguir.

Figura 19 – Aula interdisciplinar sobre censura



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 2, episódio 3 (2021).

> Sônia: Nossa aula vai ser sobre censura. Vai ser aqui embaixo, podem sentar. Vocês sabiam que a história da humanidade é marcada por governos totalitários, que quiseram controlar o povo? Pois é, esses governos, gente, mandavam queimar livros, e queriam decidir o que as pessoas deveriam ou não ler. Infelizmente, isso acontece até hoje.
>
> Eliete: A ciência também sofreu perseguição, sofreu censura. Teve Galileu, que era um gênio da matemática, né? E que teve que abandonar a ideia de que a terra girava em torno do Sol e não ao contrário, pra não ser morto pelas igrejas daquela época. Mesmo pessoal com pensamento de Terra plana, né?
>
> Lúcia: Aqui no Brasil, a gente também viveu uma ditadura militar que durou mais de 20 anos. Havia órgãos de repressão que determinavam o que era permitido e o que não era. Livros foram censurados, peças de teatro, letras de músicas censuradas.
>
> Marco André: A liberdade de expressão é nosso bem maior. Teve uma música do Chico Buarque de Holanda que ficou censurada por oito anos pela ditadura militar.
>
> Néia: Qual música professor? [Marco André começa a cantar a música: *Apesar de você*] (Segunda Chamada, 2021, episódio 3).

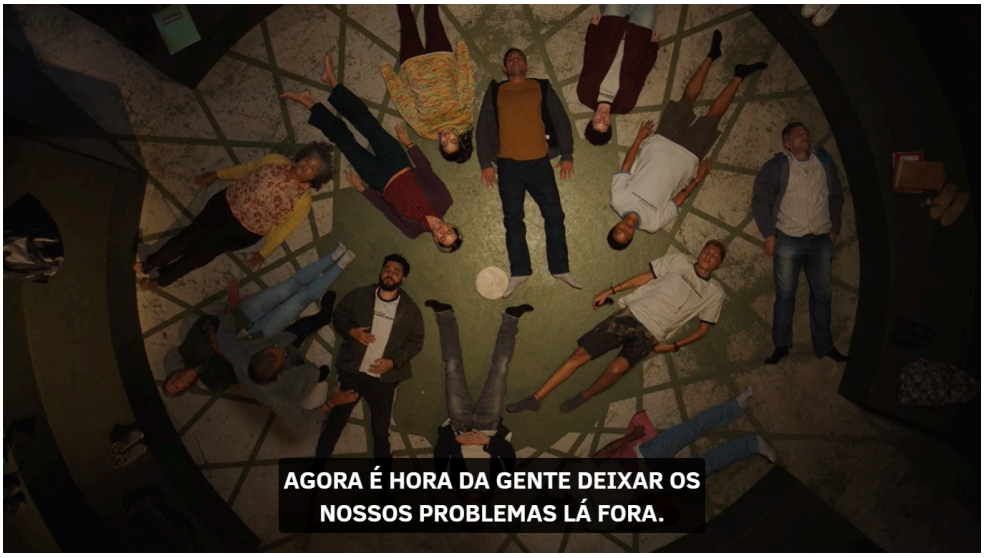
Wander é interpelado pelo professor de arte ao se direcionar para a saída da escola: “Cê acha que todo mundo que tá ali pensa igual? A escola não ensina só a ler e escrever, ela também ensina a gente aceitar as diferenças. Te espero amanhã, hein?” (Segunda Chamada, 2021, episódio 3).

A série foi transmitida em um momento de muitos desafios no país. O Brasil era governado por um presidente que negava a ciência, defendia a ditadura e a censura. A extrema-direita ganhava espaço com discursos discriminatórios, especialmente em

relação à população LGBT+ do país. Apresentar os dilemas dessas temáticas para a sociedade, através de uma das maiores redes televisivas do país, é um ato de coragem e de suma importância para o avanço de uma sociedade mais democrática e inclusiva, além de ter o potencial de levar essas questões para sujeitos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos.

Marco André, com apoio de outros professores, ganha, aos poucos, espaço na escola e faz com que a educação artística seja respeitada, organizando peças com os estudantes e demonstrando a importância e o potencial de sua disciplina na formação de cidadãos críticos e capazes de sonhar. Na Figura 20, mostra-se o professor realizando um exercício de concentração com a participação da turma.

Figura 20 – Exercício de concentração e imaginação coletiva



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 2, episódio 2 (2021).

Freire (1969, 2004), em obras como *Educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do oprimido*, discute que, para a educação ser transformadora, é necessário considerar as experiências do sujeito, para assim considerar o ser humano como agente capaz de mudar o mundo em que faz parte. Nesse sentido, Marco André explora, no decorrer das aulas, as histórias trazidas pelos educandos com o intuito de deslocar suas elaborações em busca de uma atuação com intencionalidade transformadora. Um desses momentos acontece quando Maicon conta sua história como motoboy:

> Maicon: O elevador de serviço tinha dado B.O. e o porteiro me mandou subir 22 andares de escada, 22 andares carregando pizza e refrigerante para a

> madame jantar. Custava porra nenhuma ele ter deixado eu subir de elevador social (Segunda Chamada, 2019, episódio 4).

O professor utiliza da experiência de Maicon para convidar a turma a encenar e refletir sobre a história. Sílvio, um estudante idoso, pede para fazer o papel de Maicon e é questionado se daria conta de subir 22 andares de escada com peso. Sílvio responde perguntando:

> Sílvio: Quanto tu acha que pesa uma “saca” de latinha amassada?
>
> Rita: Professor, eu posso fazer o papel do porteiro?
>
> Maicon: Ou, não dá, não, né.. o porteiro era homem.
>
> Rita: No teatro a gente pode tudo né?
>
> Marco André: Isso aí Rita, **no teatro a gente pode tudo** (Segunda Chamada, 2019, episódio 4, grifos nossos).

Em outro momento, Dona Carmen conta para a turma uma história sobre sua vida, que se apresenta como refúgio frente a realidade em que vive, e o professor utiliza dessa passagem para avançar na disciplina:

> Marco André: A história da dona Carmen me fez lembrar de uma frase do Manuel de Barros que diz: “Tudo que eu não invento é falso.”
>
> Sandro: Então ele tá querendo dizer que tudo que ele inventa é verdade?
>
> Marco André: Exatamente, Sandro. Por que que eu tô falando isso? Porque, diferente do que alguns aqui falaram, a dona Carmen não é uma mentirosa, ela simplesmente inventou uma vida que ela se sentia mais confortável para viver, e não tem nenhum problema nisso.
>
> Chico: Tá professor, mas o que isso tem a ver com a aula de teatro?
>
> Marco André: Tudo, Chico, absolutamente tudo. Porque o teatro gente, é o lugar da imaginação, no teatro você pode tudo. Um homem pode ser mulher, um velho pode ser criança e a dona Carmen pode sim ter dois filhos, ser rica e viajar de avião. Por exemplo, você Chico, o que você queria ser?
>
> Chico: Se é para sonhar alto, para dar uma vida melhor pra todo mundo, eu quero ser presidente da república.
>
> Marco André: Pode ser que na vida real seja difícil o Chico ser presidente da república, mas no teatro não. No teatro ele pode ser presidente da república e o que ele quiser, e todos vocês podem também ser isso, só que pra isso acontecer a gente tem que fazer um trato. Todos nós aqui. **A partir de agora a gente vai ter que sonhar junto.** (Segunda Chamada, 2021, episódio 4, grifos nossos).

Martins (2013) aponta que é triste uma educação que só prepara para o trabalho, muitas vezes, escravizador. É necessário que tenhamos uma educação que prepare os sujeitos para sonhar e almejar outro futuro. Ensinar a ter criatividade e lidar com os desafios tendo atenção aos outros é fundamental.

Segunda Chamada demonstra o potencial da disciplina de arte como possibilidade, também, de *sonhar junto*, de pensar em outra vida a partir da realidade que se vive. Em tempos sombrios, onde sonhar é um desafio, a disciplina se torna um importante instrumento de mudança. Para mais, é necessário considerar que parte dos sujeitos da EJA são pessoas marginalizadas pela sociedade e, por isso, elas perdem seus direitos mais básicos, como o de sonhar para lutar pela sua sobrevivência.

6.1.2 Taquei o apagador no quadro

O professor de arte também nos provoca reflexões sobre a formação de educadores para a EJA. A chegada de Marco André foi conturbada: enquanto insiste com o diretor pela sua permanência na escola, Marco André tem seu carro roubado em frente à escola. Jaci, por sua vez, contacta membros da comunidade para recuperar o automóvel e, quando consegue reaver o carro, afirma que espera o professor de arte na escola no dia seguinte. Apesar de seu primeiro contato agitado com a escola, o professor comemora a contratação.

Recepcionado com entusiasmo por Eliete, professora de matemática, Marco André explica que é formado em Educação Artística e oferece aulas de teatro, e Eliete reflete sobre o perfil do professorado ter um pouco de dinâmica performática. Os dois se despedem; Eliete deseja boa sorte ao professor, que responde afirmando não ser a primeira vez que leciona, e é rebatido por Eliete, dizendo que é a primeira vez no *ensino noturno.* Quais seriam as características específicas da Educação de Jovens e Adultos citada por Eliete?

É comum presenciar os sujeitos discentes, docentes, coordenadores e gestores da EJA afirmarem sobre a existência de aspectos particulares dessa modalidade educativa. O avanço na determinação das características próprias da EJA pode contribuir para a elaboração de políticas públicas que permitam efetivar o direito à educação aos jovens, adultos e idosos enquanto uma educação pública, gratuita e de qualidade, que atenda às suas necessidades.

Com base na formulação das especificidades da EJA, Fernanda Silva e Leôncio Soares (2021) realizaram uma pesquisa em escolas públicas municipais. Em entrevistas, reuniões e seminários, os pesquisadores presenciaram diálogos onde os gestores e professores apresentavam a ausência de formação inicial sobre a modalidade educacional, ocasionando em uma frase recorrentemente dita por trabalhadores da EJA: *“*Caí na EJA*”.*

> [...] profissionais estão totalmente despreparados para trabalhar com EJA. São professores que pegam a EJA por pegar e é um despreparo total" (Gestor C), de tal modo que em alguns casos o 'tipo de escola ofertada é uma réplica da do diurno que não tem atendido as especificidades do público' (Gestor A) (Silva; Soares, 2021, p.11).

O que motiva Marco André a lutar por uma vaga na EJA não é seu conhecimento prévio sobre a modalidade, mas sim uma demanda pessoal, e, devido a essa ausência de preparo, o professor enfrenta desafios. Ao adentrar a sala de aula, Marco André tenta chamar a atenção da turma para se apresentar e começar sua aula. Por vezes ele pede silêncio, mas não obtém sucesso. Em um determinado momento, começa a pedir para que cada estudante sente-se em seu lugar e é surpreendido com a resposta do estudante: "Marco André: Vamos sentar, meu amigo. Osmar: Eu não sou seu amigo, meu nome é Osmar." (Segunda Chamada, 2019, episódio 6). Sônia afirma que Marco André errou, já que Osmar é pai de família e Marco André não poderia ter falado dessa forma com ele.

A falta de formação adequada e de experiências na modalidade têm efeitos na dinâmica proposta pelo professor e, consequentemente, na educação dos estudantes. Lecionar para jovens e adultos exige um manejo específico, considerando as características dos sujeitos. Uma das autoras, entrevistada para a pesquisa, afirma que a ausência de formação específica se reflete também na forma de educar e no interesse dos alunos. A partir de consultas a estudos e experiências, ela defende que, por falta de formação específica para dar aula na EJA, esses professores não conseguem acessar os alunos, o que é prejudicial para o processo educativo (entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras autora da série, 23 de fevereiro de 2022.)

Além da dificuldade em acessar os estudantes, os professores encontram também uma resistência que se aprofunda em disciplinas menos valorizadas. O professor enfrenta desafios de indisciplina em sala de aula e a solução apresentada por uma de suas colegas de profissão é a de jogar o apagador no quadro para chamar atenção de todos. Em um primeiro momento, Marco André é resistente à ideia, mas acaba aderindo por não encontrar outra alternativa:

> Marco André: Taquei o apagador no quadro para conseguir dar aula. Achei que eu estava dando aula para adultos.
>
> Eliete: Nada Dedé, é tudo criança grande. Tem gente que me pede visto no caderno porque nunca veio para escola antes. Você acredita nisso? [...]

> Marco André: Eu não quero ficar tacando apagador no quadro todo dia. Eu sou professor de arte, sou completamente contra esse tipo de coisa. [...] Não sei se sou o professor certo para esses alunos (Segunda Chamada, 2019, episódio 2).

O diálogo entre os professores expressa a ausência de conhecimento acerca dos sujeitos da EJA, que poderia ser adquirido na formação desses educadores. No capítulo anterior, abordamos quem são os sujeitos da EJA e quais são as suas expectativas acerca do processo educacional. Eles são jovens, adultos e idosos com diferentes trajetórias e concepções do que é a escola. Não é se trata da infantilidade, mas sim da memória de como a escola ensina. Barreto e Carlos (2005, p. 63) afirmam que "a aprendizagem, na visão popular, está centrada na ação do professor. É ele que coloca o conhecimento dentro dos alunos. Para isso, o professor usa alguns recursos como: explicações, correções, cópias, repetições."

A ausência de conhecimento do professor sobre como lidar com os estudantes faz com que ele responda aos conflitos através da reprodução da educação tradicional, reforçando o professor como figura de autoridade inquestionável dentro da sala. Por vezes, ele reproduz falas como "aqui dentro da **minha** sala", "aqui dentro **quem manda sou eu", "**se você não está interessado, **é melhor sair**", "eu não entendo aluno que fala assim com professor". Isso nos fazendo refletir: Qual imaginário Marco André tem sobre os estudantes da EJA e quais respostas ele oferece a partir do encontro com a realidade? A formação de Educadores da EJA precisa contemplar reflexões acerca desses desafios e, em nenhum momento da série, a formação é abordada, seja inicial ou continuada. A atriz entrevistada corrobora a necessidade de formação específica para a EJA e aponta a importância de que existam condições adequadas para que isso aconteça:

> Acho que é muito importante que os professores tenham uma boa formação, ganhem bem [...], tenham tempo também para estudar, para pesquisar, para se aprimorar, que eu acho que não é uma coisa que acontece muito, os professores têm que trabalhar em várias escolas, em vários lugares. [...] eu achei muito difícil você dar aula para uma turma tão heterogênea, cada um com níveis de aprendizado diferentes e com níveis até de formação diferente. Eu imagino que deva ser importante para esses professores se prepararem para esse tipo de sala de aula, de turma e de alunos. (Trecho da entrevista pessoal de Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022)

O diretor de uma escola que atende EJA na cidade de São Paulo, entrevistado pela nossa pesquisa, diz que são indispensáveis para um educador de jovens e adultos atributos como a disponibilidade, a permeabilidade e a abertura e que essas características devem se estender não só aos professores, mas também aos

funcionários que atendem aos alunos no serviço social, na secretaria da escola, na portaria da escola, enfim, a toda comunidade escolar.

Tendo tudo isso em consideração, podemos afirmar que a condição retratada por Marco André na série denuncia a realidade dos educadores da EJA nas escolas. Não se trata de uma problemática individual dos docentes que “caem na EJA” sem ter passado por processos formativos apropriados, e sim do lugar marginalizado que ocupa a modalidade nas políticas públicas educativas (Ribeiro, Catelli E Haddad, 2015), impossibilitando a implementação de políticas de formação e desenvolvimento profissional docente específicas para a EJA. As particularidades da modalidade foram reconhecidas em alguns documentos legais, como o Parecer CNE/CEB[30] n° 11/2000, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a EJA, e a própria LDB 9394/96; porém, são poucas as instituições brasileiras que oferecem tal formação (Soares, 2006), jogando a responsabilidade da formação para as redes de ensino, as quais muitas vezes se configuram como inconstantes e precarizadas (Laffin, 2012). Sendo assim, a formação dos educadores da EJA acaba se dando pelas e nas experiências de trabalho, responsabilizando os docentes pela sua formação e individualizando a problemática que, assim como Marco André, milhares de educadores atravessam no exercício diário de suas funções.

6.2 Jaci, o diretor de EJA

6.2.1 A responsabilidade é minha

Jaci, personagem apresentado na Figura 21 a seguir, é um professor no cargo de diretor da Escola Carolina Maria de Jesus, uma escola com limitações estruturais, uma equipe de funcionários pequena e diversas demandas estudantis. Com a rotina corrida, o diretor enfrenta diariamente desafios na escola e, a cada episódio, tem de resolver um novo conflito.

[30] Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação.

Figura 21 – Jaci na sala da direção



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1 (2019).

A postura do diretor é resultado de uma escola com poucos recursos e muitos problemas. A dinâmica da situação apresentada ao diretor é uma grande responsabilização por parte do personagem, fazendo afirmações cotidianas como: “Se esse menino [estudante passando mal] morre na escola a responsabilidade é minha” (Segunda Chamada, 2019, episódio 1); “não posso colocar os alunos em risco [presença de um estudante com doença de Alzheimer]” (Segunda Chamada, 2021, episódio 1); “Mas eu não posso botar em risco aluno, funcionário [obra na escola com problema estrutural]” (Segunda Chamada, 2021, episódio 6).

Nos momentos de conflito, ele ordena a solução mais rápida, mesmo essa não sendo a mais coerente com o problema, demonstrando uma gestão sobrecarregada com a dinâmica da escola, e, com isso, pouco democrática. Referente a isso, uma das autoras da série aponta:

> O diretor é uma figura muito ingrata dentro de uma escola, porque ele é quase um bombeiro, ele está **tentando apagar incêndio de tudo quanto é lado** [...] Então, a figura do nosso diretor era uma figura bem-intencionada, era uma figura que tinha preocupação, entrega, comprometimento com a escola, mas que era atropelado por muitas demandas diárias! Então, ele também estava cansado, igualmente como os professores e alunos, e, às vezes, ele não perdia muito tempo para pensar na melhor solução. E resolvia as questões de uma forma um pouco abrupta. (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos.)

Por muitas vezes, Jaci opta por soluções sem diálogo com os professores, refletindo uma postura de chefe, inadequada a uma gestão democrática. Essa postura se apresenta quando Marco André trabalha com os estudantes a peça *Beijo no asfalto* e a resposta de Jaci é de proibição, sem ouvir a argumentação do professor.

Isso também acontece quando Sônia vai à sala de teatro da escola e Jaci afirma que os professores deveriam fechar o espaço novamente; ou, quando uma estudante amamenta em público, o marido tenta proibi-la e Jaci, demonstrando seu machismo, reforça que a estudante deveria buscar um local reservado para alimentar o bebê. Ademais, Jaci defende a existência de uma santa na escola, sendo contraditório com o princípio laico, o que gera uma discussão:

> Marco André: Não era nem para ter uma imagem católica aqui, né?
> Jaci: Mas é a santa padroeira do Brasil.
> Marco André: Mas o estado é laico…
> Jaci: Mas eu botei para proteger a escola.
> Eliete: Sim, Jaci, mas na sua escola tem quantas religiões?
> Jaci: Mas proteção nunca é demais. (Segunda Chamada, 2021, episódio 3)

A Constituição Federal de 1988 torna o Estado brasileiro laico e, com isso, a educação pública também. O trecho que lemos anteriormente expressa um problema muito comum nas escolas públicas brasileiras: a adesão a **uma** religião ou crença. Contudo, é importante ressaltar que laicidade não representa ausência, mas sim pluralidade. Sabino (2000, p. 162) aponta que a presença de religiões nas escolas é algo comum que pode auxiliar no "processo de construção de uma escola pública inclusiva e plural, contribuindo, assim, para a formação de professores capazes de dialogar com as diferenças socioculturais".

Todavia, o diretor colocou uma santa como a protetora da escola, de forma antidemocrática, sem considerar outras religiões. Carvalho *et al.* (2017) realizaram um estudo sobre gestão democrática na EJA e apontam que:

> [...] uma gestão escolar democrática perpassa pelo reconhecimento de que as pessoas adquirem conhecimento tanto pelo estudo de conteúdos estabelecidos, quanto pela participação e pelo envolvimento em ações dentro da escola. Isto é o que promove a construção de uma autonomia, de um trabalho coletivo dentro da escola. (p. 87).

Jaci também demonstra desgaste e sobrecarga na função de diretor, ao mesmo tempo que sensibilidade. No diálogo com o filho, apresenta a sobrecarga de se coordenar uma escola de EJA:

> Jaci: [...] mesmo assim [trabalhando com o que gosta] tem dias que eu tenho vontade de desistir de tudo.
>
> Leo: E como você faz para não desistir?
>
> Jaci: Eu tento me lembrar dos porquês. Eu penso em por que eu tô aqui, aí eu lembro que é porque essa escola faz diferença na vida de muita gente e isso faz com que eu me sinta um pouco melhor. (Segunda Chamada, 2019, episódio 10)

A angústia do personagem expressa uma concepção sobre a importância da EJA na vida das pessoas. Ocupando o cargo de diretor, ele precisa se preocupar com a ausência de condimentos para a alimentação, com a substituição de professores que se ausentam e com negociações com a secretária de educação; isso o sobrecarrega e contribui para que ele lide com as demandas de forma protocolar, sem priorizar a permanência estudantil. Além disso, o diretor também não demonstra ter passado por uma formação inicial ou continuada para lidar com as especificidades da EJA e comete erros na condução da escola, o que é refletido por uma das autoras da série:

> [...] A gente fazia questão que essas figuras também errassem e não tivessem as soluções para as questões da escola. Porque ninguém tem solução! São tentativas e erros. Às vezes as tentativas dão certo, apresentam soluções e às vezes não; aí tem que recomeçar de novo, tentar de outra forma. Então para a gente era muito importante a figura do professor e do diretor não terem todas as respostas. [...] então eu acho que era muito importante a gente dizer que errar faz parte do processo. (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras autora da série, 23 de fevereiro de 2022, grifos nossos).

Assim como acontece com a maioria dos educadores que chegam à EJA, os diretores vivenciam a falta de uma formação específica para exercer a modalidade, o que faz com que eles também tenham que se formar na própria prática, aumentando a sobrecarga de tarefas e funções já desempenhadas por esses profissionais da educação. Podemos observar no personagem um excesso de responsabilização de si e, como resposta, uma dinâmica imediatista. Contudo, há também contradições, já que também existem nele sensibilidade e compromisso com as realidades dos educandos, o que acaba se configurando como qualidades indispensáveis para a preservação da EJA nas escolas. Encontramos aí uma característica da identidade docente.

6.2.2 Evasão no noturno é normal (?)

A segunda temporada da série é perpassada pela ameaça de a Secretaria de Educação fechar a escola em razão da falta de estudantes. Jaci apresenta para os professores a problemática, relatando que a escola corre o risco de fechar o *curso noturno* e realocar os estudantes e trabalhadores da escola:

> Jaci A gente não conseguiu as matrículas que a gente precisava para a escola continuar funcionando. A secretaria vai fechar o curso noturno e vai transferir os alunos.
>
> Eliete: Os alunos vão desistir, esquece.
>
> Sônia: Fora que a gente vai ser transferido Deus sabe pra onde.
>
> Jaci: O fato é que o fiscal da Secretaria vai voltar, e vai jogar uma pá de cal em cima da gente. (Segunda Chamada, 2021, episódio 2).

Diversas secretarias de educação estabelecem um número mínimo para manter as turmas de EJA abertas. Entretanto, o quantitativo matriculado nem sempre corresponde à demanda em potencial apresentada pela sociedade. Isso gera uma divergência, sobre a qual Marco André reflete: “É uma contradição a gente não conseguir nem mais 15 alunos [...] Essa conta aí não fecha. Mais da metade da população não tem o Ensino Médio completo. Setenta milhões de brasileiros podiam voltar a estudar”.

A pesquisa realizada por Soares e Silva (2021, p. 7) com sujeitos pondera sobre o discurso, manifestado por meio da frase “a EJA vai acabar”, presente na fala de vários sujeitos da pesquisa:

> Alguns fatores colaboram com a construção discursiva de que a EJA sob determinadas circunstâncias vai acabar. Trata-se de um conjunto disperso que incide de forma concentrada e com efeitos duradouros sobre a EJA, pois são concepções e políticas públicas.

As concepções que ameaçam a EJA são produzidas em um contexto político que não reconhece nem garante o direito à educação como previsto na legislação brasileira. Como afirmado pelo personagem Marco André, os indicadores acerca do processo de escolarização no Brasil são alarmantes, pois mais da metade da população não tem a Educação Básica completa (IBGE, 2019).

Outro elemento que merece atenção é que o processo de escolarização formal é uma das formas de se desenvolver a EJA. Paulo Freire (1996) aponta que somos seres inacabados e inconclusos; por isso, estamos sempre aprendendo e, nessa perspectiva, a educação ao longo da vida é um conceito importante trabalhado em vários países e, também, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Mesmo sem os índices alarmantes acerca do processo de escolarização, a educação para pessoas jovens, adultas e idosas precisa ser ressignificada, mas não deve deixar de existir.

Sabemos que os sujeitos vulnerabilizados pela sociedade não têm a clareza que são portadores de direito, e isso impacta as matrículas de EJA. Quando se fecha uma

turma porque o número mínimo de matrículas não foi alcançado, o direito à educação daqueles matriculados e de outros que poderiam vir a se matricular nessas escolas está sendo negado.

A resposta de Eliete, no trecho citado anteriormente (Segunda Chamada, 2021, episódio 2), de que os alunos vão desistir também reflete as dificuldades que os/as estudantes enfrentam para seguir o processo de escolarização. Os/as estudantes da EJA vivenciam diversas dificuldades para permanecer na escola, como seus empregos exaustivos, as responsabilidades familiares, a falta de incentivo para estudar e as limitações de acesso ao local de estudo, dentre vários outros problemas. O diretor de uma escola de EJA que entrevistamos corrobora essa análise sobre a realidade:

> A situação aqui está feia, várias coisas: a situação de vulnerabilidade dos alunos, não é nem vulnerabilidade, é da precariedade da vida. A questão do desemprego, da fome, do trabalho. […] O empobrecimento geral dos alunos; então, a gente tem grupos que ampliaram muito; por exemplo, temos muitos usuários dos centros de acolhida, dos abrigos da prefeitura, que são pessoas que têm questões muito próprias da relação com o espaço, questões com a dependência química, o desafio de estar na escola (Trecho da entrevista pessoal de Chico, diretor entrevistado em 24 de abril de 2022).

Isso não faz com que a evasão seja algo “normal”. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, junto à LDB 9394/96, garante a educação como direito de todo cidadão brasileiro, sendo que o Estado precisa fornecer as condições para que os estudantes concluam seu processo de escolarização. Algumas iniciativas do poder público devem ser consideradas, como a Chamada Pública e a Busca Ativa dos estudantes:

> Marco André: Olha só, e se a gente divulgasse na associação de moradores? Aqui na comunidade.
>
> Lúcia: Isso!
>
> Jaci: Gente, eu já fiz tudo isso! Não adiantou!
>
> Lúcia: Bom, eu não vou ficar aqui sentada, esperando que os…
>
> Jaci: O que você vai fazer? Vai para a rua pegar as pessoas pelo pescoço e obrigar a se matricularem aqui?
>
> Lúcia: Eu acho uma ótima ideia. **Se os alunos não vêm até a escola, a gente que tem que ir até os alunos** (Segunda Chamada, 2019, episódio 1, grifos nossos).

O direito à educação é algo que ainda precisa ser afirmado, e um dos instrumentos utilizados para isso é a Chamada Pública, que corresponde a uma ponte sobre a legislação e a efetividade desse direito, pois evidencia a possibilidade de acesso e como fazer uso disso. A Chamada Pública nada mais é que a divulgação de

onde, quando e como retomar os estudos, e existem diversas formas de exercê-la: divulgação em associações, rádios, TVs, igrejas, condomínios, dentre outros. Um dos exemplos é a participação da protagonista da série, Débora Bloch, que realizou a chamada a partir do convite do Fórum de EJA do Rio de Janeiro (Forum EJA Rio, 2022).

A Busca Ativa também é um instrumento que se faz presente na série. Lúcia, por muitas vezes, demonstra na série o incômodo com a evasão dos educandos da EJA e, em diversos momentos, vai até os estudantes para convencê-los a seguir estudando em busca de um futuro melhor. Uma professora de EJA apresenta um depoimento semelhante no final de um dos episódios da série:

> Comecei a bater em muitas portas. “Por que você não foi à escola ontem?” “Ah, porque eu tava cansado.” “Pois eu tô aqui, eu vim te buscar. Você vai estudar porque é para o seu bem, pela tua vida. Então arruma teu material que eu vou te esperar.” (Maria Elizabeth Mansani, 49 anos, professora, Segunda Chamada, 2019, episódio 2).

Fechar turmas e escolas de EJA contribui para o abandono escolar, na medida em que muitos estudam perto de seus locais de moradia ou trabalho e não têm condições de se locomover, seja pelo tempo, cansaço ou recursos financeiros. Esse contexto é exemplificado pela fala de Jaci, ao pensar no que fazer com os estudantes:

> Jaci: Eu tava aqui pensando, se esse curso noturno fechar mesmo, pra onde esse povo vai?
>
> Eliete: A maioria vai desistir, com certeza. Não tem escola aqui perto, Jaci. [....]
>
> Sérgio: Tem vaga nessas duas unidades.
>
> Jaci: Muito longe, Sergião. **Você sabe que as pessoas estudam perto do trabalho**.
>
> Sérgio: Olha, Jaci, a decisão não é minha. Só tô tentando organizar da melhor maneira possível. (Segunda Chamada, 2021, episódio 1, grifos nossos).

O fechamento de escolas de EJA é advindo de alguns fatores, sendo um deles os cortes na Educação. *Segunda Chamada* evidencia o sucateamento da educação pública de nosso país – com cortes de 30% sendo noticiados para a Educação –, além de nos ajudar a refletir sobre o quanto isso impacta o cotidiano da escola – com a cantineira alertando que é necessário economizar ainda mais, pois a situação piorou. Eliete acrescenta que, quando se trata da EJA, a situação é ainda mais difícil:

> Eliete: Ensino Noturno é patinho feio da educação, sempre foi. Quando eles têm que fazer um corte, é na gente que eles miram, sempre.
>
> Jaci: Esse é o ponto. E qual vai ser a justificativa? Contenção de despesa.

> Lúcia: Educação não é despesa. É investimento. (Segunda Chamada, 2021, episódio 1).

A EJA tem sido uma das áreas mais atingidas, e sua realidade acaba sendo invisibilizada em meio a sucessivas crises, sejam elas políticas, sociais e/ou econômicas. A modalidade teve uma redução drástica no investimento, indo de 1,6 bilhões (em valores corrigidos) em 2012 para 16,6 milhões em 2019, o que equivale a 22% do previsto (74 milhões) para o ano (Alfano, 2019).

Nesse período de redução do financiamento, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) revela que, em 2018, cerca de 11,3 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais não estavam alfabetizados. A análise dos dados evidencia que a maioria dessas pessoas são pretas ou pardas, sendo que 3,9% das pessoas brancas eram analfabetas, percentual que se eleva para 9,1% entre pessoas negras - pretas ou pardas (IBGE, 2019).

A pesquisa também aponta que 40% da população de 25 anos ou mais, 87,6 milhões de brasileiros, não têm o ensino fundamental completo. Além disso, 52,6% dos brasileiros com 25 anos ou mais não têm a educação considerada básica concluída, evidenciando que mais da metade dos brasileiros não completou a escolarização (IBGE, 2019), apesar de ela ser garanta de todo cidadão brasileiro, conforme o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988).

A falta de investimento na escola também se reflete na infraestrutura, que não contempla estudantes com deficiência, e é um dos motivos para Walace querer desistir de estudar. A situação estrutural, que já era precária, se agrava, e a Secretaria anuncia o fechamento da escola; dessa vez, por ter uma rachadura que faz com que haja risco de desabamento. Lúcia argumenta que o adequado a se fazer é uma obra e, mais uma vez, o pedido é negado devido à falta de verbas. Lúcia se indigna:

> Lúcia: Vai ficar por isso mesmo? Depois de tudo que a gente fez pra manter a EJA aberta.
>
> Jaci: Eu tô tão arrasado quanto vocês. Acontece que eu penso, penso, penso e não vejo uma solução pra isso. Problema da rachadura é estrutural.
>
> João: A secretária não tem verba nem pra carteiras novas, diretor. Pelo que a Flávia tá falando, a obra é grande, cara, não tem como fazer agora.
>
> Jaci: Mas eu não posso botar em risco, aluno, funcionário.
>
> João: Não, o senhor tem toda razão. Eu vou recomendar que a Carolina Maria de Jesus seja interditada imediatamente.
>
> Jaci: Sr. João, o senhor não vai fazer isso, pelo amor de Deus, o senhor não vai fechar a escola. (Segunda Chamada, 2021, episódio 6).

O final da série é marcado pela luta dos estudantes e trabalhadores da escola para que a escola não feche suas portas, simbolizando que a luta é fundamental para defender a Educação e, em especial, defender a EJA. A evasão não pode ser enxergada como algo naturalizado, mas sim como resultado da insuficiência de políticas públicas que poderiam possibilitar a permanência estudantil.

6.3 Sônia – “No fundo só a vida sabe pra onde a gente tá indo”

6.3.1 “Eu dei aula em duas escolas, cuidei de casa, de filhos…”

O excesso de trabalho é algo marcante na vida de muitas professoras e é representado, com intensidade, por Sônia em *Segunda Chamada*. Além de professora, a personagem também é mãe de dois filhos, sofre violência doméstica do marido, mora com a sogra por falta de recursos financeiros e é a responsável por sustentar o lar. A jornada de Sônia, trabalhando em três escolas e cuidando dos filhos, resulta em uma sobrecarga que impacta diretamente seu desenvolvimento enquanto educadora de EJA e é agravada pela violência que sofre, como apresentado na Figura 22 a seguir.

Figura 22 – Sônia fica constrangida ao deixar, acidentalmente, o hematoma aparecer enquanto leciona



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 6 (2019).

Em algumas passagens, Sônia afirma que quando chegou à escola era diferente e que se transformou ao longo do tempo: “[Sônia]: Mudei, mudei muito. Essa época eu tava chegando aqui, cheia de gás, cheia de planos… [Marco André] Onde é que foi parar essa Sônia? [Sônia]: Morreu afogada pela realidade” (Segunda Chamada, 2019,

episódio 3). A professora busca refúgio, frente à realidade dramática em que vive, nos medicamentos “tarja preta”, demonstrando o adoecimento mental que a sobrecarga produz. Quando questionada sobre o motivo de estar tomando os remédios, responde: “[...] meu filho esmurrou a cara de outra criança. E sabe por que ele tá agressivo assim? Porque ele me vê discutindo o tempo todo com pai dele, todo dia brigando” (Segunda Chamada, 2019, episódio 7).

Por muitas vezes, a professora busca não se envolver com os problemas dos estudantes da escola, já que está lutando pela própria sobrevivência e de seus filhos, mas sempre demonstra o comprometimento com a EJA. Em determinado momento da série, vive uma experiência traumática[31] na escola, volta para trabalhar no dia seguinte com a presença de seus filhos, e, ao ser questionada do motivo, reforça seu compromisso com os estudantes:

> Marco André: Pensei que você não viesse hoje, deveria estar em casa né?
>
> Sônia: Deveria, mas **não posso deixar meus alunos na mão**. [...]
>
> Marco André: O que os filhos da Sônia tão fazendo aqui?
>
> Eliete: Adivinha? Pai que não veio buscar, né? Te contar cara… depois de tudo que a mulher passou, ter que vir trabalhar, tem que vir com as crianças, aí depois vêm os bonitos querendo romantizar a nossa sobrecarga chamando a gente de guerreira… (Segunda Chamada, 2019, episódio 11, grifos nossos)

A atriz entrevistada reflete sobre esse contexto:

> [...] é um trabalho muito difícil para esses professores. Ao mesmo tempo, é muito bonito ver o comprometimento desses professores com o trabalho, como eles sabem da história de cada aluno, eles acompanham o desenvolvimento de cada aluno, eles falaram para gente sobre cada um e como que chegou ali, a história de cada um. Isso para mim foi muito tocante porque a gente sabe que os professores ganham mal, muitos deles trabalham durante o turno do dia em outra escola, às vezes até na mesma, e a noite vão trabalhar na EJA e com todo esse comprometimento e engajamento e com muito afeto. Isso foi uma coisa que me chamou muito a atenção e que me guiou na minha construção da minha professora, o afeto e a paixão com que eles se dedicam a esse trabalho. (Trecho da entrevista pessoal de Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022)

Sônia não é a única professora da série vivendo trabalhos simultâneos. Lúcia também cuida do marido e Eliete vende bijuteria e cosméticos para complementar a renda. Como podemos observar, o acúmulo de tarefas aumenta quando se trata de professoras mulheres que são responsáveis por múltiplas tarefas, tanto dentro quanto fora da escola, fruto da organização patriarcal do trabalho e das famílias. Sendo assim,

[31] Sônia encontrou um ex-estudante foragido e ele apontou a arma para ela em meio ao caos. Consideramos que esse aspecto mereceria um aprofundamento maior que não é possível neste momento, na pesquisa.

quando se articulam gênero, trabalho e saúde, diversos estudos mostram que a docência torna-se uma profissão extremamente desgastante para as mulheres, e o seu exercício se agrava pelas condições de trabalho, tais como jornadas exaustivas, salários insuficientes e demandas que extrapolam o ambiente profissional (Zibetti; Pereira, 2010). Além disso, a desvalorização financeira dos profissionais em educação, junto à sobrecarga dos cuidados com a casa e família, impacta o preparo de aulas e, consequentemente, a qualidade do ensino. Desdobrar-se em todas essas tarefas impede que elas se dediquem ao preparo das aulas. Maria Paula Araújo *et al.* (2021, p. 7) aponta:

> É urgente que possamos dar visibilidade às condições reais de exercício e vida dos professores, não é aceitável que uma profissão tão importante para o desenvolvimento do país continue a sofrer tantos ataques e esvaziamentos. Compreender a docência e tudo o que a compõe nos aproxima mais da realidade desse território tão feminino ainda e, talvez por isso, tão menosprezado e violado cotidianamente.

Paulo, professor recém-chegado na EJA[32], também sinaliza sobre as condições de ser professor do *ensino noturno*. Ao ser convidado para um samba, responde: “Quem dera, estou correndo para ver se pego meu filho acordado em casa. [Eliete]: Ô, meu Deus, que dó... primeiro dia de ensino noturno e já envelheceu 5 anos”

Os estudantes também reconhecem a desvalorização financeira dos profissionais em educação, expressa através de afirmações como “Aqui na rua, ganho mais que a senhora”. A valorização dos professores de nossa sociedade acontece com reconhecimento dos estudantes:

> E eu lembro que no meu primeiro texto que eu escrevi, eu escrevi “professor” com “P” maiúsculo. Professor corrigiu o meu texto e veio me perguntar. Eu disse que como eu escrevo mãe com M maiúsculo, eu também escrevo professor com P maiúsculo (Neide Santos, 59 anos, costureira, Segunda Chamada, 2019, episódio 2).

Ao final da segunda temporada, Sônia consegue a vaga em uma escola particular: “Consegui um emprego na escola particular. [...] Meu salário em dia, 13º, férias [...] (Agradecimento) vocês aguentaram meu cansaço, meu mau humor, minha impaciência… Prometo ser mais leve daqui pra frente.” A personagem ilustra a história de uma professora que vive uma realidade dramática, sem momentos de lazer e lutando por si e pela família. Conseguir um emprego com seus direitos básicos assegurados era uma chance de melhorar sua condição.

[32] Paulo compõe a série em poucos episódios.

A história da personagem é demarcada por sucessivos impedimentos para conseguir viver de forma digna e, ao final da série, ela é assassinada pelo marido, autor de contínuas violências domésticas. Pouco antes de seu assassinado, reflete sobre a vida: “O que a vida faz com a gente ninguém tem como prever, né? A gente até finge que tá no controle, puxa a rédea mais pra cá, puxa a rédea mais pra lá. Tenta frear o ritmo um pouquinho. Mas, no fundo, só a vida sabe pra onde a gente tá indo.” A história e as condições de vida de Sônia fizeram com que ela identificasse dificuldade em ter autonomia sobre o rumo de sua vida. Essa é uma passagem importante para entender a personagem, mas ressaltamos que não deve ser considerada como o único caminho.

6.3.2 “Dar uma aula sobre história do mundo sem nunca ter conseguido sair do seu próprio país”

Como vimos na seção anterior, Sônia vive uma realidade dramática. A professora apresenta o mundo aos estudantes, sem nunca ter conseguido sair do seu próprio país – ou, pode-se interpretar: sem ter acesso a uma vida digna, tornando a possibilidade de sair do país ainda mais distante. A sua vida precária e a missão de ser professora é simbolizada pelo título desta seção.

Esse contexto faz com que ela não entenda estudantes cansados dormindo em sala, utilizando argumentos meritocráticos, baseados em sua própria história, mas que não condizem com a complexidade das vidas dos educandos. Roberto de Queiroz, estudante da EJA que aparece ao final de um dos episódios da série, relata sobre sua condição enquanto um estudante trabalhador:

> Eu saía muito cedo para trabalhar e não conseguia conciliar trabalho e escola. Eu dormia na sala de aula, me matriculei em EJA e tal, mas nunca concluía. Eu via as pessoas estudarem, crescerem, e a gente vai ficando para trás, a gente fica com uma sensação muito ruim. Mudou completamente a minha mente, minha história. (Segunda Chamada, 2019, episódio 4).

Sônia trabalha na Escola Municipal Carolina Maria de Jesus há mais de 10 anos e, quando vai à procura de vaga em outra escola, afirma que a EJA a preparou para os possíveis desafios no próximo emprego: “Lecionar é sempre um desafio, mas eu já enfrentei de tudo que a senhora pode imaginar numa sala de aula.” Essa concepção de que a EJA prepara para outras atuações também foi apontada pela dissertação de Rafaela Soares (2017). Após entrevistar sujeitos que fizeram a formação complementar com foco na Educação de Jovens e Adultos, observa:

> [...] essa capacidade estava instalada a partir do momento que concluem sua formação. Desta forma, seja onde for: na gestão, nos espaços escolares ou não escolares; seja com que sujeito educando for: com criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso ela está instalada [...] Onde quer que os egressos trabalhem, esse olhar sobre o outro, essa sensibilidade e respeito com a história do outro estará presente quando da sua atuação como educador. (Soares, 2017, p. 139)

A professora de história aborda conteúdos muito importantes na formação de cidadãos críticos. Em um contexto como o que o Brasil vivenciava na produção e exibição dessa série, refletir sobre a Revolta dos Malês e dos Tabajaras, sobre a luta pelas eleições diretas ou sobre a importância de se defender a democracia é essencial para possibilitar a emancipação dos sujeitos da EJA que são oprimidos pela sociedade em que vivemos. Sônia auxilia os estudantes a entenderem o processo histórico, refletindo também sobre o lugar que eles ocupam na sociedade:

> Sônia: A república do Brasil foi marcada por várias tentativas de reurbanização do Rio de Janeiro. A principal ação nesse sentido se deu no governo do presidente Rodrigues Alves, em 1904. Explicando melhor, o governo daquela época queria dar uma maquiada na cidade.
>
> Palito: Ih, fessora, mas isso daí não mudou nada. Falar pra senhora, sempre que tem evento na cidade, a primeira coisa que eles fazem é dixavar nós.
>
> Sônia: Pois é, Palito. Nesse caso, eles começaram a demolir as habitações coletivas, conhecidas na época como cortiços. Para vocês terem uma ideia, mais de duas mil pessoas ficaram sem teto. [33] [...]
>
> Gloria: Professora, para onde foi esse povo que morava nos cortiços?
>
> Sônia: Foram pros morros, Glória. A destruição dos cortiços deu origem às primeiras favelas. Copiem a matéria do quadro, por favor. (Segunda Chamada, 2021, episódio 3)

Os estudantes em situação de rua, foco da segunda temporada, participaram dessa aula, que possivelmente contribuiu para entender as decisões políticas pertencentes a um mesmo projeto de sociedade, demarcado em diversos momentos da história de nosso país. O contraste representado por Sônia, no qual ela se dedica a ser uma boa professora, ao mesmo tempo em que enfrenta vários problemas pessoais/coletivos, constrói uma professora que pede socorro a cada instante, mas que não perde a crença na Educação.

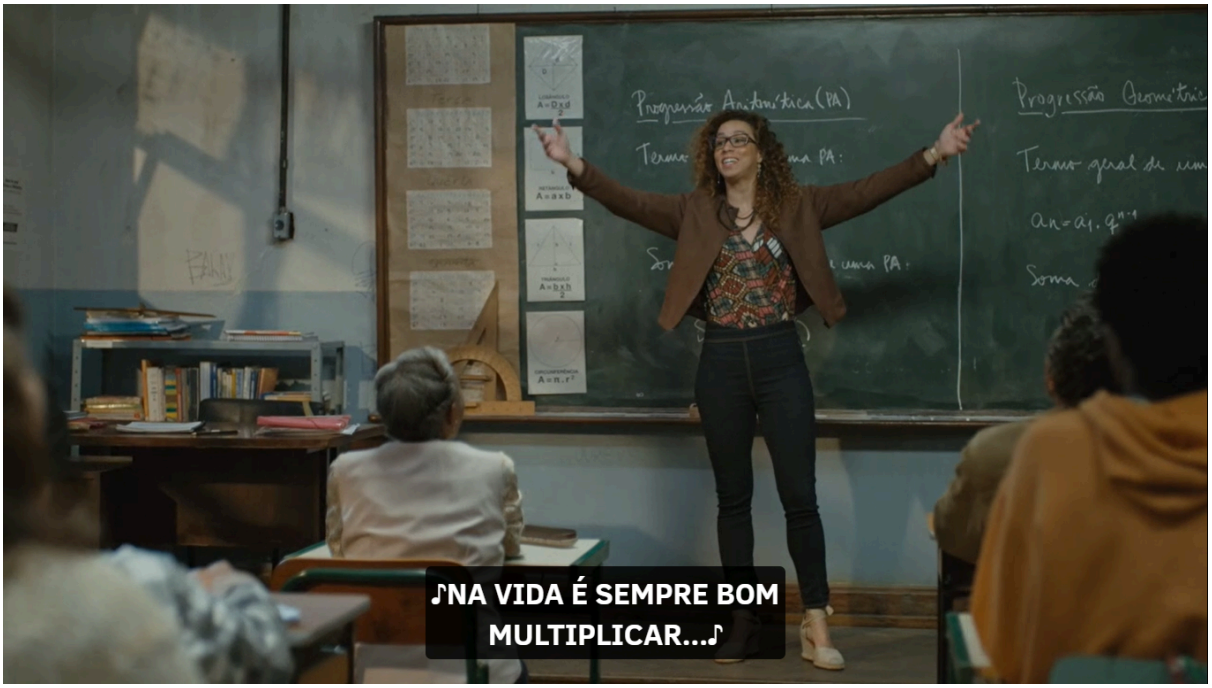
[33] *Cf. O cortiço* de Aluísio Azevedo (1890) e *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus (1960).

6.4 Eliete – “por isso é que eu prefiro matemática”[34]

6.4.1 “A gente vai calcular com o que você tem”

Eliete é uma personagem marcante pela sua dinâmica em sala de aula. Sensível e equilibrada com os problemas que surgem, é a única professora moradora da comunidade onde a escola está localizada, podendo ser esse um dos motivos de sua didática conectada à vida dos educandos. Apesar das dificuldades enfrentadas, a docente busca estar sempre de bom humor, começando as aulas de forma animada, como apresentado na Figura 23, em que Eliete inicia cantando uma de suas aulas.

Figura 23 – Eliete canta a música de Tom Jobim Aula de Matemática em sala



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 5 (2019).

A professora de matemática se esforça para que a disciplina, considerada pelo senso comum como uma das mais difíceis, se torne mais acessível. Logo no primeiro episódio da série, a professora solicita aos estudantes que dividam o valor do salário-mínimo pela quantidade de dias do mês:

> Gislaine: Deu trinta e três reais e vinte e seis centavos.
> Eliete: Olha, um a zero para a Gislaine! [...]

[34] Frase dita no primeiro episódio, quando a personagem se indigna com a entrega do bebê ao Conselho Tutelar após o abandono de um bebê na escola, em resposta à afirmação de que “nem sempre o que é certo tem a ver com que é justo”, dita por Jaci.

> Eliete: É isso aí, abençoados… se vocês não forem Jesus Cristo pra fazerem o milagre da multiplicação, vocês vão ter que se virar com trinta e três reais e vinte e seis centavos por dia.
>
> Estudante: Puxado (Segunda Chamada, 2019, episódio 1)

A professora reflete sobre a realidade de uma grande parcela da sociedade que sobrevive com um valor muito inferior ao necessário para se viver com dignidade. Evidenciar o valor diário contribui com a desalienação, especialmente na época de um governo que não fez nenhum reajuste real do valor mínimo a ser recebido pelo trabalhador. Paulo Freire (1989) afirma sobre a importância de se pensar na intencionalidade da educação:

> [...] tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de **a favor de quem e do quê**, portanto **contra quem e contra o quê**, fazemos a educação e de **a favor de quem e do quê**, portanto **contra quem e contra o quê**, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. (p.15, grifos do autor)

Não existe neutralidade no processo educativo, e Eliete demonstra escolher a construção de uma educação emancipatória. A professora sempre se atenta em partir da realidade dos sujeitos para desenvolver o processo educativo, em “calcular” – ou também poderíamos dizer partir – do que o outro tem, do que o outro está sendo. Este é um dos princípios da Educação Popular, que compreende, nas palavras de Freire (2022, p. 81) que “[...] o (a) educador (a) saiba que o seu aqui e seu agora são quase sempre o lá do educando”. Essa dinâmica educacional é exemplificada quando Eliete vai ensinar Análise Combinatória para os estudantes:

> Eliete: Nós vamos começar a aula falando de possibilidades. Vamos aprender a calcular as possibilidades. Para a gente aprender a calcular as possibilidades, nós vamos aprender essa moça aqui chamada Análise Combinatória, quem já ouviu falar?
>
> Natan: Ih, fessôra, deu um nó aqui já no tico e teco, já. [...]
>
> Eliete: No seu armário, você tem seis bermudas e quatro camisetas, tá bom ou quer mais?
>
> Natan: Tem 2 bermudas e 3 camisetinha só, no guarda-roupa.
>
> Eliete: Tá ruim para todo mundo, **a gente vai calcular com o que você tem** [...] A pergunta é: De quantas maneiras diferentes o Natan pode se vestir? Valendo! (Segunda Chamada, 2021, episódio 1, grifos nossos)

Outra característica que merece destaque é a dinamicidade frente a situações inesperadas. Por exemplo, quando Dona Carmen leva seus objetos de herança para a sala de aula, o que gerou um grande tumulto, por serem grandes e atrapalharem a

visão das pessoas do quadro. Eliete, para resolver o problema, utiliza o carrinho de herança da estudante para ensinar como calcular medidas, demonstrando sensibilidade com as especificidades dos educandos da EJA.

Partir de situações concretas ajuda no entendimento dos educandos, por oferecer mais materialidade a conceitos matemáticos abstratos. Reconhecer os saberes dos educandos e incentivar que eles participem da aula é fundamental para que eles aprendam o conteúdo. Entretanto, Eliete não se restringe à educação matemática e, em diversos momentos, vai além do conteúdo previsto na disciplina. Ela também se demonstrou atenta aos conteúdos demandados pela turma, como educação sexual.

Ainda assim, Eliete comete erros no decorrer da trama. Em um dos episódios, a professora corrobora com a acusação de roubo a uma estudante recém-chegada na escola e sobrevivente do cárcere, mas reconhece seu erro perante a turma na sequência:

> Sabe por que eu prefiro matemática? Com número não tem treta, não tem meio termo, 2 e 2 são 4 e acabou. E a gente não, a gente é complexo a gente julga, a gente acusa, tem preconceito e hoje a gente acusou a Walquiria sem prova nenhuma, sem lógica alguma, a gente errou muito feio. Eu acho que a gente tá na escola porque é um lugar que a gente tem também para refletir mesmo sobre essas coisas, para melhorar, evoluir mesmo, pedir desculpa e entender que se você quer ser respeitado, você precisa também respeitar. Não parece lógico isso? Isso também é matemática. (Segunda Chamada, 2019, episódio 7).

Sabemos que mesmo a matemática não é neutra (Melo; Chrispino, 2013), mas o reconhecimento da professora de ter cometido um erro também se apresenta como um processo educativo para os estudantes. Paulo Freire (1996, p. 50) nos alertava que, ao sermos educadores, precisamos ter consciência do nosso inacabamento:

> Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.

Uma das autoras da série também aponta o potencial de se desmistificar a visão de que professores não erram e que são detentores do conhecimento, para a construção de um ideal de que o processo educativo acontece ao se errar também:

> Eu acho que o grande barato de uma escola, uma EJA, é que você tem uma diversidade em todos os aspectos. Diversidade etária, diversidade geográfica, religiosa, política. Então as situações de conflito, de intolerância elas acontecem, são recorrentes; então esses professores estão, o tempo inteiro,

> sendo testados e são passíveis de erro. Mesmo querendo acertar eles erram, eu acho que isso era o mais importante. (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022.)

Nesse sentido, uma das contribuições da série é nos ajudar a pensar: qual é o papel que o professor de EJA busca ocupar no processo educativo? Eliete representa uma forma equilibrada de lidar com os desafios, mas sempre tendo como foco o processo educativo emancipatório desses sujeitos.

6.4 Lúcia – “ser professora está no meu sangue”

Nas seções anteriores, tangenciamos posicionamentos e falas da personagem protagonista da série. Esta seção tem como objetivo aprofundar em uma das características presentes em parte dos professores da EJA, que é muito importante para pensarmos uma educação de qualidade: compromisso com os educandos.

Lúcia é professora de português da Escola Carolina Maria de Jesus. Com um marido acamado, ela busca, na primeira temporada, desvendar o motivo da morte do filho, que foi atropelado na porta da escola após agredir um professor. Uma das atrizes da série aponta a importância dessa busca para a personagem e o quanto interfere na relação dela com a EJA:

> Ela faz um pouco, de transferir para os alunos e para escola um certo espaço afetivo deixado pela morte do filho. Para mim, o que mais me guiou nessa personagem foi essa tragédia pessoal – que eu acho que é a maior tragédia que pode acontecer na vida de uma mulher –, perder um filho, na vida de uma mãe, não de uma mulher, mas de uma mãe (Trecho da entrevista com Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022).

A atriz também aponta as motivações dela ao encenar a personagem, afirmando que “o que me inspirou e guiou foi a aproximação que eu tive com as EJAs, as escolas, os professores e os alunos” (Trecho da entrevista com Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022). A personagem Lúcia apresenta a centralidade da escola em sua vida nas duas temporadas:

> Quando me perguntam o que eu faço, eu respondo que eu sou professora. Mas isso não é o que eu faço, isso é o que eu sou. Hoje, não é só o começo de mais um ano letivo. É a minha vida que tá recomeçando mais uma vez, porque, quando se é professora, é dentro da escola que a nossa vida acontece. (Segunda Chamada, 2019, episódio 1)

6.4.1 “Eles podem desistir da escola, mas eu não desisto deles.”

Lúcia é uma professora que não mede esforços pelos seus estudantes, por muitas vezes, aponta que ser professora é que dá sentido à vida: “quando eu estou com meus alunos eu me sinto viva” (Segunda Chamada, 2019, episódio 1). A professora de português entende os desafios dos educandos em se manter na escola e reforça, constantemente, que o principal é fazer com que os estudantes não desistam. Ela acredita na educação como uma possibilidade de transformação da vida das pessoas e, consequentemente, na sociedade, e afirma também que *esperança* é a palavra mais bonita da língua portuguesa.

A educadora incentiva os educandos que se sentem inseguros ao escrever poemas, como é o caso de Dona Jurema e Sr. Gilsinho. Além disso, ela também promove uma relação dialógica a partir das demandas dos educandos. Retomamos aqui um exemplo apresentado no capítulo anterior, quando a estudante mãe precisa amamentar seu bebê e os colegas de turma a desrespeitam, Lúcia intervém refletindo junto a turma:

> Lúcia: Cês tão satisfeitos? A Márcia pegou duas conduções com bebê no colo pra vir estudar e tem que passar por esse constrangimento. Ser agredida, desrespeitada enquanto amamenta. Eu tô envergonhada por vocês. Amamentação é uma coisa natural, é importantíssima, vocês deviam ter acolhido a Márcia! (Segunda Chamada, 2021, episódio 5).

As estudantes da turma se manifestam expondo seus seios, e o diretor da escola chega e convoca a professora para uma conversa. Lúcia argumenta, falando que foi uma manifestação espontânea e que “não tem nenhuma criança aqui. Eu aposto como os alunos vão lembrar dessa aula o resto da vida” (Segunda Chamada, 2019, episódio 4). Ao seguir sendo questionada pelo diretor, ela reforça que é professora com orgulho. “Hoje ser professora valeu a pena” (Segunda Chamada, 2019, episódio 4). A sensibilidade de Lúcia ao lidar com a situação, a clareza de que a EJA é lugar de estudantes não-crianças, e a luta para que a estudante não evada da escola conformam-se em um processo educativo importante aos educandos. O respeito e a naturalização do processo de amamentação são importantes para garantir a permanência das educandas mães na escola.

Outra passagem importante é a decisão de Lúcia em alfabetizar Néia, estudante em situação de rua. Lúcia, ao descobrir a situação de analfabetismo de Néia, se

envolve e se compromete a ajudá-la a aprender a ler e a escrever. A professora vai até o viaduto, como apresentado na Figura 24, e Néia se surpreende com a decisão:

> Néia: Mas você vai dar aula pra mim aqui mesmo?
>
> Lúcia: Sim, a gente só precisa de papel e caneta [...] Hoje, a gente vai começar eu te apresentando o alfabeto, você vai conhecer todas as letras que são necessárias para uma pessoa ler e escrever. (SEGUNDA CHAMADA, 2021, episódio 3)

Figura 24 – Lúcia alfabetizando Néia debaixo do viaduto



Fonte: Frame extraído da série Segunda Chamada, temporada 2, episódio 3 (2021).

Lúcia se dedica em alfabetizar Néia mesmo em condições precárias, debaixo do viaduto, sem quadro e demais instrumentos de trabalho, como é apresentado na Figura 24. Não é verdade que só se precisa de papel e caneta para lecionar de forma adequada, e a série corre o risco de reforçar o estereótipo de que o problema da educação não está na falta de investimento.

> Na sequência, a professora utiliza outros instrumentos, demonstrando preocupação em não utilizar materiais infantilizados e em determinado momento utiliza a música *Espumas ao Vento* de Zé Ramalho, conhecida pela estudante, para contribuir com o processo de alfabetização. Uma das autoras da série aponta que: “os professores que eu conheci honram o ensino público brasileiro. É claro que as escolas são precárias, você tem poucos recursos” (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras autora da série, 23 de fevereiro de 2022).

O perfil de Lúcia é de se envolver inteiramente, para além da sala de aula. Outros exemplos disso são quando ela vai atrás dos alunos: até Wallace, para convencê-lo a voltar a estudar; à casa da esposa de Maicon, se propondo a ajudar a família; no trabalho de Victor, para chamar ele para a escola; debaixo do viaduto, para convidar as pessoas em situação de rua a voltar a estudar. A educadora observa e se envolve todas as vezes que um estudante demonstra tristeza ou fragilidade e se coloca à frente, em defesa da escola, buscando mais estudantes para se matricularem ou protestando para que a secretaria não feche a escola.

Essa dedicação também é expressa com frases como “eu queria que vocês soubessem que podem contar comigo para tudo”, “por mim, vocês só saem daqui formados” ou “eu sempre fico com a sensação que eu poderia fazer mais do que eu faço”. Esse envolvimento integral faz com que ela viva tensionamentos com outras pessoas, e especialmente, com o diretor da escola:

> Jaci: Lúcia, você está se envolvendo demais com tudo.
>
> Lúcia: eu não vou mudar, eu me envolvo. É por isso que você acha que eu sou uma ameaça para os alunos? [...]
>
> Lúcia: Bom, eu não vou ficar aqui sentada, esperando que os...
>
> Jaci: O que você vai fazer? Vai para a rua pegar as pessoas pelo pescoço e obrigar a se matricularem aqui?
>
> Lúcia: **Eu acho uma ótima ideia. Se os alunos não vêm até a escola, a gente que tem que ir até os alunos**. (Segunda Chamada, 2021, episódio 1)

Uma das atrizes da série, que foi até as escolas e conversou com professores e educandos de EJA, apresenta seu ponto de vista sobre o envolvimento de Lúcia:

> Eu acho que tem pessoas que têm essa índole. Realmente, tem pessoas que se doam realmente. Elas se doam, elas se colocam no lugar do outro, elas têm o olhar para o outro que é admirável. É lógico que todas as professoras não são assim como a personagem, a personagem, como eu já falei, tinha um aspecto dela que transferia um pouco, o vazio, a perda do filho, a perda que ficou, para a relação dela com os alunos. Acho que na série tem tudo isso, é mais complexo. É claro que uma professora não dá conta de se envolver com o problema de cada aluno, sobretudo em uma escola pública em que os problemas são enormes e infindáveis, a realidade é mais forte. Mas eu vi professores que são assim, que se envolvem mesmo com os alunos e que se doam. Então, eu acho que assim como é diverso a sala de aula, os alunos são diferentes uns dos outros, os professores também. (Trecho da entrevista pessoal de Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022)

O envolvimento dos professores também é abordado pelos comentários dos educandos ao final de cada episódio:

> Eu tava decidida a parar de estudar né? Porque eu estava sentindo muita dificuldade nas matérias deles. Eu falei assim: professor, eu não vou conseguir. Aí ele falou assim: Você vai conseguir, sim. (Ana Cláudia. - Ana Claudia da Silva, 43 anos, manicure).
>
> Eles não desistem de você. Nenhum professor ali (Lúcia Amélia Barbosa, 55 anos, artesã, Segunda Chamada, 2019, episódio 1).

Sabemos que Lúcia, estabelece vínculos e se envolve com os problemas de cada estudante, com o objetivo de possibilitar sua permanência na escola. A postura da professora traz uma reflexão importante: O professor de EJA deve se envolver com a vida dos estudantes? Em que medida isso é importante? Existe um limite no envolvimento? Qual seria esse limite?

Para além das particularidades da personagem da professora Lúcia, pode ser interessante refletir sobre esse aspecto que faz parte da realidade das escolas e dos educadores e educandos da EJA do país. Em pesquisa realizada com docentes de ampla trajetória na EJA da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, Minas Gerais, Trinidad Vaccarezza (2020) se pergunta sobre o assunto ao se deparar com diversas ações realizadas pelas professoras e diretoras de escolas de EJA, como a realização de vaquinhas para comprar cestas básicas para educandos e suas famílias, acompanhamento de estudantes com problemas de saúde aos hospitais, entre outras, que colocam em questão o antigo dilema posto entre o que é “educação” e o que é “contenção social”. A autora reflete:

> Como nomear o que a diretora fez ao levar a aluna para o hospital e buscar garantir a alimentação dela naquele mês? Se lêssemos essas situações de forma isolada, poderíamos fazer diversas elaborações. Por exemplo, dizer que as professoras estão fazendo algo que não corresponde à ordem do “ensino”, do “pedagógico”, senão do campo do “social”, da “contenção”. Porém, cabe nos aproximar das realidades narradas em busca de compreender como este tipo de mobilização faz parte de um conjunto de modos de estar e fazer EJA, cujos sentidos, intenções e motivações devem ser mais aprofundadas (Vaccarezza, 2020, p. 148).

Para a autora, essas relações construídas entre professores e diretores e os educandos não se encontram isentas de contradições, já que “a definição da docência e das relações estabelecidas com os sujeitos educandos/as se encontram atravessadas por posições historicamente construídas que são sempre provisórias e contingentes, e por vezes, paradoxais” (Vaccarezza, 2020, p. 156). Porém, para a autora, é importante salientar que a intencionalidade de relações com essas características não parte de uma visão que infantiliza o/a outro/a ou simplesmente o assiste, dando-lhe algo que não possui. Em vez disso, ela se constrói fundamentada

em determinados sentidos e posições sobre a docência na EJA que dizem respeito, sobretudo, à dimensão política do ato de educar e ensinar junto com esse público e busca, portanto, a garantia de um direito.

Paulo Freire (1996, p. 13) aponta que

> as escolas não são espaços exclusivos para o puro aprender e para o puro ensinar; são locais nos quais se estabelecem vínculos e se criam expectativas e sentimentos, ou seja, ensinar não pode ser constituído por um simples repassar ou transmitir conhecimentos.

Essa dedicação para além da sala de aula é algo comum na EJA e contribui para que parte dos estudantes não evadam da escola. Lúcia, por muitas vezes, não consegue limitar o seu envolvimento com os casos dos estudantes. A Figura 25 foi extraída do primeiro episódio, no qual a docente leva um bebê abandonado por uma estudante para casa e, quando o pai aparece, ela descobre que é "matador"[35] e é agredida em meio à tentativa de não entregar a criança.

Figura 25 – Lucia com bebê abandonado pela aluna



Fonte: Frame extraído da série *Segunda Chamada*, temporada 1, episódio 1 (2019).

Lúcia identifica os problemas dos estudantes e da escola como seus problemas, e a falta de limites nessa relação acabou fazendo com que ela fosse agredida e sofresse frente à situação. Essa concepção de levar os problemas coletivos para o âmbito pessoal é expressa quando ela afirma: "[...] se você tá enfrentando qualquer tipo de violência aqui na escola aí passa a ser problema **meu**. Meu e da escola, entendeu?" (Segunda Chamada, 2021, episódio 6, grifos nossos).

[35] Termo utilizado por Natasha para se referir ao que o homem faz.

É necessário encontrar um limite entre os desafios pessoais e os desafios coletivos e sociais. Lúcia tem uma dedicação exacerbada, e apresenta dificuldade de encontrar o equilíbrio necessário. Por vezes, reforça que prefere ser vista como “louca” a como “acomodada”[36]. A EJA é um espaço de encontro das tensões vividas pelos educandos e tem o potencial transformador dos professores:

> Ser professora na EJA mexeu muito comigo, me transformou enquanto pessoa. Você aprender a ser uma melhor professora, você quer dar o seu melhor, porque os seus alunos estão dando o melhor. (Maria Elizabeth Mansani, 49 anos, professora).

Lúcia se coloca como uma aprendiz junto aos educadores. Os encontros dela com os educandos são demarcados por desafios e espaços de desenvolvimento. Ao final da primeira temporada, ela afirma:

> Eu aprendo muito com vocês todos, como dizia o grande educador Paulo Freire: Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Eu desejo do fundo do meu coração que vocês sejam agentes transformadores desses país. (Segunda Chamada, 2019, episódio 11).

A série apresenta um grupo de professores que apostam, de forma geral, na coletividade para sobreviver frente ao sucateamento da Educação de Jovens e Adultos e buscar uma educação de qualidade. São professores comprometidos com o desenvolvimento da EJA, que incentivam e flexibilizam as normas – que nem sempre correspondem à realidade dos educandos – para que os estudantes permaneçam na escola.

Um questionamento que nos acompanhou durante a pesquisa foi a respeito de qual seria a percepção dos professores ao ver a série. Não tivemos condições, neste estudo, de aprofundar acerca da percepção dos educadores de EJA, mas questionamos os entrevistados acerca do retorno que os envolvidos estavam recebendo:

> [...] Olha, a série foi muito abraçada principalmente pelos professores, muito abraçada! Eu tinha receio porque é uma classe que é muito crítica – e tem que ser, né? Então retratar o dia a dia de uma escola pública era uma responsabilidade muito grande. Mas os professores que entraram em contato e, por conta da série, eu participei de muitos encontros de professores, fui chamada para falar [...] Enfim, a troca sempre foi muito positiva! (Trecho da entrevista pessoal de Carla Faour, uma das autoras da série, 23 de fevereiro de 2022).

A atriz entrevistada também corrobora as avaliações recebidas:

---

[36] Termos utilizados por Lúcia ao dialogar com Jaci sobre sua ida ao viaduto para dar aulas.

> Então eu acho que a coisa que mais me deu alegria com essa série foi a maneira como os professores se dirigiram a mim. Eu estava muito preocupada, antes da gente começar, porque eu queria realmente que os professores se sentissem representados e bem representados, não de uma maneira estereotipada ou que não fosse muito realista, que a gente sabe que é difícil. Eu achava importante para mim como atriz que os professores se sentissem representados ou se identificassem. A minha maior alegria é que eu fui recebendo mensagens e mesmo na rua, uma vez eu viajei para Salvador e as pessoas se aproximavam de mim, para me dizerem isso, que estavam gostando da série e se sentindo representadas ali, que a série estava sendo importante para a EJA e para essas professoras […] Primeiro, porque eu acho o trabalho do professor um dos mais importantes de qualquer sociedade e a educação o pilar mais importante de qualquer sociedade. (Trecho da entrevista pessoal de Elza, atriz da série, 19 de abril de 2022)

A série nos ajuda a refletir, especialmente a partir de Lúcia, que o professor não tem que encontrar solução para todos os problemas, mas sim encontrar um equilíbrio. Encontrar o ponto até onde vai a docência e criar redes com outros instrumentos do Estado podem ser uma saída.

Os professores apresentam uma grande dedicação para que os estudantes não saiam da escola, e por vezes, têm atitudes heroicas frente ao sucateamento, o que não deveria ser uma necessidade. A ausência de reuniões de equipe, da formação inicial e continuada e do trabalho organizado para ser desenvolvido coletivamente podem contribuir para a fragilização da EJA.

Segunda Chamada contribui para a não romantização do professor como herói, bem como possibilita uma reflexão mais aprofundada do papel dos educadores dessa modalidade de ensino, evidenciando os desafios e potenciais da Educação de Jovens e Adultos que ainda é muito invisibilizada em nossa sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS… até uma *Segunda (ou outras) chamadas*

A Educação de Jovens e Adultos é um campo educacional que abrange majoritariamente aqueles/as que tiveram o direito à educação negado. Contudo, a realidade dessa modalidade de ensino ainda é pouco conhecida em nossa sociedade. *Segunda Chamada* foi a primeira série que abordou o cotidiano da EJA e foi transmitida na maior emissora televisiva do Brasil e a segunda maior do mundo.

A primeira temporada da série, exibida em 2019, foi transmitida em horário nobre na TV aberta, contando com 11 episódios, o que gerou uma grande audiência, críticas e prêmios. Essa abrangência impulsionou a realização da segunda temporada, exibida em 2021, contando com 6 episódios e transmitida pela plataforma *Globoplay*.

Além disso, a série foi transmitida em um contexto de retrocessos políticos para a área da Educação e ainda mais para a Educação de Jovens e Adultos. Além do sucateamento, havia um cenário de disputa acerca das contribuições de uma das principais referências para a EJA: Paulo Freire.

Nesses marcos, nossa pesquisa foi desenvolvida durante o contexto de pandemia da covid-19, em meio ao caos político, social, sanitário em que o Brasil vivenciava e teve como objetivo analisar a série *Segunda Chamada* tomando como ponto de partida as especificidades da EJA. Nos indagamos se as características próprias dessa modalidade educativa, como a diversidade dos educandos, materiais didáticos apropriados, professores envolvidos, políticas públicas complementares, currículo próprio, disposição física da sala, dentre outras características, são abordados. Além disso, buscamos analisar também o contexto de produção da série, entrevistando uma das autoras, dois atores do elenco e um diretor de uma escola que serviu como referência para uma das atrizes da série.

Os dados acerca do contexto de produção evidenciaram uma grande dedicação dos envolvidos na execução de *Segunda Chamada*. As autoras contaram com uma ampla equipe para desenvolvimento da temática, contando com a ajuda de especialistas, visitas em escolas, leituras e estudos acerca da EJA. Segundo Carla Faour, uma das autoras da série, foram 4 anos de dedicação para se entender sobre a Educação de Jovens e Adultos, para assim conseguir elaborar um roteiro que correspondesse ao imaginário que se tem sobre a modalidade educacional.

O envolvimento com a série também foi expresso pelos atores. O ator entrevistado teve experiência trabalhando com EJA, e a atriz, outra entrevistada,

afirmou que parte dos atores visitaram escolas de EJA, conversaram com professores, estudantes e gestores escolares. Ademais, os atores entrevistados apresentaram a necessidade de entender os desafios enfrentados pelos professores e estudantes, bem como a EJA de forma geral.

No que se refere à escola, a série apresenta um imaginário de EJA sucateada, com pouco financiamento e muitas demandas. A EJA demanda que os estabelecimentos que a ofertem, para atender com qualidade os/as estudantes, considerem as especificidades dos sujeitos, ofereçam alimentação reforçada, boa iluminação, além da diversidade de recursos didáticos. Esses requisitos não foram encontrados na Escola Carolina Maria de Jesus. Contudo, é importante ressaltar que as escolas de EJA não são sempre assim. Existem outras experiências sendo ofertadas que consideram as especificidades da Educação de Jovens e Adultos, parte das quais trabalhamos no decorrer deste trabalho.

Em relação aos/as educandos/as apresentados/as por *Segunda Chamada*, em consonância com o Capítulo 5 desta dissertação, eles condizem com parte dos sujeitos que encontramos na EJA. A série apresentou uma grande diversidade de perfis, que dividimos em três eixos para análise: mulheres, trabalhadores/as e pessoas em situação de rua na EJA. Como resultado, percebemos a vulnerabilidade social vivenciada por grande parte desses educandos/as, bem como a compatibilidade dos perfis apresentados na Série com as pesquisas empíricas desenvolvidas por pesquisadores/as do campo da EJA. Além disso, é importante ressaltar que, nesta pesquisa, não abordamos todos os perfis apresentados na série, os quais poderão ser analisados em pesquisas posteriores. Ademais, *Segunda Chamada* se propõe a levantar temas de debate frente à realidade dramática dos estudantes.

Sobre os/as professores/as da Série, conforme analisado no Capítulo 6 desta dissertação, estes expressam comprometimento com a permanência estudantil e com a garantia do direito à educação, correspondendo com o perfil de educadores que a EJA necessita e que foram achados em pesquisas empíricas. Entretanto, a ausência de formação inicial e continuada impacta no desenvolvimento do processo educacional. A falta de reuniões de equipe dificulta e limita, mas não impede a realização de trabalhos coletivos.

Pelos resultados alcançados, esperamos que essa pesquisa contribua com o entendimento da modalidade educativa e a visão social acerca dela. Ademais,

esperamos que a pesquisa realizada contribua para que a série seja usada adequadamente na formação inicial e continuada de educadores.

É necessário ressaltar que a educação é um direito de todo cidadão, independentemente da idade, e, para que a Educação de Jovens e Adultos seja um instrumento efetivo de garantia desse direito, é necessário reconhecer as especificidades da modalidade, incluindo a diversidade dos sujeitos.

Longe de finalizar nossas considerações, expressamos que os achados desta pesquisa são alguns indicativos para se analisar como a EJA foi apresentada na série. Novas chamadas de análise e reflexões seguirão surgindo. *Segunda Chamada* é uma obra de resistência que dá visibilidade para a EJA em nosso país, evidenciando a necessidade da defesa da modalidade além da luta por melhorias nas condições que hoje são apresentadas. Paulo Freire afirma (1979, p. 84): “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANO, Bruno. Educação de Jovens e Adultos tem, em 2019, o menor investimento da década. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 dez. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/educacao-de-jovens-adultos-tem-em-2019-menor-investimento-da-decada-24162835. Acesso em 2 dez. 2022.

ALVARENGA, Valéria; SILVA, Maria Cristina. Formação docente em arte. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1009-1030, jul./set. 2018. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/74153. Acesso em 2 dez. 2022.

ALVES, Cátia Fátima Nunes Santana. **Leitura, escrita e autoria em discurso na educação de jovens e adultos**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022. DOI: 10.11606/D.59.2022.tde-10082022-092036.

ALVES, Suellen Guimarães. **O sujeito educando da EJA e a cidade**: um estudo sobre as mudanças provocadas pela reinserção na escola. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARAÚJO, Maria Paula Alves; SANTOS, Ana Luiza dos Reis; PEPE, Cristiane Marcela. Precarização do trabalho docente: uma breve reflexão contemporânea. *In*: VII Congresso Nacional de Educação, 7., 2021, Maceió. **Anais [...].** Maceió: VII Congresso Nacional de Educação, 2021.

ARROYO, Miguel González. Educação como exercício de diversidade: educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In:* SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 19-50.

ARROYO, Miguel González. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ASSAD, Beatriz Flügel. Políticas públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. **Revista Antinomias**, v. 2, n. 1, p. 140-160, jan./jun. 2021. Disponível em: http://www.antinomias.periodikos.com.br/article/60e39095a9539505a0471774. Acesso em 4 dez. 2022.

AUTORAS de ‘Segunda Chamada’ revelam que nova série surpreenderá com histórias baseadas em fatos reais. **Gshow**, Rio de Janeiro, 2 out. 2019. Disponível em: https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/noticia/autoras-de-segunda-chamada-revelam-que-nova-serie-surpreendera-com-historias-baseadas-em-fatos-reais.ghtml. Acesso em 02 nov. 2022.

AYRES, Ivonir Rodrigues. **Representações do analfabeto no cinema brasileiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

BARRETO, José Carlos; BARRETO, Vera. Um sonho que não serve ao sonhador. *In*: UNESCO**. Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Traçando metas, vencendo desafios**: experiências escolares de mulheres egressas da EJA. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BORGES, Juliette Luana. Performances trans, noires et queer dans la musique populaire: Approche intersectionnelle et spécificités du contexte brésilien. 2021. 123 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Université de Montréal, Montreal, 2021. Disponível em: https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/bitstream/handle/1866/26459/Borges_Juliette_2021_memoire.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em 2 dez. 2022.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL, Lei 6.202, de 17 de abril de 1975. Dispõe sobre o regime de exercícios domiciliares instituído Decreto-Lei nº 1.044 de 21 de outubro de 1969. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1975. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm#:~:text=L6202&text=LEI%20No%206.202%2C%20DE,1969%2C%20e%20dá%20outras%20providências>.Acesso em 2 dez. 2022.

BRASIL. Casa Civil. Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 de nov. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 dez. 2016.

BRASIL. Secretária Geral. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis n º 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 jul. 2017.

BRENNER, Ana Karina; ALVARENGA, Marcia Soares de. Migração e refúgio: desafios educativos entre desigualdades e diferenças. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, p. 2-18, maio de 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.67533. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/67533/42205. Acesso em 2 dez. 2022.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. (1984); PUCCI, B.; OLIVEIRA, N.; SGUISSARDI, V. (1994).

CARVALHO, R. C. C. *et al*. Gestão escolar democrática e EJA: o ideal e o real nas escolas públicas municipais. **Crítica Educativa**, v. 3, n. 3, p. 78, 2018. DOI: 10.22476/revcted.v3i3.228. Disponível em: https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/228. Acesso em 2 dez. 2022.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. et al. (org.) **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORDOVA, Jonara. **"Quem Soul Eu"**: a transitoriedade na performance de Linn da Quebrada por um viés interseccional. 2022. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2022.

CORREIA, Ryan Felippe de Brito. **Proposta de legenda para surdos e ensurdecidos do 1º episódio da série "Segunda Chamada"**. 2022. Monografia de Iniciação Científica (Modalidade PIBIC, EM, Letras) – Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO, Bauru, São Paulo, 2022.

COURA, Isamara G. M. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a terceira idade na educação de jovens e adultos. *In*: 31ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), 2008, Caxambu- MG. **31ª Reunião Anual da ANPED:** Constituição Brasileira, direitos humanos e educação. Caxambu: ANPED, 2008. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt18-4504-int.pdf. Acesso em 2 dez. 2022.

CRIOLA. **Dossiê**: mulheres negras e justiça reprodutiva. Criola: Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1eHGSM3DmKx1m9NbXEqrFBKRQQnZgeoBx/view?usp=sharing. Acesso em 2 dez. 2022.

CRUZ, Meiriele. **Educação de Jovens e Adultos na Universidade Federal de Minas Gerais**: (re)construindo a história do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento – (1986-2016). 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

DE OLIVEIRA, P. L. O sagrado transgressor nos corpos incandescentes de Linn da Quebrada e Baco Exu do Blues. **Proa**: Revista de Antropologia e Arte, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 147-167, 2022. DOI: 10.20396/proa.v11i2.16562. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16562. Acesso em 2 dez. 2022.

DENNISON, Stephanie. Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 60, p. e206005, 2020. DOI: 10.1590/18094449202000600005. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664562. Acesso em 2 dez. 2022.

DI PIERRO, Maria C; HADDAD, Sérgio. Escolarização de Jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Salvador, n. 14, p. 108-194, 2000.

DOI: 10.1590/S1413-24782000000200007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/abstract/?lang=pt. Acesso em 2 dez. 2022.

DUARTE, Evandro Charles Piza. Epistemologias dos armários: novas performances públicas e táticas evasivas na sociedade da informação. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói, v. 8, n. 20, p. 425-459, maio./ago. 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/52376. Acesso em 2 dez. 2022.

EMEDIATO, Carlos Alberto. Educação e transformação social. **Análise Social**, v. 14, n. 54, p. 207-217, 1978. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41010296. Acesso em 2 dez. 2022.

EMICIDA. **Amarelo.** São Paulo: Laboratório Fantasma: 2019. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU. Acesso em 2 dez. 2022.

FAGUNDES, Rodrigo Quevedo. **Identidades transviadas midiáticas em videoclipes e suas apropriações por pessoas trans**. Orientador: Dr. Flavi Ferreira Lisbôa Filho. 2021. 145 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/handle/1/25750. Acesso em 2 dez. 2022.

FERREIRA, Judivan Alves. *Segunda Chamada*: a representação do professor de arte na educação de jovens e adultos. **#Tear**: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 10, n. 1, p. 1-21, 2021. Disponível em: https://dev7b.ifrs.edu.br/site_periodicos/periodicos/index.php/tear/article/view/4988. Acesso em 2 dez. 2022.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. DOI: 10.1590/S0100-15742001000300009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 2 dez. 2022.

FORUM EJA RIO. Campanha do Fórum EJA RJ, "Vem para escola pública, vem para a EJA". **Youtube,** Forum EJA RIO, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CWAhotStktM. Acesso em: 2 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Cartas à guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GADOTTI, Moacir. Educação de Adultos como direito humano. **EJA em Debate**, Florianópolis, ano 2, n. 2, jul. 2013. Disponível em: https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1004. Acesso em 2 dez. 2022.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. *In*: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 27-58.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GIOVANETTI, Maria Amélia. A formação de educadores de EJA: o legado da Educação Popular. *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 243-254.

GOLDEMBERG, José. Agora tem professor no MEC. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed. 136, cad. 1- Política e governo, p. 4, 22 ago.1991.

GOMES, Carolina. **A representação midiática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil a partir da série '*Segunda Chamada*'**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. DOI: 10.17771/PUCRio.MIGUEL.53107.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em revista,** v. 34, e197406, 2018. DOI: 10.1590/0102-4698197406. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/yyLS3jZvjjzrvqQXQc6Lp9k/abstract/?lang=pt. Acesso em 2 dez. 2022.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Bolsonaro é denunciado por genocídio em Haia, em processo guiado por advogado indígena. **El País Brasil**, Madri, p. 4-7, 9 ago. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-09/bolsonaro-e-denunciado-por-genocidio-em-haia-em-processo-guiado-por-advogado-indigena.html. Acesso em 2 dez. 2022.

GOUVEIA, Diego. Discursos sobre transexualidade e direitos a partir de Britney em A Dona do Pedaço e Michelly em Bom Sucesso. *In:* XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Parintins-BA, dez. 2020. **Anais [...]**. Intercom: UFBA, 2020.

GREEN, Elliot. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)?. **Impact of Social Sciences**, p. 1-7, 12 maio 2016. Disponível em: http://eprints.lse.ac.uk/id/eprint/66752. Acesso em 2 dez. 2022.

HADDAD, S. **Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos** – EJA. São Paulo: Global, 2007.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua da Educação 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques. Acesso em 2 dez. 2022.

KARTER, Jonathan. **Adoração e aberração**: retóricas em torno de candidaturas proporcionais transexuais e travestis nos portais Uol e Globo nas eleições municipais de 2020. 2022. 90 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, 2022.

KREIN, José Dari; OLIVEIRA, Roberto Véras de; FILGUEIRAS, Vitor Araújo. As reformas trabalhistas: promessas e impactos na vida de quem trabalha. **Cad. CRH**, Salvador, v. 32, n. 86, p. 225-229, ago. 2019. DOI: 10.9771/ccrh.v32i86.33188. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000200225&lng=en&nrm=iso. Acesso em 2 dez. 2022.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. A constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 210-228, jan./abr. 2012. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/laffin.htm. Acesso em 2 dez 2022.

LEAL, Plinio Marcos Volponi; SANTOS, Daniel Ribeiro dos. A desmistificação e a humanização do transexual: uma análise audiovisual holística da série "*Segunda Chamada*". *In:* V Simpósio de Discursividades Midiáticas, Frutal-MG, nov. 2020. **Anais [...]**. Frutal-MG: UEMG, 2020.

LEIGHT, Jessica. Intimate partner violence against women: a persistente and urgent challenge. **The lancet**, v. 399, n. 10327, p. 770-771, 26 fev. 2022. DOI: 10.1016/S0140-6736(22)00190-8. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(22)00190-8/fulltext. Acesso em 2 dez. 2022.

LICHOTTI, Camille; MAZZA, Luigi; BUONO, Renata. Os abortos diários do Brasil. **Piauí**, São Paulo, 24 ago. 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/os-abortos-diarios-do-brasil/. Acesso em 2 dez. 2022.

LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa; COSTA, Ana Maria; RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon. Reforma da previdência: o golpe fatal na seguridade social brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 120, p. 5-14, mar. 2019. DOI: 10.1590/0103-1104201912000. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n120/5-14/. Acesso em 2 dez. 2022.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

LOPES, Aldaci Santos. **Televisão e mediação**: um estudo de caso na EJA em Boa Vista do Lobato. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

MACHADO, Mariangela. **Educação de Jovens e Adultos e seus sujeitos:** um estudo de caso sobre a série “Segunda Chamada”. Orientador: Profª Ana Karina Brenner. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MARTINS, A. P. **O teatro como possibilidade metodológica de ensino e aprendizagem para a Educação de Jovens e Adultos – EJA**. 2013. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Teatro) –Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MARX, K. **O Capital**. Livro I: crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro chama Paulo Freire de ‘energúmeno’ e diz que TV Escola ‘deseduca’. **G1**, Brasília, p. 1-3, 16 dez. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml. Acesso em 2 dez. 2022.

MELO, Thiago Brañas de; CHRISPINO, Alvaro. Concepção de não neutralidade dos modelos matemáticos: uma experiência no ensino médio. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v. 15, ed. 1, p. 125-146, 2013. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/10783. Acesso em 2 dez. 2022.

MOREIRA, Diego Gouveia. "Meu nome é Natasha": Novas narrativas sobre transgeneridade na ficção seriada brasileira a partir da conquista de direitos. **Revista de Comunicação, Cultura e Política**, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, v. 20, ed. 41, jul.-set. 2020.

MOURA, Iuri Ianiski de; BAHIA, Eliana Maria dos Santos. Perspectivas do profissional de arquivo sob o olhar das obras audiovisuais. **ÁGORA: Arquivologia em Debate**, Florianópolis, Brasil, v. 31, n. 63, p. 01-17, 12 jul. 2021. Disponível em: https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1000. Acesso em: 2 dez. 2022.

NEGRÃO, Felipe da Costa. O retrato da Educação de Jovens e Adultos na série *Segunda Chamada*. *In*: FERREIRA, Artur Vianna *et al*. **Gestão, currículo e metodologia na pedagogia social**. Anhangabaú, São Paulo: Paco e Littera, 2020.

NEVES, Fátima Maria. A história da educação no Brasil: a trajetória de um campo de ensino e de pesquisa. *In*: NEVES, Fátima Maria; ROSSI, Ednéia; RODRIGUES, Elaine. (org.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2009. v. 4, p. 1-14.

NEVES, Thiago Tavares das. O grito da quebrada – a potência interseccional como arma no mainstream. **Animus**: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, v. 20, n. 42, p. 164-180, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/40142. Acesso em 2 dez. 2022.

NEVES, Thiago Tavares das; SCUDELLER, Pedro de Assis Pereira. O remix como aposta subjetiva, sexual e política em Linn da Quebrada. *In:* XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Parintins-BA, dez. 2020. **Anais [...]**. Intercom: UFBA, 2020.

OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL. **Relatório parcial nº 001/2021.** Florianópolis: Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, 2021. Disponível em: https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/parcial-2021/. Acesso em 2 dez. 2022.

OLIVEIRA, Alan de Freitas. **Comportamento de consumidores de serviços de streaming**: um estudo de caso de usuários da Netflix no Brasil e em Portugal. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Contabilidade e Administração, Instituto Politécnico do Porto, Porto, 2019.

PADILHA, Patricia Carvalho. Arte imigrante: inclusão, identidades e sobrevivência. *In*: III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias, Universidade Federal de Sergipe, out. 2020. **Anais [...].** Aracaju: UFS, 2020.

PAIVA, J. Teleducação, televisão e desenvolvimento da leitura. *In*: Ribeiro, V. M. (org.). **Educação de Jovens e Adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas: Ação Educativa, 2001.

PEREIRA, Lívia Maria; DIAS, Morena; ROLIM, Mário. “Se me calam é porque minha voz assusta”: política e performance musical a partir do cancelamento de Linn da Quebrada na Parada LGBTQ+ de João Pessoa (PB). **Revista Tropos**: Comunicação, Sociedade e Cultura, Rio Branco, v. 9, ed. 2, p. 1-28, dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3977. Acesso em 2 dez. 2022.

PIRES, Gustavo Matheus. **A representação de identidades dissidentes na série de TV Pose**: o socioleto queer nas legendas para o português. Orientador: Daniel Padilha Pacheco da Costa. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

POBREZA MENSTRUAL no Brasil: desigualdade e violações de direitos. **Unicef Brasil**, 2022. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/relatorios/pobreza-menstrual-no-brasil-desigualdade-e-violacoes-de-direitos. Acesso em 2 dez. 2022.

POBREZA menstrual: entenda a importância de combater esse problema de saúde pública. **Globoplay**, Fantástico, Rio de Janeiro, 10 out. 2021. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/9935672/. Acesso em 2 dez. 2022.

RIBEIRO, Vera Masagão; CATELLI JR, Roberto; HADDAD, Sérgio (org.). **A avaliação da EJA no Brasil**: insumos, processos, resultados. Brasília: Instituto Nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira, 2015.

RISTUM, M. Violência na escola, da escola e contra a escola. *In*: ASSIS, S. G., CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (org.). **Impactos da violência na escola**: um

diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. p. 65-93.

SABINO, Heli Sabino de Oliveira. **Jovens pentecostais e escola noturna**: significados atribuídos às experiências escolares. Orientador: Leôncio José Gomes Soares. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SANTANA, Camila Lima Santana e; SALES, Kathia Marise Borges. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia covid-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, p. 75-92, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p75-92. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181/4130. Acesso em: 2 dez. 2022.

SANTOS, D. R.; LEAL, P. M. V. **A desmistificação e a humanização do transexual**: uma análise audiovisual holística da série "*Segunda Chamada*". *In*: VI Simpósio de Discursividades Midiáticas, Frutal-MG, nov. 2020. **Anais [...]**. Frutal-MG: UEMG, 2020.

SANTOS, G. L. dos. **Educação ainda que tardia**: a exclusão da escola e a reinserção em um programa de Educação de Jovens e Adultos de camadas populares. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SEGUNDA CHAMADA. Escrito por Carla Faour e Julia Spadaccini. São Paulo, Rio de Janeiro: O2 Filmes, Globo, 2019. 11 episódios.

SEGUNDA CHAMADA. Escrito por Carla Faour e Julia Spadaccini. São Paulo, Rio de Janeiro: O2 Filmes, Globoplay, 2021. 6 episódios.

SILVA, Everton Vitor Pontes da. **Fluxos musicais paulistanos alternativos entre ruas e redes: territorialidades, performatividades e negociações nos ativismos *queer***. Orientador: Simone Luci Pereira. 2020. 214 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2020.

SANTOS, Renato Faria dos. **O acolhimento da população em situação de rua:** experiência do núcleo de trabalho educativo da EPA. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, F.; SOARES, L. J. G.; SOARES, R. C. S. As especificidades nas propostas de Educação de Jovens e Adultos. **Prezi:** Rafaela Soares, 3 out. 2015. Disponível em: http://prezi.com/5vpn-6i1t9bk/asespecificidades-nas-propostas-de-educacao-de-jovens-e-adultos/. Acesso em 2 dez. 2022.

SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues; SOARES, Leôncio. Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e227768, 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022021000100706&lng=en&nrm=iso. Acesso em 2 dez. 2022.

SILVA, Jerry Adriani da. **Diversidade sexual na educação de jovens e adultos (EJA):** limites e possibilidades da efetivação do direito à educação. Orientador: Prof.

Dr. Leôncio José Gomes Soares. 2016. 328 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Jerry Adriani da. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de Educação de Jovens e Adultos - EJA**: Tudo junto e misturado!. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Natalino Neves da. Educação de jovens e adultos e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. **Crítica Educativa**, Sorocaba-SP, v. 3, n. 3, p. 200-213, ago./dez. 2018. DOI: 10.22476/revcted.v3i3.260. Disponível em: https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/260. Acesso em 2 dez. 2022.

SILVA, Vanessa Miranda. **Estilo ficcional televisivo em séries brasileiras**: um estudo de "*Segunda Chamada*", da Rede Globo. Orientador: Profª Drª Patrícia Iuva. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SOARES, Leôncio J. G. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. **Educação em Revista**, UFMG, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 303-322, 2011. DOI 10.1590/S0102-46982011000200014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/qFdTzwT7cfKzvtjNfWbXndr/abstract/?lang=pt#ModalArticles. Acesso em 2 dez. 2022.

SOARES, Leôncio J. G. **Educação de Jovens e Adultos**: O que revelam as pesquisas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Leôncio J. G. O educador de jovens e adultos e sua formação. **Educação em Revista**, UFMG, Belo Horizonte, v. 47, p. 83-100, 2008. DOI: 10.1590/S0102-46982008000100005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/br3HrgNWhwfNKhwFmZ3jNkD/?lang=pt.

SOARES, Leôncio J. G. O educador de jovens e adultos em formação. *In*: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 29. **Anais eletrônicos**. Caxambu: ANPED, 2006.

SOARES, Leôncio J. G. **Trajetórias compartilhadas de um educador de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, Leôncio J. G.; SOARES, Rafaela C. e S. O Reconhecimento das especificidades da Educação de Jovens e Adultos: constituição e organização de propostas de EJA. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**: Dossiê Educação de Jovens e Adultos, Arizona, Estados Unidos, v. 22, ed. 66, p. 1-26, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2750/275031898083.pdf. Acesso em 2 dez. 2022.

SOARES, Leôncio J. G.; VENANCIO, Ana Rosa. Tensões, contradições e avanços: a educação de jovens e adultos em uma escola municipal de Belo Horizonte. **Educ. rev.,** Curitiba, n. 29, p. 141-156, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 3 maio 2021.

SOARES, R. C. E. O educador de jovens e adultos e sua formação na Faculdade De Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Jacione Borges de. “Que horas elas voltam?": sentidos da educação para funcionárias terceirizadas do Instituto Federal do RN. **UFRN**, Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade, 2019. Disponível em: https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2007. Acesso em 2 dez. 2022.

SOUZA, Rafael Pinheiro. Cruzando arte, resistência e dissidências sexuais e de gênero: reflexões a partir da produção musical de Linn da Quebrada. *In*: ROCHA, W. H. A.; PIRES, A. M. **Gênero e sexualidade: resistências dissidentes na contemporaneidade**. Catu-BA: Bordô Grená, 2021. p. 77-100.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa I**: a árvore da liberdade. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.

THOMPSON. E. P. **Os românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

TORRES, Gabriela. A escola em *Segunda Chamada*: uma análise da narrativa ficcional. *In:* XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Parintins-BA, dez. 2020. **Anais [...]**. Intercom: UFBA, 2020.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Unicef Brasil, 2022. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em 2 dez. 2022.

VACCAREZZA, T. **A docência na educação de pessoas jovens e adultas**: sentidos, experiências e possibilidades. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

VALENTIM, Maria Lucas Pereira. **Do Cílio à Navalha**: montação na cena carioca Orientador Manoel Silvestre Friques. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2019.

VIEZZER, SIMONI. **Aprendendo a ler/ver televisão na Educação de Jovens e Adultos**: desafios e possibilidades. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WEINTRAUB, Abraham. **Acabei de colocar em meu canal [...].** [on-line], 21 mai. 2020. Twitter: @AbrahamWeintraub. Disponível em: https://twitter.com/AbrahamWeint/status/1263643335232716800. Acesso em 3 dez. 2022.

XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6683. Acesso em 2 dez. 2022.

ZACARIOTTI, Daniel. **Que termine em nós e desate**: Epistemologia e fabulação a partir da (re)apresentação documental de uma “Bixa Travesty”. Orientador: Rosamaria Luiza de Melo Rocha. 2022. 137 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2022.

ZACARIOTTI, Daniel; ROCHA, Rose de Melo. Autoria deslocada e audiovisualidades engajadas em “Bixa Travesty”. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, Florianópolis, jan./jun. 2021. DOI: 10.22475/rebeca.v10n1.699. Disponível em: https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/699. Acesso em 2 dez. 2022.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, Editora UFPR, Curitiba, n. especial 2, p. 259-276, 2010. DOI: 10.1590/S0104-40602010000500016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/K7cJTTmXvLT3ZFKpCkdJ7BL/abstract/?lang=pt. Acesso em 2 dez. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/ A Sr.(a)_____
está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa **"AS ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE DA SÉRIE SEGUNDA CHAMADA"**, que tem como objetivo analisar a série *Segunda Chamada* tomando como base as Especificidades da Educação de Jovens e Adultos. Esta pesquisa visa compreender o contexto de produção da série *Segunda Chamada*; identificar a concepção de EJA abordada pela série; analisar características apresentadas na cenas tendo como base as Especificidades da Educação de Jovens e Adultos, no que se refere aos eixos: diversidade de sujeitos, proposta curricular, recursos didáticos, princípios da Educação Popular, formação dos profissionais da EJA, políticas públicas; além de analisar a percepção dos sujeitos da EJA acerca da visão de EJA passada na série.

A investigação será desenvolvida tendo como referência teórico-metodológica a pesquisa qualitativa. Para isto, o instrumento de produção de dados será a entrevista semiestruturada a ser desenvolvida no formato totalmente remoto sem envolver a presença física da pesquisadora e do participante da pesquisa devido ao contexto pandêmico da Covid-19. Portanto, o contato entre pesquisadora e participante será realizado em ambiente virtual, através da ferramenta Google Meet e a pesquisadora irá disponibilizar o link sua realização no dia e horário combinado previamente. As entrevistas no ambiente virtual serão gravadas a partir do seu consentimento no início do processo, e o tempo estimado é de 60 minutos. Salienta-se que as entrevistas vídeo gravadas serão transcritas e apresentadas aos participantes da pesquisa, antes de sua publicação, para análise e alterações, caso achem necessário. Não utilizaremos a imagem das entrevistas. Os pesquisadores responsáveis farão o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local. Os resultados das interpretações dos dados ficarão à disposição para a livre consulta a quem se interessar, com os responsáveis pela pesquisa. Os participantes terão direito a um ressarcimento por parte dos pesquisadores caso se sintam prejudicados por terem participado da pesquisa. Qualquer dúvida sobre a pesquisa o pesquisador responsável deverá ser contatado.

Os riscos à saúde física das participantes são mínimos, porém como será realizada entrevista semiestruturada em ambiente virtual, o tempo para a execução deste procedimento poderá causar cansaço mental. Caso o(a) Sr(a). relate cansaço, os procedimentos poderão ser suspensos e continuar em data posterior.

Para participar deste estudo o(a) Sr(a). não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira**.** O(a) Sr(a). terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar em qualquer momento e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que a Sra. será atendida pelos responsáveis pela pesquisa. A sua identidade será resguardada de forma sigilosa. O(a) Sr(a). não será identificada em nenhuma publicação que este trabalho possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será recolhida e arquivada pelos responsáveis pela pesquisa e a outra será fornecida à Sr(a).

Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com os pesquisadores responsáveis por um período de 5 (cinco) anos e, após, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e

científicos.

Rubrica do pesquisador: _____
*Rubrica do participante:*_____

Eu,
_____,
portador(a) do documento de Identidade _____ fui informada dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **"AS ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE DA SÉRIE SEGUNDA**

CHAMADA", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do/a participante:

_____Data:_____
Assinatura da participante:
_____

Nome completo do Pesquisador Responsável:
Leôncio José Gomes Soares
Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte
Telefones: (31) 3409-5320
E-mail: leonciogsoares@gmail.com

Assinatura do pesquisador responsável

_____Data: _____

Nome completo da Pesquisadora:
Endereço: Anna Carolina de Paiva Leal
Telefones: (31) 995101521
E-mail: anna.caroldpaiva@gmail.com

Assinatura da pesquisadora

_____Data: _____

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: **COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**
Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.
Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.
E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 3409-4592.

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AUTORA

Entrevista com _____ realizada no dia 23 de fevereiro de 2022.

Objetivo: entender o contexto de produção e a motivação das escolhas

1- O que motivou a produção da série *Segunda Chamada*? Como foi a recepção da emissora?

2- Como foi o processo de construção dos personagens? os estudantes, os professores, o gestor.

3- Como chegaram aos temas abordados?

4- Como foi a escolha da trilha sonora?

5- Por que optaram pelos depoimentos?

6- A série acontece em uma escola pública, por outro lado os depoimentos se passam com estudantes do SESI. O que levou vocês a essas opções?

7- Vocês receberam comentários e críticas durante a exibição da série? O que as pessoas disseram?

8- O que as levou a nomear de ensino noturno ao invés de EJA?

9- Quando vocês produziram a primeira, já tinham em mente a segunda temporada?

10- Assisti a segunda temporada e percebi que foram acrescentadas novas temáticas. O que vocês destacam de diferenças entre as duas jornadas?

11- Tem perspectiva para terceira? Vocês já pensam em outras temáticas que não foram abordadas?

12- Gostaria de poder entrevistar alguns atores. Vocês poderiam intermediar o contato com eles?

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ATRIZ/ ATOR

Entrevista com _____ realizada no dia _____.

Objetivo: entender os desafios e potencialidades detectados no contexto de gravação da série.

1- Como foi receber o convite para atuar na série, esse contato inicial com você?

2- Como foi a sua preparação para atuar?

3- Você já conhecia algo da Educação de Jovens e Adultos? (Diversidade dos sujeitos, como você vê?)

4- Como foi o processo de construção da personagem Lucia? Como você a avalia?

5- A vida dos professores tem muitos desafios. Como você vê isso?

6- Tensão do Jaci com a Lucia por ela ser uma personagem que se envolvia com os problemas enfrentados pelos estudantes. Como você identifica o misto de realidade e ficção na personagem? A Lúcia existe?

7- Teve alguma cena que foi mais difícil entre as que aconteceram?

8- Quais desafios e potencialidades você identificou nessa atuação?

9- Vocês receberam comentários e críticas durante a exibição da série? O que as pessoas disseram?

10- O que achou da experiência?

11- A serie mudou quem você é?

12- A série impactou no seu conhecimento sobre a EJA? Você chegou a conhecer um pouco mais sobre a realidade atual antes ou depois da série? A gente viu seu vídeo do fórum de EJA, você faz o convite as pessoas voltarem a escola. Como você vê a Educação de Jovens e Adultos? Qualquer pessoa pode trabalhar na EJA ou é necessário uma preparação especifica? O que seria bom para formação?

13- Você foi convidada para falar em alguma escola ou para pessoas da área da educação? Se sim, como foi isso?

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM DIRETOR DA EJA

1. Como contactaram a escola para realização da visita? O que buscaram “conhecer” ao fazer contato com a EJA?
2. Como foi a visita?
3. O que você achou da visita?
4. Outras pessoas que procuraram a escola?
5. Qual sua opinião sobre a série *Segunda Chamada*?
6. O que acha que eles aprenderam com a visita?